



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Campus I – Rodovia BR 285, Km 292

Bairro São José – Passo Fundo, RS

CEP: 99.052-900

E-mail: ppgletras@upf.br

Web: www.ppgl.upf.br

Fone: (54) 3316-8341

Rolcinéia Rodrigues Boff

**IDOSOS DE VERANÓPOLIS:
suas leituras do passado em narrativas do presente**

Passo Fundo, novembro 2015

Rolcinéia Rodrigues Boff

**IDOSOS DE VERANÓPOLIS:
suas leituras do passado em narrativas do presente**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Ricardo Becker.

Passo Fundo

2015

A meu esposo e a minha filha, que suscitam o que há de melhor em mim.

Agradecimentos

À minha família, por seu amor e apoio, sempre.

Aos professores das disciplinas cursadas, por seu profissionalismo. E em especial ao meu orientador, Dr. Paulo Ricardo Becker, por sua paciência e disponibilidade, desde o início.

Às colegas do mestrado, por seu companheirismo, mesmo de longe, e por acreditarem em mim.

A cada um dos idosos veranenses, participantes deste estudo, por sua generosidade em compartilhar conosco seu tempo, suas histórias de leitura e de vida.

À Coordenação do Projeto Veranópolis, pela receptividade e confiança.

Aos coordenadores do Museu de Veranópolis e do Museu dos Capuchinhos, pela amistosa acolhida.

É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores, em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam. Não nos lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto não nos tornamos um ser social.

Maurice Halbwachs (2003, p. 43)

RESUMO

Idosos de Veranópolis: suas leituras do passado em narrativas do presente caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e como um estudo de caso, desenvolvida com base em histórias de leitura protagonizadas por oito sujeitos participantes do Projeto Veranópolis, o qual vincula estudos acerca do envelhecimento humano à qualidade de vida no município serrano gaúcho, conhecido como a Terra da Longevidade. Esta pesquisa tem por objetivo registrar as narrativas de experiências e descobertas feitas pelos participantes deste estudo em sua infância e juventude relacionadas com a leitura, na cidade de Veranópolis. O problema de pesquisa consiste no questionamento: como é possível identificar os materiais literários e não literários que fizeram parte da formação leitora do público alvo até meados do século XX? Para tanto, destaca-se como principal base teórica os registros de memórias de idosos (BOSI, 1987, 2003), a história da leitura (MANGUEL, 1999) e a memória coletiva (HALBWACHS, 2006). A análise dos dados coletados foi realizada em três partes: primeiramente uma análise das narrativas, seguida da análise dos livros acessados: conforme sua fonte de origem e também quanto à categorização dos tipos de leitura, considerando individualmente cada uma das fontes dos livros. Em relação às entrevistas, a pesquisa traz reflexões acerca da linguagem e da legitimidade para a fala (CHARAUDEAU, 2008), de marcas das categorias da narrativa, identificando a imagem do narrador e a imagem do leitor (BARTHES, 2011) e a participação do indivíduo em sua cultura (LARAIA, 2006).

Palavras-chave: Veranópolis. Idosos. Histórias de leitura. Formação leitora. Memória.

ABSTRACT

Elderly from Veranópolis: readings from the past in narratives in the present is characterized as a qualitative research, and as a case study as well, developed on the basis of reading stories featuring eight participants in the Projeto Veranópolis, which binds studies regarding human aging to quality of life in a town located in the mountains of Rio Grande do Sul state known as the Land of Longevity. This research aims to record the stories of experiences and findings of the subjects involved in this study in their childhood and their youth related to reading, in the town of Veranópolis. The research problem consists of the question: How is it possible to identify the literary and non-literary materials which were part of the reading formation of the target audience until the middle of the XX century? To this end, the main theoretical basis stands out as the records of elderly memories (BOSI, 1987, 2003), the history of reading (MANGUEL, 1999), and the collective memory (HALBWACHS, 2006). The data analysis was conducted in three parts: first an analysis of the narratives, followed by the analysis of the accessed books: according to their sources of origin as well as categorization of the types of reading, individually considering each of the book sources. Regarding the interviews, the research brings some reflections on the language and the legitimacy for the speech (CHARAUDEAU, 2008), on the marks of narrative categories, identifying the image of the narrator and the image of the reader (BARTHES, 2011), and the participation of the individual in their culture (LARAIA, 2006).

Keywords: Veranópolis. Elderly. Reading Stories. Reading Formation. Memory.

RIASSUNTO*

Anziani di Veranópolis: loro letture del passato in racconti del presente s'intende come una ricerca qualitativa e uno studio di caso, svolto sul tema: storie di letture eseguite da otto partecipanti del Progetto *Veranópolis*, il cui collega studi dell'invecchiamento umano alla qualità di vita del comune della montagna *gaúcha*, conosciuto come la "Terra della longevità". Questa ricerca ha l'obiettivo di registrare i racconti, le esperienze e scoperte fatte dai partecipanti di questo studio nella loro infanzia e loro gioventù, rispetto alla lettura nella città di *Veranópolis*. Il problema da risolvere, è rispondere la domanda: "Com'è possibile identificare i materiali letterari e non letterari che hanno fatto parte nella formazione della lettura del pubblico scelto, entro l'inizio del XX secolo"? Su questo, abbiamo avuto come base teorica principale le registrazioni a memoria degli anziani (BOSI, 1987, 2003); la storia della lettura (MANGUEL, 1999); la memoria collettiva (HALBWACHS, 2006). L'analisi di questo studio è stata svolta in tre parti: prima, un'analisi dei racconti, e, poi, analisi dei libri accessibili: secondo loro fonte d'origine e, anche, quanto alla categorizzazione dei tipi di lettura, considerando, individualmente ognuna delle fonti da dove abbiamo ottenuto i libri. Rispetto alle interviste, la ricerca porta riflessioni quanto il linguaggio e la legittimità del parlare (CHARAUDEAU, 2008); segni delle categorie dei racconti, identificando l'immagine do narratore e, quella del lettore (BARTHES, 2011) e la partecipazione dell'individuo nella sua cultura (LARAIA, 2006).

Parole-chiave: Veranópolis. Anziani. Storie di lettura. Formazioni leggere. Memoria.

* Utilizamos a tradução do resumo em italiano como homenagem aos sujeitos que participaram desta pesquisa, por sua descendência italiana.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	VERANÓPOLIS: LOCAL E AMBIENTE DOS SUJEITOS DA PESQUISA	13
3	LEITURA E MEMÓRIA: RELAÇÃO INTERDEPENDENTE	22
3.1	Ler: um mundo dado a conhecer	22
3.2	A memória de cada um e a memória de todos.....	30
4	METODOLOGIA: PERGUNTAR, APRENDER, LEMBRAR, ENSINAR....	33
5	OS IDOSOS VERANENSES E SUAS HISTÓRIAS DE LEITURAS	41
5.1	Os sujeitos da pesquisa	41
5.2	As histórias e as leituras	43
5.2.1	C.C. 1926.....	43
5.2.2	F.T.M. 1930.....	46
5.2.3	L.M.R.1931	48
5.2.4	R.P.1936.....	52
5.2.5	L.R.B.1940	55
5.2.6	A.R.1940.....	57
5.2.7	I.F.L.1940	61
5.2.8	H.F.S.1942.....	65
6	ANÁLISES.....	68
6.1	As oito histórias de leitura analisadas	68
6.2	Análise das obras – coleções de livros acessados pela pesquisa	78
6.3	As três fontes de origem dos livros acessados pela pesquisa	81
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
	REFERÊNCIAS	93
	ANEXOS	95
	ANEXO A.....	96
	ANEXO B.....	97
	ANEXO C.....	103
	ANEXO D.....	109
	ANEXO E.....	113
	ANEXO F	116

1 INTRODUÇÃO

Idosos de Veranópolis: suas leituras do passado em narrativas do presente é um estudo que apresenta como temática a memória das histórias de leituras de oito idosos veranenses, com idades entre 73 e 89 anos, todos alfabetizados, a partir de entrevistas e relatos sobre as leituras realizadas por eles até meados do século XX. A pesquisa centraliza-se em fatos vivenciados por essas pessoas, cujas narrativas referem-se ao tempo em que, ainda muito jovens, tiveram experiências marcadas pela leitura, no município serrano gaúcho de Veranópolis, que inicialmente chamava-se Alfredo Chaves.

Justificamos a escolha da faixa etária do público-alvo pelo fato de ser Veranópolis referência em estudos acerca de longevidade e qualidade de vida, o que oportunizou o fácil acesso a pessoas que poderiam ser convidadas a participar de nosso estudo, e que já fazem parte do Projeto Veranópolis¹. Os participantes desse projeto são indivíduos organizados em grupos e participam de atividades regulares para controle da saúde geral e também de propostas recreativas em local já determinado pelos condutores do projeto.

O objetivo principal a que nos propomos, é o de registrar as narrativas de experiências e descobertas de leitura feitas pelos participantes desta pesquisa, em sua infância e juventude. Desta forma, pretendemos popularizar e valorizar a realidade da estimulação leitora a que tinham acesso nossos colaboradores de Veranópolis até meados do século XX. Nosso estudo propõe-se, ainda, a colaborar para a divulgação da cultura local por meio dos registros de experiências leitoras e da memória dos idosos veranenses, participantes desta pesquisa. Para tanto, optou-se pela realização de um estudo de caso, abordando o problema de modo qualitativo, com a coleta de dados por meio de pesquisa de campo, com questionário e entrevistas.

Pelas histórias de leitura relatadas, passamos a conhecer também os materiais de leitura disponíveis para uso naquela época. E, tendo como estímulo estudos locais sobre a longevidade, esta pesquisa pretende colaborar para também melhorar a qualidade de vida das próximas gerações, uma vez que será mais uma fonte de informação e conhecimento da identidade cultural acerca da vida dos indivíduos residentes no

¹ Projeto investigativo sobre o processo de envelhecimento e longevidade na cidade de Veranópolis-RS, desenvolvido desde 1994 sob a responsabilidade do Médico Geriatra Dr. Emílio Moriguchi.

município de Veranópolis e nas localidades interioranas que o formam há mais de meio século. Assim, de início apresenta-se brevemente o passado veranense relacionado também à leitura e às vivências dos idosos colaboradores deste trabalho. Por isso, pode ser um estímulo para que outras pessoas façam algo semelhante, marcando um tempo e um local, deixando registros de um modo de entender o que foi experienciado.

O problema a que nos propusemos a investigar foi assim definido: Como é possível identificar os materiais literários e não literários que fizeram parte da formação leitora do público-alvo até meados do século XX?

A pesquisa de Janice Andrighetti, *Histórias de vida e memórias de leitura de idosos de Paim Filho*, por meio da qual conhecemos também a dissertação de Marilene de Carli Bonafé (2007), *Memória, literatura e cultura: as vozes de mulheres italianas*, que tem como público-alvo pessoas idosas e o registro de suas histórias, preservando-as. Tendo-os como exemplo, este trabalho também valoriza as memórias de vida dos idosos participantes da pesquisa, com foco nas histórias de leitura e de vida a partir de relatos que nos remetem às dinâmicas leitoras de que participaram em sala de aula, em família e na comunidade quando eram crianças ou jovens.

O desenvolvimento deste trabalho organiza-se em cinco partes. Na primeira, é dada a conhecer a cidade de Veranópolis, situada na serra gaúcha, onde residem os entrevistados, em cujos relatos observam-se marcas da formação e do desenvolvimento político e cultural de um município centenário. Apresentam-se registros históricos do município e da sua colonização por imigrantes italianos, tendo o apoio das obras *História de Veranópolis* (1992) e *Raízes de Veranópolis* (1998), de Geraldo Farina e Rovílio Costa, respectivamente; e do *Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul* (1950), um lançamento da Revista do Globo S.A.

E como o foco principal é a formação leitora dos sujeitos entrevistados, desde a infância até em torno de 20 anos de idade, a segunda parte traz informações acerca da leitura, tanto no que se refere à sua historicidade bem como a leitura estimulada em diversos ambientes, como o familiar, o escolar e em bibliotecas públicas. Como principal embasamento teórico destacam-se os trabalhos de Ecléa Bosi (1987, 2004), com registros de memórias de idosos, e de Alberto Manguel (1999), com a história da leitura. Assim, apresentamos a particularidade do despertar para a leitura, marcado nas vivências de cada um dos participantes.

Na sequência, apontam-se aspectos fundamentais acerca da importância da memória, considerando especialmente a faixa etária dos entrevistados. Em um trabalho de investigação, no qual se busca registrar informações relacionadas à leitura na infância e às fontes de estímulo para o que havia ao alcance em sua época, conhecer dados relevantes acerca de como se processa a memória e sua influência na vida do ser humano passa a ser essencial.

Por se tratar de um registro das memórias de formação leitora dos sujeitos, também temos base teórica em Maurice Halbwachs (2006), marcando aspectos acerca da memória coletiva. Assim, foi possível identificar as influências socioculturais que marcaram o desejo de ler dos sujeitos participantes deste estudo. E, por fazer parte dos registros vivenciados no envelhecimento, a memória torna-se cada vez mais importante. Com essa ênfase, o trabalho de Nadir Antônio Pichler e Astor Antonio Diehl (2013) associa-se às demais bases teóricas para tratar da filosofia do envelhecimento humano.

No capítulo seguinte, o processo investigativo é descrito detalhadamente, abordando a metodologia. Logo após, o Capítulo cinco indica o *corpus* de análise, que é formado pela apresentação dos sujeitos da pesquisa, as informações de leitura colhidas junto a eles com o auxílio de um questionário² aplicado a oito colaboradores, pelos materiais escritos aos quais tivemos acesso e pela transcrição parcial³ das entrevistas registradas em gravador digital. Também fazem parte do *corpus* três listas de livros que foram indicados pelos participantes, apresentadas em anexos.

Apresentamos ao leitor os relatos das entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa, que nos permitiram conhecer as histórias de leituras de cada um, dispostas em ordem cronológica decrescente, em que o primeiro entrevistado é o mais idoso de todos; e o último relato é o do entrevistado mais jovem.

O capítulo a seguir apresenta a análise do material coletado, na qual procuramos estabelecer relação entre a literatura e a teoria aqui utilizada como referência e o *corpus* da pesquisa. Histórias de leitura é o tema do qual fizemos o recorte destacando a faixa etária e a formação leitora dos idosos veranenses participantes. Salientamos, contudo, que apesar de a média de idade ser de 81 anos, nosso enfoque se concentrou em investigar os materiais e formas de estímulo para a leitura que eles tiveram na infância e na juventude.

²Anexo A

³ Transcrição parcial porque nos detivemos em trechos mais diretamente relacionados às experiências de leitura relatadas e aos livros referidos.

2 VERANÓPOLIS: LOCAL E AMBIENTE DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Inicialmente, apresentaremos aspectos da origem e da evolução do município de Veranópolis, no que diz respeito à sua localização geográfica e aos aspectos da política e da economia locais. Por estar inserido em uma região de imigrantes italianos, o município apresenta em sua história marcas das dificuldades compartilhadas e a influência do enfrentamento e superação de barreiras naturais e culturais para seu desenvolvimento. Destacam-se, ainda, aspectos das condições de educação e da formação leitora a que tiveram acesso os participantes desta pesquisa.

Veranópolis é um município da serra gaúcha, emancipado politicamente há 117 anos. Antes, denominava-se Alfredo Chaves, e passava de colônia da cidade de Lagoa Vermelha a município autônomo pelo Decreto nº 124-B, de 15 de janeiro de 1898.

Como diversos outros municípios da região Nordeste do Rio Grande do Sul, Veranópolis foi colonizado por imigrantes italianos, que, entre os anos de 1875 e 1914, estima-se que tenham sido em número aproximado de 100 mil, conforme registros do governo central.

Os imigrantes italianos e seus descendentes viveram inicialmente à parte dos brasileiros, quase sem contato durante os primeiros 35 anos na serra gaúcha. Havia dificuldades de comunicação entre imigrantes e brasileiros, impostas especialmente pela falta de domínio dos idiomas de ambas as partes. Grande parte da limitação estava também no fato de a região destinada aos italianos ser de mata fechada, relevo acidentado e com paredões de pedra basáltica. Não havia sequer estradas ou meios de transporte rápidos com que pudessem conduzir sua produção para outros pontos consumidores.

Foi um período em que a base das atividades dos imigrantes italianos era predominantemente agrícola. Praticamente todos eram agricultores, trabalhando na terra para o sustento de suas próprias famílias. No entanto, a produção agrícola não era a única atividade a que se dedicavam. Havia a confecção de utensílios domésticos com palha de milho; preparo, armazenamento e venda de conservas de frutas e legumes; mas todas relacionadas à lida da terra.

Mesmo para os imigrantes mais instruídos, vivendo em um ambiente tão primitivo como era o Brasil na época, pouco era possível fazer além de se organizar para desbravar a mata nativa, construir moradias, plantar e criar animais para garantir

proteção e alimentação a todos. Essas foram as prioridades, determinadas pela necessidade de sobrevivência em uma região onde, no inverno, as condições climáticas podiam ocasionar baixas temperaturas, próximas a zero grau ou até negativas.

Uma das mais marcantes dificuldades de expansão comercial e cultural dos imigrantes foi a travessia do Rio das Antas. Naquela época, sem balsa nem ponte, era raro quem conseguisse embarcação e coragem para a navegação. Era muito arriscado enfrentar as águas turvas, volumosas e com corredeiras do rio.

É conhecida na história do Rio Grande do Sul a dificuldade da ultrapassagem do Rio das Antas por viajantes e por mercadorias. Os “passos” foram vencidos com muito sacrifício, bens sendo carregados pela correnteza, animais afogados e até pessoas mortas em tentativas frustradas. (COSTA, 1998, p. 43).

Manteve-se suficientemente ocupado o imigrante letrado, tanto quanto o imigrante analfabeto, pela impossibilidade de acesso a outros centros mais evoluídos, nos quais pudessem usufruir de intercâmbio cultural para si e seus descendentes nessas primeiras décadas em solo brasileiro.

Com a inauguração da Estrada de Ferro de Caxias do Sul, em 1910, interligando municípios gaúchos, as dificuldades impostas pelo relevo e a falta de estradas foram, em grande parte, superadas, permitindo o crescimento da região, inclusive com a exportação do excedente da produção. A ferrovia beneficiou não somente ao município de Veranópolis, mas a todos os circunvizinhos de colonização italiana.

A partir de 1910, foi possível também o estudo secundário e universitário para os colonizadores de ascendência italiana.

Não podemos dizer que as atividades intelectuais de caráter primário tivessem acompanhado aquele mesmo ciclo, porquanto as escolas de alfabetização difundiam-se por todos os travessões e capelas, mercê de iniciativas particulares ou religiosas e municipais. O mesmo, porém, não se pode dizer do ensino secundário e superior, que devia ser feito fora da região. Até 1925, quando se falava em profissões intelectuais, ligadas ao nome italiano, referia-se sempre ao italiano, nascido na Itália, e nunca ao brasileiro descendente do italiano imigrante. (CAMPAGNONI, 1950, p. 469-470).

A estrada de ferro trouxe, também, maior possibilidade de desenvolvimento comercial para a região gaúcha de imigração italiana. Não apenas objetos, mas pessoas e animais eram transportados nos vagões, com essa diversidade e possibilidade de interação, o intercâmbio cultural entre o imigrante italiano da serra gaúcha foi amplamente fortalecido.

Veranópolis teve gradativa expansão de suas relações comerciais para outros municípios, a partir do advento da estrada de ferro, iniciando exportação de alguns de seus produtos para países vizinhos. E o comércio local, melhor organizado ao longo do tempo, destacava-se, no final da década de 1940, em diversas funções, como: fábricas de palhas para cigarros; fábricas de laticínios; transportes; lojas de venda de automóveis; empresas de processamento de madeira (confeção de caixas, tábuas); beneficiamento de erva-mate; moinhos de trigo e de milho; processamento de frutas e legumes (doces em pasta, em pedaços, conservas); fábrica de banha e produtos suínos; indústria de máquinas agrícolas da marca Brazilia.

Muitas das empresas representantes das atividades descritas mantêm-se ativas até a atualidade, passando-se de pais para filhos as responsabilidades de quem tem tradição e capacidade para evoluir em aprimoramento tecnológico e em novos conhecimentos inerentes às atividades que desenvolvem.

J.P. Coelho de Souza, um dos autores do *Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana*, refletindo acerca da educação na região colonial italiana, faz:

[...] uma apreciação do desdobramento do ensino público no Rio Grande do Sul e, decorrentemente, na região onde se processou a colonização itálica, vale dizer – na região que recebeu as primeiras massas imigratórias italianas, na sua complexa irradiação. (SOUZA, 1950, p. 372).

Souza expõe a precariedade das questões de ensino primário, normal e secundário nos primórdios da instrução pública, no ano de 1822. Partindo de uma visão geral (estadual) para uma visão específica (regional), ele aponta para uma evolução positiva a partir de 1931, com a implantação de escolas em cidades como a capital, Taquari, Rio Grande e Pelotas. Ainda assim, havia falta de professores e era imprescindível que se instalassem escolas de curso normal para a formação de

professores e para que tivessem mais escolas em outros municípios, como os da região serrana, inclusive em Veranópolis.

Em relação ao ensino, existem muitas informações desconstruídas nos livros e em registros públicos, porém, podemos confirmar que, durante algumas décadas, o ensino foi considerado de importância secundária pelos governantes; foi priorizado o ensino básico:

Nos primórdios, a preocupação das autoridades com a educação formal era praticamente nula, a tal ponto que a escolarização atingia reduzido número de alunos através das escolas particulares isoladas, sob a regência de um colono mais instruído ou que tivesse tido alguma experiência na Itália. O mesmo ocorria com os poloneses. Em muitos casos o professor lecionava em sua própria casa. Os alunos pagavam alguma *coisinha*.⁴ Este ensinava em italiano ou em polonês, conforme o caso. (FARINA, 1992, p.97, grifo nosso).

O funcionamento das escolas na região de colonização italiana em nada se diferenciava da organização mantida nas demais regiões. Pode-se pensar que era uma forma de integração e acolhimento dos italianos sem preconceitos ou resistência. De outro modo, pode parecer também indiferença por mal se conseguir dar conta da legislação e organização do ensino aos próprios brasileiros; o governo não investiria em criar políticas especiais relativas aos imigrantes.

O ensino na região colonial italiana, não apresentava nenhuma característica específica: não houve uma diferenciação técnica, imposta pelas atividades e sugestões regionais ou uma orientação política especial, determinada pelo caráter imigratório do povoamento local. (SOUZA, 1950, p. 377).

Com o governo republicano, iniciou-se uma fase de intenso desenvolvimento educacional nos governos de Getúlio Vargas e Flores da Cunha, logo após 1928. O ano de 1937 foi importante na vida educacional do Rio Grande do Sul, pois diversos aspectos e desdobramentos foram priorizados nos governos de Osvaldo Cordeiro de Farias e de Ernesto Dorneles.

⁴ Observe-se a diferença que há hoje em custos financeiros com estudos.

Até então, tinha-se como quadro da educação pública no estado: uma escola complementar – destinada ao preparo de professores; 44 colégios elementares e grupos escolares; 595 escolas isoladas providas.

No período entre 1937 e 1950, porém, houve um grande aumento no número de instituições de ensino no estado. Em 1937, havia um ginásio; em 1950, o número passa a ser quatorze; em 1937, não havia escolas normais rurais; em 1950, registravam-se três; em 1937, havia 210 grupos escolares; em 1950, o número passa para 609.

No caso de Veranópolis, havia oito escolas isoladas em 1937; em 1950, este número se mantém. Em relação aos grupos escolares, em 1937 havia um, número que passa para oito em 1950, além das escolas isoladas, que eram também oito. Quanto às escolas particulares, não havia nenhuma em 1937; já em 1950, há o registro de quatro em funcionamento.

Hoje, desde sua emancipação, Veranópolis usufrui dos benefícios por se destacar, na região, por seus atrativos naturais e culturais. Não é mais formada quase que exclusivamente por imigrantes italianos nem por seus descendentes diretos. Com uma população atual de aproximadamente 25 mil habitantes, Veranópolis tem acolhido pessoas das mais diversas culturas, trazidas por seus interesses de trabalho, a passeio ou para estudar. São diversificadas as formas pelas quais os valores veranenses são preservados e convertidos em gradativo fortalecimento enquanto um dos municípios mais prósperos da região Nordeste do estado.

Cidade em que se observam sinais de modernidade com um distrito industrial instalado na entrada sul, Veranópolis traz marcas de prosperidade também nas condições de educação, usufruindo de um núcleo universitário que integra gerações a áreas de estudos e necessidades desta microrregião. A agroindústria, aliada ao turismo rural, é outra forma pela qual podemos conhecer Veranópolis, que é um município forte e organizado para tais atualizações, em um espaço que comporta práticas anteriormente limitadas ao ciclo familiar, mas que agora é competitivo economicamente com outros até de maior porte. Para contribuir com tamanha dinamicidade em seu desenvolvimento, Veranópolis passou a contar recentemente⁵ com a instalação do Instituto Técnico Federal, no apoio à formação de seus jovens empreendedores, promovendo a capacitação profissional.

⁵ Desde julho de 2014.

Diferentemente das primeiras décadas do século XX, quando estudavam em escolas primárias os entrevistados desta pesquisa, muitas localizadas em áreas rurais, Veranópolis hoje conta com um quadro muito diferente, melhor. Além de escolas primárias e de ensino médio, públicas e particulares, como estímulo à formação leitora, Veranópolis conta atualmente com diversas escolas de idiomas – inglês, alemão, polonês, italiano –, livrarias, bibliotecas em todas as escolas e uma biblioteca pública central, além de salas de informática com acesso à internet em todos esses ambientes, nas residências da maioria dos alunos, sendo que muitos possuem telefones celulares também com acesso à internet.

Veranópolis evolui organizando-se no presente para um futuro ainda melhor. Cada passo tem sido amparado pelo passado de muito trabalho e religiosidade de seus colonizadores, que, imigrantes italianos procedentes da região do Vêneto, transformaram floresta fechada em estradas, vilas, cidades, por meio da dedicação de pessoas unidas e movidas pela fé em dias melhores.

Essa fé religiosa a que nos referimos sempre foi conduzida por um sacerdote, que motivava e auxiliava a comunidade para que realizasse as atividades propostas pela Igreja. Era uma pessoa da confiança de todos, agindo de modo a persuadir os fiéis a continuarem juntos na fé e no trabalho.

O colono italiano, profundamente crente e católico, acostumado a ver na religião o centro de tôdas as suas atividades; acostumado na sua terra de origem, a adorar seu Deus; a assistir a cerimônias religiosas nas suas belas Igrejas e Catedrais; acostumado a seus santuários, às suas procissões; freqüente aos Santos Sacramentos – por certo não se teria fixado nessas regiões desertas se não tivesse em seu seio, o sacerdote que o auxiliasse a procurar, primeiro, o Reino de Deus porque o mais viria em acréscimo e em abundância. (MANICA, 1950, p. 239).

Local em que morou o poeta ítalo-brasileiro Mansueto Bernardi,⁶ a hoje mundialmente conhecida Terra da Longevidade⁷ soma, a este, outros títulos que destacam sua importância de cidade farta de recursos naturais e humanos. Assim, é

⁶ Nasceu a 20 de março de 1888, em Asolo, província de Treviso na Itália, e faleceu a 9 de setembro de 1966, em Veranópolis-RS; morou na cidade de Dois Lajeados, quando ainda recém-nascido, um bebê de três meses, veio morar no Brasil com sua família. A biblioteca municipal leva seu nome.

⁷ No município há o Projeto Veranópolis, que estuda o processo de envelhecimento dos idosos locais, e é frequente e amplamente divulgado pelos pesquisadores responsáveis em eventos científicos relacionados à saúde.

também conhecida por ser a Princesa dos Vales – por suas belezas naturais e clima ameno, e também, “Com uma área de 306,30 km² e uma altitude média de 705 m acima do nível do mar, Veranópolis, a partir de 1976, foi cognominada Capital Nacional da Maçã pelo pioneirismo no desenvolvimento de tal cultura”. (FARINA, 1992, p. 257).

Até o ano de 1941, Veranópolis chamava-se Alfredo Chaves. Naquele ano, o IBGE, com o objetivo de melhor identificar cada uma das cidades e vilas, propôs alterações:

Por força do Decreto-Lei nº 3.599, de 06 de Setembro de 1941, o então Conselho Nacional de Geografia, atual IBGE, deliberou eliminar em todo o país, o nome de cidades e vilas em duplicata. A mais antiga permaneceria com o nome, e a outra deveria trocar. (FARINA, 1992, p.151).

Os imigrantes italianos que vieram para a região dos vinhedos, na serra gaúcha, adaptaram-se e superaram inúmeras dificuldades, como o entendimento do idioma falado no Brasil, o relevo, as intempéries climáticas, a falta de estradas e o intercâmbio cultural. Assim, originaram e fortaleceram Veranópolis como um município marcante também pelas atividades culturais que promove, como a Feira do Livro e o Concurso Literário Mansueto Bernardi.

A Feira do Livro iniciou em 1992, contando, na ocasião, com apenas algumas bancas de vendas de livros montadas na Praça XV de Novembro, em frente à Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes, onde havia visitas programadas das escolas locais. A Feira veio ganhando espaço e credibilidade ao longo dos anos. Em 2014, já em sua 22^a edição, contou com a ativa participação da comunidade, que se fez presente ao longo de oito dias de diversificada programação cultural vinculada à Feira. Tal programação envolveu atividades como: palestras de autores e sessões de autógrafos, com lançamentos de livros; a atividade: Autor Presente nas Escolas”, quando autores convidados para a Feira visitam as escolas, divulgando e autografando seus trabalhos; apresentações de coros e de teatros locais, e também convidados de outras regiões ou estados, com temáticas relacionadas à dramaturgia literária.

Com a divulgação realizada pelo *site* da Prefeitura Municipal, o Concurso Literário Mansueto Bernardi contempla a organização dos participantes que apresentam

contos ou poesias, divididos em quatro categorias,⁸ para as quais, no ano de 2014, foram inscritas 840 poesias, além dos trabalhos locais, provenientes das escolas e do público em geral local, também houve poesias provenientes de 21 estados brasileiros e de quatro outros países.⁹

Apresentaremos, a seguir, informações acerca das mais antigas escolas do município, sendo que algumas estão em funcionamento até hoje.

Algo positivamente marcante para a comunidade veranense foi a fundação do Colégio Brasileiro em 1901, pelo professor e historiador Eduardo Duarte, pois, acolheu dezenas de alunos do sexo masculino em sistema de internato e externato, escola que se manteve em atividade até 1914.

A partir dessa data, no mesmo prédio e após diversos problemas de ordem política, passou a funcionar o Colégio São Luiz Gonzaga, dirigido pelos Irmãos Maristas até 1946. O texto de divulgação do estabelecimento educacional dizia:

Collegio São Luiz Gonzaga. Internato e Externato dirigido pelos Irmãos Maristas, Deus e Patria, fundado em 1914. É o Collegio das familias da Sociedade Alfredochavense, dos municípios circunvizinhos e Estado limitrophe, por sua Situação em região pittoresca e salubérrima, por sua Installação e Seleção escrupulosa de seus alumnos. Peçam prospecto e informações. Cursos Primarios, gymnasiaes e commerciaes – Linguas. (FARINA, 1992, p. 225).¹⁰

Em 1916, nascia a Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Felipe dos Santos, sendo hoje a mais antiga escola em funcionamento na cidade, que foi inicialmente nomeada de Grupo da Vila de Alfredo Chaves, cujo primeiro diretor foi o professor Adolfo Pinheiro Guimarães Dourado. “Consta nos arquivos que todas as datas comemorativas eram festejadas com o canto de hinos pátrios, preleções, leituras de biografias, leitura de biografias, declamações, etc. Alunos e professores participavam com muita animação e civismo” (FARINA, 1992, p. 224).

Outro marco da educação em Veranópolis foi e tem sido o Colégio das Irmãs de São José, uma escola exclusivamente para moças, regida por quatro irmãs religiosas vindas da França a convite – insistente – do Frei Luiz de La Vernaz, o então pároco de

⁸ Que são: Infantil, Juvenil, Adulta e Maturidade.

⁹ Suíça, Portugal, Argentina e Japão.

¹⁰ O prospecto exibia uma foto do prédio; o texto foi apenas copiado, sem obedecer a disposição ou tamanho e tipos diversificados de letras originais.

Alfredo Chaves. O Colégio das Irmãs de São José foi inaugurado em 29 de janeiro de 1917.

Atualmente,¹¹ em Veranópolis, há uma população de 24.476 habitantes, conforme dados do censo populacional de 2014. A população veranense pode contar com 199 professores, que atendem a escolas privadas e públicas, tanto em nível estadual quanto municipal. A população pode contar também com onze escolas, sendo que duas são privadas, três são públicas estaduais e seis públicas municipais, sendo que o número de matrículas no referido período foi de 3.607.

¹¹ Ano de 2015, conforme dados do IBGE.

3 LEITURA E MEMÓRIA: RELAÇÃO INTERDEPENDENTE

A temática deste estudo são histórias de leitura, então, trazemos referências teóricas que embasam nosso entendimento do que seja a leitura em aspectos históricos, sua importância para a socialização do indivíduo e a ampliação de seu conhecimento de mundo, bem como a significação e a construção de sentido. Além da leitura, aspectos acerca da memória e de sua relação com a passagem do tempo, também são abordados neste capítulo, pois é nela que se baseiam as narrativas dos idosos de Veranópolis, *corpus* de análise de nosso estudo.

3.1 Ler: um mundo dado a conhecer

Alberto Manguel (1999, p.19) afirma que “Ler as letras de uma página é apenas um dos seus muitos disfarces”. Independentemente de qual seja o foco de observação, é possível ter sobre ele um entendimento novo, com base no conhecimento prévio adquirido. É uma nova leitura e um modo de perceber algo, construindo, assim, diversificadas relações de coerência.

E, contudo, em cada caso é o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significados a um sistema de signos e depois decifrá-lo. Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial. (MANGUEL, 1999, p. 19-20).

A leitura consiste em constantes associações e seleções criteriosas para estabelecer relações de significados no mundo que nos cerca, sendo que ler é o que nos situa no tempo e no espaço, aumentando expectativas e possibilidades de constante aprendizado, e que ler é o entendimento daquilo que se vê. Assim, quando se lê, o material lido (seja um livro, um texto qualquer, uma expressão facial) nasce para o leitor naquele momento, pois passa a significar algo, a fazer sentido. Tal sentido pode ser redirecionado, recriado, reinventado, reinterpretado, ao se estabelecerem novas associações, relações com outros contextos.

Por mais importante que seja a observação do mundo para entendê-lo e as leituras dos livros e suas histórias, há que se ter o cuidado, principalmente em relação às crianças, para que esta leitura, este envolvimento com os livros não substitua as relações interpessoais. Observemos o que afirma Manguel (1999, p.23) acerca de um período de sua infância: “[...] nas raras ocasiões em que encontrava outras crianças, achava suas brincadeiras e conversas menos interessantes do que as aventuras e diálogos que lia em meus livros”.

Assim, marcamos a importância do contato direto entre as pessoas, pois nem tudo está tão claro, nem todas as ideias estão tão prontamente organizadas na expressão normal do dia a dia, como as que encontramos descritas nas páginas de um livro. Os mal-entendidos estão sempre prestes a acontecer na comunicação entre as pessoas. Na tentativa de proteger-se do desconforto que isso pode gerar, os livros podem apresentar-se como um local temporariamente seguro, oferecendo refúgio em relação à necessidade da busca pelo constante entendimento na comunicação interpessoal. Vista dessa forma, a leitura pode até impedir ou retardar a busca pela socialização, se não estiver equilibrada com vivências interativas.

No capítulo *Metáforas da Leitura*, Manguel (1999) refere que para Walt Whitman¹² “[...] o mundo era um livro aberto para ser lido por todos nós”. Com isso, entendemos que cada leitor utiliza os códigos de que dispõe para ler e interpretar esse mundo, a cada momento de leitura.

Manguel (1999, p. 194) destaca a importância exercida pelo local de leitura: “[...] não só porque proporciona um cenário físico para o texto que está sendo lido, mas também, porque sugere, ao se justapor ao lugar na página, que ambos partilham da mesma qualidade hermenêutica e tentam o leitor com o desafio da elucidação”.

O local no qual o leitor interage com o texto interfere na predisposição com que sua interpretação se dará e nas marcas que tal experiência suscitará. Para haver leitura, é preciso que haja compreensão, reconhecimento e identificação do leitor com o texto, pois só assim haverá a verdadeira interpretação do código, além do uso da língua enquanto idioma.

Para o referido poeta norte-americano, texto, autor, leitor e mundo, espelhavam-se uns nos outros no ato de leitura. Através da linguagem metafórica, a interação entre

¹² Poeta, ensaísta e jornalista norte-americano; nascido em 31 de maio de 1819, em Nova Iorque (EUA), e falecido a 26 de março de 1892, em Nova Jérsei (EUA), foi considerado por muitos como o “pai do verso livre”.

todos esses elementos permite a expansão de significados e a definição de todas as atividades humanas. É uma relação viva e transformadora em constante evolução para descobertas, aprendizados, conhecimentos.

A leitura exerce tamanha influência no comportamento das pessoas, que alguns autores e obras têm sido considerados proibidos.¹³ A leitura de certos autores é temida pela influência que podem exercer sobre o leitor e, conseqüentemente, sobre uma sociedade. O poder do leitor, através do conhecimento que ele adquire lendo, transforma seu pensamento refletido em ações.

Marquilhas (2007) acerca da história da leitura, descreve:

Entendo a história do livro e da leitura como a observação dos comportamentos gerados pela presença do objeto bibliográfico, perspectiva esta que se enquadra na atual história da cultura escrita, herdeira da nova história do livro lançada por Lucien Febvre e Henri-Jean Martin. (MARQUILHAS, 2007, p.359).

Porém, a censura não se limita apenas a alguns títulos ou autores, sendo algo muito mais amplo e antigo. Marquilhas (2007), referindo-se a fontes inquisitoriais, afirma que “é frequente o interesse dos investigadores pela documentação censória que ficou guardada nos arquivos da Inquisição”. E complementa:

Refiro-me a catálogos de livros proibidos, a processos de impressores, livreiros e autores, a éditos denunciando a circulação de textos heréticos ou a pareceres de qualificadores. São documentos que têm servido à historiografia da Inquisição e que têm servido também à reconstituição do ambiente político, intelectual e religioso contemporâneo da censura inquisitorial. (MARQUILHAS, 2007, p. 360).

Em materiais livres de censura ou não, cada leitor tem seu jeito particular de conquistar o código escrito da língua, identificando-se, assim, como sendo parte de um grupo: o grupo de leitores. Da particularidade de cada leitor em cada situação de leitura, faz-se história enquanto soma de uma ligação social, histórica e cultural, através dos

¹³Como o foram considerados, por exemplo: Pablo Neruda, J.D. Salinger, Maximo Gorki e Harold Pinter (Manguel, 1999, p.34).

tempos, das gerações e das culturas, sempre que houver alguém decifrando um código, agregando-lhe significados.

Manguel, referindo-se a duas placas pictográficas do museu arqueológico de Bagdá, enfatiza:

Pelo simples fato de olhar essas placas, prolongamos a memória dos primórdios do nosso tempo, preservamos um pensamento muito tempo depois que o pensador parou de pensar e nos tornamos participantes de um ato de criação que permanece aberto enquanto as imagens entalhadas forem vistas, decifradas, lidas. (MANGUEL 1999, p.41-42).

Esse prolongamento ocorre a cada vez que indicamos um livro para ser lido por alguém. Sua leitura vai prolongar o registro desse saber, desse conhecimento compartilhado. Tornaremos vivo por mais tempo ainda o conteúdo da leitura, se escrevermos ou, se, simplesmente, falarmos sobre ele, em uma relação interativa com outros aprendizados.

O ato de ler inicia-se pelos olhos, porém, o que ocorre é uma junção dos mais diversos estímulos sensoriais, recombina e ativa a cada ato de análise, de leitura. Sendo a linguagem a responsável por ativar e condicionar o desenvolvimento da atuação dos hemisférios cerebrais para a codificação e decodificação de estímulos a que somos expostos, ela depende da integridade física de tais estruturas cerebrais, para que sua ação sobre elas seja efetiva. Faz-se uma cadeia de conexões neuronais, processando as informações adquiridas com o material lido, e que vai sendo impregnada de emoções associadas ao conhecimento do leitor.

Manguel tem a convicção de que nos primórdios do ato de escrita, “o corpo humano já era capaz de armazenar, recordar e decifrar todos os tipos de sensação, inclusive os sinais arbitrários da linguagem escrita, ainda por ser inventado”.

Nesse sentido, as palavras ditas, (e, mais tarde, as palavras lidas) não pertencem a nós, nem aos nossos pais, aos nossos autores, elas ocupam um espaço de significado compartilhado, um limiar comum que está no começo de nossa relação com as artes da conversação e da leitura. (MANGUEL, 1999, p. 50).

Tal afirmação nos remete ao pensamento de Mikhail Bakhtin, e seus estudos em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, onde o autor explica a ideia do círculo bakhtiniano no que diz respeito ao dialogismo, conceito que relacionamos às histórias de leitura e entendemos como sendo um vínculo que se estabelece entre os valores criados e desenvolvidos pelos sujeitos acerca da leitura, das obras e dos autores a que têm acesso, e suas ações. Tal relação é dialógica por estabelecer um diálogo, uma comunicação ideológica e valorativa de base comum entre expressões e comportamentos das pessoas em relação à leitura. São valores que vêm caracterizando os leitores e suas leituras ao longo de gerações, algo que se repete em *cronotopus*¹⁴ diferentes, resgatando e perpetuando ideias e valores.

Os livros e outros materiais escritos são considerados como produtos de criação ideológica, portanto, signos.

[...] os signos são intrinsecamente sociais, isto é, são criados e interpretados no interior dos complexos e variados processos que caracterizam o intercâmbio social. Os signos emergem e significam no interior de relações sociais, estão entre seres socialmente organizados; não podem, assim, ser concebidos como resultantes de processos fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado; ou determinados apenas por um sistema formal abstrato. Para estudá-los é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhes dão significação. (FARACO, 2003, p. 48).

A este pensamento relacionamos os livros e outros materiais escritos como sendo de fundamental importância para que o interesse pela leitura se mantenha ao longo das gerações. Tais materiais encerram a narratividade que será transformada em histórias orais, despertando a sensibilidade e a imaginação de crianças e adultos que poderão tornar-se leitores, contadores de histórias e escritores cada vez melhores, conforme o estímulo que lhes proporciona seu meio sócio-histórico-cultural.

Thompson (1992) refere a contribuição das histórias orais para os estudos e registros históricos nas obras modernas. Seus estudos foram desenvolvidos na realidade de países como Estados Unidos, Grã-Bretanha e Austrália, e contribuem para nossa reflexão. São histórias geralmente coletadas em estudos de antropologia, sociologia e folclore, mas que mostram a vida e o comportamento das pessoas em meio a um

¹⁴*Cronotopus* – com base nos estudos bakhtinianos, entendemos e relacionamos com esta pesquisa como o tempo e o espaço em que se dá a leitura e os valores a ela vinculados: o tempo é o passado, e o local é a cidade de Veranópolis nas vivências particulares de cada um dos participantes desta pesquisa.

período histórico, com todas as particularidades da percepção de mundo de quem as conta. Mas o narrador não é um ser isolado, e sim, inserido em um grupo social. São dados e registros complementares, que nem sempre aparecem nas pesquisas, ao menos não como dados oficiais, como exemplifica a seguir:

[...] algumas das obras mais interessantes têm sido feitas a respeito dos trabalhadores que estavam desempregados: tanto de suas organizações quanto de sua experiência de vida fora do trabalho, o furto de alimento, a humilhação da assistência social – experiência tão deprimente. (THOMPSON, 1992, p.113).

Segundo Thompson (1992, p.112), com a evidência oral, ampliam-se horizontes sobre “acontecimentos específicos da história operária, como a evolução de uma organização, ou o decorrer de uma greve”. Depoimentos orais podem reforçar registros históricos, muitas vezes amplamente divulgados na mídia. Mais do que isso, entendemos que expressam marcas de vida e o modo como fatos históricos interferiram na particularidade do dia a dia das pessoas.

Petit (2009) observa a narrativa como uma necessidade antropológica, como parte de um processo comunicativo. Inicialmente, mesmo antes do nascimento, o sujeito é inserido em meio a estímulos sonoros e sensações táteis. À audição e ao tato, associa-se a prontidão dos demais sentidos a partir do nascimento, cuja estimulação é constante e desorganizada. Odores, sons, paladar, toques, luzes, imagens. Diante de tanta estimulação, as marcas da linguagem permitem a organização, a seleção e a categorização de tais informações, identificando-as com a realidade do meio em que cada sujeito cresce.

Gradativamente, o mundo passa a fazer sentido através da linguagem, presente no olhar do outro (pais, avós, irmãos, cuidadores), presente no modo como tais estímulos são referidos por estas pessoas, moldando a forma como devem ser interpretados e, assim, moldando também comportamentos. É a leitura dos sentidos, cuja decodificação é gradativamente percebida por meio do comportamento do sujeito diante deles; é a contínua formação e a expressão de valores, presentes na socialização e na formação da identidade sociocultural do ser humano.

A autora ainda destaca: “[...] o quanto é importante, desde a mais tenra idade, propor aos bebês alimentos culturais, contar-lhes histórias e ler para eles – deixando que

se mexam e se desloquem livremente pelo espaço. Para crescerem, para começarem um dia a formular a própria história, eles necessitam de literatura” (PETIT, 2009 p. 123).

Assim, nos tornamos “seres da narrativa”, e com ela, construímos progressivas familiaridade e apropriação da capacidade de aprendizado de narratividade. Tal capacidade se fortifica e se reafirma no contato com os livros e histórias orais. Assim, desde criança, é possível transferir a percepção de mundo real para o mundo imaginário visitado no momento da leitura. Este é um mundo criado pelos autores a que o leitor tem acesso e que permite um vivo movimento de transição e intimidade no reconhecimento de valores e identificação com as narrativas.

Em relação ao tempo da enunciação e ao imaginário do leitor, Hansen ensina que:

Toda leitura coincide com o tempo da enunciação do discurso, ou seja, o lugar semiótico do destinatário coincide com o lugar semiótico do sujeito da enunciação. O destinatário é o *leitor implícito* de Iser, como um personagem do ato de leitura inscrito no texto. Assim, quando lemos, ocupamos imaginariamente o lugar do destinatário e refazemos os processos inventivos de um ato de fala que foi representado na escrita. (HANSEN, 2009, p.174, grifo do autor).

Lajolo (1999, p. 24) alerta para a importância da leitura silenciosa, que “permitiu um relacionamento com a escrita que era potencialmente mais livre, mais íntimo, mais reservado”. Essa possibilidade se apresentou como uma maior liberdade para ler mais e mais rapidamente textos mais complexos. Segundo seus estudos, a autora informa que: “Essa primeira revolução na leitura precedeu, portanto, a revolução ocasionada pela impressão, uma vez que difundiu a possibilidade de ler silenciosamente (pelo menos entre os leitores educados, tanto eclesiásticos quanto laicos) bem antes de meados do século XV”.

A escritora Marta Morais da Costa, referindo-se a perspectivas de compreensão das relações entre literatura e leitor, afirma:

A literatura infantil, considerada enquanto diálogo entre dois seres igualmente ativos, o autor e o leitor, estabelece no primeiro momento um contato geralmente silencioso e em solidão. É o encontro do leitor com o livro, em que ele decifra, compreende e interpreta as palavras do autor. Após essa interação individual, *a leitura pode ser socializada* na forma de diálogo, resumos orais, debates ou atividades coletivas, quando passa do estágio da solidão para o da comunicação com outros potenciais leitores. (2007, p.23, grifo nosso).

Há uma necessidade compartilhar o que foi lido; a leitura será comentada com alguém que já a conheça, ou indicada para que outros a conheçam. E, dependendo das emoções, das descobertas suscitadas pelo texto, queremos lê-lo para alguém, queremos que outros também façam as mesmas descobertas, como se isso realmente fosse possível. Sendo que outros já conheçam o texto a que nos referimos, queremos seu parecer, tornando, assim, mais vivo o material lido; o que faz com que a leitura realizada tenha maior abrangência interpretativa. É possível mudar ligeiramente ou completamente a visão acerca de um texto, após ouvirmos o comentário de outrem. Essa revisão do mesmo é uma releitura através do outro, e uma possibilidade de identificação e aproximação entre as pessoas.

Os livros podem proporcionar aproximação e identificação entre as pessoas, mesmo antes de haver convergência, divergência ou compartilhamento de ideias acerca de seus conteúdos. Vejamos o que nos ensina o trecho a seguir:

A associação de livros com seus leitores é diferente de qualquer outra entre objetos e seus usuários. Ferramentas, móveis, roupas, tudo tem uma função simbólica, mas os livros infligem a seus leitores um simbolismo muito mais complexo do que o de um mero utensílio. A simples posse de livros implica uma posição social e uma certa riqueza intelectual. (MANGUEL,1999, p. 242).

Pessoas que têm livros, são vistas manuseando, carregando, lendo ou adquirindo livros, são percebidas pelas outras, leitoras ou não, como alguém importante. Tal convivência e intimidade com os livros dá ao leitor distinção de alguém que sabe algo que os outros desconhecem, pois aprendeu com os livros e conheceu os pensamentos do escritor acerca de determinado assunto. Possuir livros pode transparecer uma vontade de aprender algo mais, de não se conformar apenas com o que já sabe. O leitor pode despertar curiosidade e questionamentos em outras pessoas: O que será que ele sabe? O que aprendeu com tal leitura? Leitores são respeitados por sua condição de

conhecedores e ao lerem, despertam a vontade de outras pessoas de descobrirem o que eles – leitores – podem ter aprendido com os livros; querem para si o poder e a riqueza do conhecimento.

3.2 A memória de cada um e a memória de todos

Ecléa Bosi, referindo-se aos estudos de Henri Bergson, afirma:

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não é de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da *memória-hábito*, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. (BOSI, 1987, p. 11, grifo da autora).

Ao considerar esses dois tipos de memória, é possível perceber uma indefinição entre o domínio que se pode ter do pensamento e das lembranças. A evocação do passado, das coisas aprendidas, está relacionada à atenção que se dá às vivências. As que são repetidas, pela exigência de normas do convívio social, são transformadas em hábito, por estarem intrinsecamente relacionadas a um objetivo a ser alcançado, como no caso das ações relacionadas aos hábitos de higiene pessoal, por exemplo. Com o tempo e a prática múltiplas vezes repetidas, essas ações são automatizadas e quase não se precisa pensar nelas para executá-las. Porém, as lembranças isoladas às quais se refere a autora, estão aparentemente dissociadas de um objetivo, são espontâneas por terem sido despertadas por algo singular, especial e particular para a ocasião, algo fora do comum, fora do hábito, fora de regras sociais; o pensamento livre.

Convivemos continuamente entre o consciente tenso ou distenso, conforme o tipo de domínio de percepção para a ação que temos que ter para o domínio de nossas ações. As lembranças conservam-se em estado latente enquanto não são diretamente evocadas, aguardando para serem despertadas.

Em relação aos hábitos e à passagem do tempo, Maurice Halbwachs refere a dificuldade que cada um tem em se igualar aos demais quanto à distribuição para o uso de uma temporalidade que é medida da mesma forma para todos.

[...] a uniformidade pesa sobre nós. O tempo é dividido da mesma maneira para todos os membros da sociedade. [...] A necessidade de se diferenciar dos outros quanto à maneira de dividir e regular seu tempo, se manifestaria mais se, no que diz respeito a nossas ocupações e distrações, não fôssemos obrigados a nos dobrar à disciplina social. (HALBWACHS, 2006, p.114).

Essa organização diferenciada que cada um faz de seu tempo, é fundamental para que o indivíduo se situe no seu tempo e no seu espaço, e da mesma forma possa resgatá-lo na memória. Com referências particularmente suas, o indivíduo poderá fazer um resgate das vivências pela memória, localizando fatos de algum tempo e espaço vividos, de modo diferente dos demais indivíduos da sociedade.

Os escritores Pichler e Diehl abordam a brevidade da vida, um tempo que é utilizado diferentemente por cada indivíduo a seu modo, apesar de sermos tão parecidos em diversos aspectos.

A maioria das pessoas apenas existe, deixando e esperando o tempo passar. Poucas conseguem viver de forma corajosa, profunda, racional, meditativa, pois pequena é a parte da vida em que realmente se vive. Os vícios e as paixões sufocam as pessoas. São acolhidos e seguidos de forma voluntária, ofuscando a razão que não consegue distinguir com lucidez a verdade das coisas, nem permitindo que voltem para si mesmas, para os valores intrínsecos da alma. (PICHLER; DIEHL, 2013, p.79).

Os autores sugerem que as pessoas passam pela vida sem refletir suficientemente acerca do que realmente é melhor para elas. Agem sem perceber a distinção entre os valores da alma, os vícios e as paixões, coisas passageiras sobre as quais muitas vezes somente irão pensar na velhice, sendo que nessa etapa da vida encontram a calma e a condição necessária para a reflexão.

É na velhice que muitos conseguirão a calma para a reflexão, pois na juventude, a maioria das pessoas trabalha freneticamente e vive uma agitação dedicada a “um

futuro melhor”. Teme-se o tédio do presente, anseia-se por um futuro mais calmo, quando se poderá descansar. Quando o corpo não pode mais acompanhar as exigências práticas de uma vida atribulada, é que se faz um balanço das vivências e aprendizados, conduzindo-se, a partir de então, de modo mais ponderado.

Os autores propõem reflexão ainda sobre o fato de que poucas pessoas se preocupam em cuidar de si, refletindo sobre a brevidade da vida e o sentido da existência. As pessoas vivem sem pensar no tempo de um modo amplo, são imediatistas. Não percebem que o tempo passa inexorável e silenciosamente; vivem sem que sejam avisadas da velocidade do tempo, irrecuperável e irreversível. É preciso ser prático e objetivo, o que acaba por se impor sobre o que é reflexivo, de um modo geral, no processo de desenvolvimento humano e social, sem que se consiga aproveitar esse tempo de uma melhor forma:

Se a pessoa se encontra atarefada com muitas coisas diferentes, o seu espírito não se aprofunda em nada. As artes liberais requerem tempo, dedicação e experiência. Dentre todas as artes, a de viver bem, diante da brevidade da vida, é a mais difícil. Aprender a viver é um projeto para toda a vida, além do mais o sábio que possui mais disposição para aprender a viver, busca primeiro aprender a morrer. Como já vimos, aprender a morrer é aprender a viver. (PICHLER; DIEHL, 2013, p.83).

Assim, relacionamos a importância desses pensamentos, que a seu modo são compartilhados pelos nossos entrevistados, pois em seus relatos, é possível perceber maior consciência da passagem do tempo e do domínio de suas escolhas e ações leitoras ao longo da vida. Escolhas sobre as quais não tinham consciência suficiente nem domínio, no que diz respeito às memórias que relacionam ao período em que aprenderam a ler ou seus primeiros anos escolares. Suas vivências determinaram memórias que ora evocam.

4 METODOLOGIA: PERGUNTAR, APRENDER, LEMBRAR, ENSINAR

A seguir, passaremos a expor mais detalhadamente o processo de investigação, identificando escolhas que foram delineando os caminhos seguidos e a construção de parâmetros para a compreensão das histórias de leitura de nossos entrevistados, com base na questão problema da pesquisa: Como é possível identificar quais foram os materiais literários e/ou não literários que fizeram parte da formação leitora dos hoje idosos veranenses até meados do século XX e a que marcas a leitura relaciona-se em sua memória?

As informações teóricas adquiridas acerca do ato de ler e da leitura, as quais são relacionadas e identificadas com as narrativas de nossos entrevistados, nos levaram a conhecer respostas para esta questão no decorrer da pesquisa.

Esta pesquisa aborda o problema de modo qualitativo, com um estudo de caso, conforme a definição de Prodanov e Freitas:

O estudo de caso refere-se ao estudo minucioso e profundo de um ou mais objetos. Pode permitir novas descobertas de aspectos que não foram previstos inicialmente. Restringe-se o estudo a um objeto que pode ser um indivíduo, uma família, um grupo, um produto, uma empresa, um órgão público, uma comunidade ou mesmo um país. (2009, p.74).

Ainda de acordo com Prodanov e Freitas (2009, p. 75-76), o estudo de caso identifica-se como tal por apresentar cinco características básicas, descritas a seguir e relacionadas, cada uma delas, a dados da presente investigação.

A primeira característica referida acerca do estudo de caso é que este é um sistema limitado, e tem fronteiras em termos de tempo, eventos ou processos, as quais nem sempre são claras e precisas. Estudamos um grupo de leitores idosos que nos relatam suas primeiras experiências com a leitura e materiais que lhes foram acessíveis e instigantes naquela época¹⁵ para esta prática.

Visto que o estudo de caso é sobre algo que necessita ser identificado para conferir foco e direção à investigação, nosso trabalho busca identificar as fontes de estímulo ao aprendizado e valorização da leitura pelo nosso público-alvo, fazendo jus à segunda característica do estudo de caso.

¹⁵ Até meados do século XX, quando essas pessoas eram crianças ou jovens.

Como em todo estudo de caso, é preciso preservar o caráter único, específico, diferente, complexo do caso, nosso desafio maior está no direcionamento de questionamentos, na condução das entrevistas, buscando oferecer estímulo adequado para que nossos informantes façam uma viagem pela própria memória, evocando lembranças de fatos, pessoas, materiais e situações de um passado distante, que estejam direta ou indiretamente relacionados a histórias de leituras, o que nos identifica com a terceira característica que define o estudo de caso.

A quarta característica do estudo de caso nos remete à realidade de que a investigação ocorre em ambiente natural. Todos os informantes deste trabalho estiveram em suas residências em ao menos uma das ocasiões em que estivemos em contato. Tal ambientação mostrou-se fundamental para que ficassem mais à vontade, relaxados em relação ao tempo dos encontros e por terem ao alcance das mãos, materiais que ajudaram na evocação do passado, como fotos e livros que nos foram cedidos.

A quinta e última característica do estudo de caso, como esclarecem Prodanov e Freitas (2009), é o fato de que o investigador recorre a fontes múltiplas de dados e a métodos de coletas diversificados: observações diretas e indiretas, entrevistas, questionários, narrativas, registros de áudio e vídeo, diários, cartas, documentos, entre outros. Assim realizamos nossos registros das memórias dos sujeitos da pesquisa. Suas histórias de leituras foram surgindo aos poucos, amparadas por objetos que nos foram mostrados, alguns até emprestados; conversas que tiveram com familiares contemporâneos – como irmãos e primos –, coletas de narrativas legitimadas por suas vivências.

E por se retratar de lembranças da infância de pessoas longevas, evocamos considerações acerca de memória e interação:

Quando relatamos nossas mais distantes lembranças, nos referimos, em geral a fatos que nos foram evocados muitas vezes pelas suas testemunhas. Pode-se recordar sem ter pertencido a um grupo que sustente a nossa memória? [...] Somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão: “Aí está alguém que não me deixa mentir”. (BOSI, 1987, p.329-331).

Tendo em vista que nos situamos na linha de pesquisa Leitura e Formação do Leitor, do mestrado em Letras da Universidade de Passo Fundo, e sendo Veranópolis a

Terra da Longevidade,¹⁶ onde também reside esta pesquisadora, houve a curiosidade de conhecer histórias leitoras que fossem narradas por idosos locais. Nossa pesquisa partiu do pressuposto de que havia um grupo de pessoas alfabetizadas dentre as que participam do Grupo da Longevidade em Veranópolis, que poderiam se interessar em formar o público-alvo desta pesquisa.

Nosso primeiro contato com o Projeto Veranópolis foi através de um telefonema para a coordenadora dos trabalhos, a nutricionista Dra. Neide Maria Bruscato, solicitando uma entrevista, na qual seriam expostos nossos objetivos de pesquisa e a solicitação para a abordagem dos idosos naquele espaço. O encontro foi agendado e, então, nesse encontro, passamos a conhecer melhor os trabalhos de pesquisa sobre o envelhecimento em Veranópolis.

O Grupo da Longevidade faz parte da organização do Projeto Veranópolis, que, por sua vez, é parte de um programa de pesquisa denominado genericamente de: Programa Gênesis de Pesquisa, que foi implementado em 1998, por uma equipe de pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

A intenção inicial era a de serem comparados efeitos étnicos, geográficos, genéticos e de estilo de vida em idosos com o mesmo perfil socioeconômico e cultural, que vivem nas mais diversas regiões do Brasil.

Em Veranópolis, o projeto iniciou com um estudo acerca de fatores de risco cardiovasculares em idosos acima de 85 anos, que se desenvolveu entre os anos de 1994 e 1998. A partir desse estudo, outros aspectos de saúde, além dos cardiovasculares, foram sendo investigados, agregando conhecimentos de profissionais pesquisadores de outras áreas, como: Nutrição, Educação Física, Psicologia, Enfermagem, Farmácia e diversas especialidades da Medicina.

Assim, com a união dos profissionais da saúde, o Projeto Veranópolis passou a investigar a saúde e os hábitos de vida diária das pessoas mais velhas do município, mantendo-se até os dias de hoje, procurando identificar fatores que contribuam para a longevidade e descobrir: “O que é que estes idosos têm que os outros não têm?”.

Chegando ao local do primeiro contato com os idosos, percebemos uma movimentação de trabalho em andamento, com a rotina de um grupo já formado para

¹⁶ O Projeto Veranópolis é desenvolvido pela equipe do Médico Geriatra Dr. Emílio Moriguchi desde 1994, projeto de pesquisa ao qual passaremos a nos referir como Grupo da Longevidade.

encontros regulares em um local determinado.¹⁷ Com essa percepção, iniciamos o que foi combinado com a coordenação: nas datas em que houvesse encontros do Grupo da Longevidade para suas atividades rotineiras, poderíamos abordá-los, convidá-los a participar da pesquisa e, então, entrevistá-los.

Nossa intenção de pesquisa foi bem aceita pela coordenadora, porém, ela solicitou que mantivéssemos sigilo em relação à identidade dos indivíduos que se propusessem a colaborar conosco, pois estes já fazem parte de um projeto de pesquisa aprovado por um conselho de ética que protege seus dados com tal sigilo. Aceitamos este compromisso,¹⁸ e, assim, os sujeitos da pesquisa estão identificados apenas com as iniciais de seus nomes e as datas de nascimento, pois a cronologia dessas datas é relacionada a dados analisados neste trabalho.

Tudo resolvido em relação à licença para nosso trabalho, fomos ao local de encontro dos idosos em dia e hora previamente agendados. Foi estabelecido com a coordenação que nosso primeiro contato com eles seria em data em que estivessem reunidos para acompanhamento e controle de sua saúde geral, em atividade periódica do Projeto Veranópolis com: observação de diversos exames (como os de sangue, urina ou eletrocardiogramas), registros de peso e medidas dos pacientes e atendimento psicológico. Nossa abordagem seria no final dessa rotina, quando eles seriam encaminhados até nós pela secretária que normalmente os orienta e conduz às atividades.

Na ocasião, para conversar com os idosos, não havia uma sala disponível que pudéssemos utilizar com exclusividade. Então, nos foi concedido um espaço no final do corredor que antecede as salas onde se dá a dinâmica da pesquisa do Projeto Veranópolis. Lá, contamos com uma mesa e duas cadeiras, nos apresentamos a cada um dos convidados, possíveis colaboradores de nosso trabalho, e explicamos a intenção de pesquisa, solicitando que participassem.

Ao longo de três visitas à sede do grupo, tivemos o primeiro contato com alguns de nossos entrevistados, os quais demonstraram ser disponíveis e participativos. Nessas ocasiões, em que pudemos conversar com cada um, realizamos o convite para participação na pesquisa e a explicação de nossos objetivos; houve anotações de

¹⁷ O Projeto Veranópolis ocupa uma parte do andar térreo do prédio do antigo Seminário de Freis Capuchinhos de Veranópolis, onde atualmente funcionam também, além de instalações residenciais de alguns freis: a Rádio Veranense, o Núcleo Universitário da Universidade de Caxias do Sul e a Escola de Ensino Fundamental Evolução.

¹⁸ Solicitação de autorização para pesquisa e termo de compromisso para utilização de dados institucionais dirigido ao Projeto Veranópolis no Anexo E deste estudo.

números de telefones e endereços para futuros contatos, além de breves relatos acerca da vida leitora de nossas fontes informativas, acerca de sua iniciação à prática leitora ou a algum livro citado.¹⁹

Essas foram oportunidades muito importantes, pois relacionamos como sendo a pré-entrevista, identificada por Bosi:

A pré-entrevista que a metodologia chama de “estudo exploratório”, é essencial, mas não só porque ela nos ensina a fazer e a refazer o futuro roteiro da entrevista. Desse encontro prévio é que se podem extrair questões na linguagem usual do depoente, detectando temas promissores. A pré-entrevista abre caminhos insuspeitados para a investigação. (BOSI, 2004, p. 60).

Conseguimos, assim, organizar melhor o trabalho e criar um vínculo promissor com os possíveis colaboradores, bem como observar que algumas pessoas não estavam tão dispostas a participar da pesquisa.²⁰

Como critério de seleção aos participantes, era necessário que tivessem idade entre 65 e 80 anos e fossem alfabetizados, naturalmente, já que buscávamos histórias de suas leituras. Tal limitação da faixa etária máxima nos pareceu conveniente pela maior facilidade de comunicação dos entrevistados. Assim, tivemos acesso a dezenove pessoas que poderiam ser colaboradoras. Foram selecionados oito indivíduos participantes, com suas datas de nascimento variando entre os anos de 1926 a 1942. Os demais não participaram por alegarem motivos tais como: não terem lembranças de infância relacionada à leitura; não gostavam de participar de pesquisas; tiveram problemas de saúde que demandavam maior atenção.

Durante as entrevistas e no processo de descoberta dos hábitos leitores dos sujeitos, identificamos a importância da paciência e da clareza na comunicação entre pesquisador e informante. É preciso descobrir o modo mais efetivo de perguntar, direcionar questionamentos de modo a ser entendido pelo entrevistado, porém, é igualmente – ou mais importante – saber ouvir, pois:

¹⁹ Informações presentes no Capítulo 3 - Metodologia - deste trabalho.

²⁰ Algumas pessoas disseram primeiramente, que não gostavam de participar de pesquisas; outras que já faziam parte de uma pesquisa e não queriam participar de outra; e, ainda, que não tinham nada de interessante para contar daquela época ou não lembravam de nada sobre leitura. Porém, depois, mostraram-se participativas, relatando suas histórias de leitura.

O encontro etnográfico experienciado quando se trabalha com população de idosos é marcado por um duplo movimento – a familiaridade com um contexto social definido por referenciais culturais comuns e o estranhamento pela condição existencial e até mesmo física do ser velho. Nesse contato, as limitações, as digressões ao passado, intensificadas pelo avanço no tempo de vida, são também elementos diferenciadores, nos quais a alteridade vai sendo construída de ambos os lados, nessa relação pesquisador-pesquisado, que é por vezes tensionada pela diferença e, por outras, marcada por ser o observador, ele próprio, sujeito da observação. (FERREIRA, 1998, p. 207).

Houve momentos em que os sujeitos relatavam aspectos de sua vida que não tinham relação direta com as memórias de leitura, desviando completamente do assunto pretendido. Assim, era preciso fazer algumas perguntas de apoio, que iam permitindo com que nos redirecionássemos ao objetivo, ao que realmente queríamos saber, justamente porque ao entendermos as outras colocações que nos apresentavam os entrevistados, entendíamos a relação que essas outras informações tinham com a leitura ou com a questão inicialmente apresentada por nós. E, assim, pela alteridade de que nos fala Ferreira, estabeleceu-se melhor condição de entendimento e comunicação entre entrevistador e entrevistado.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar estímulos literários e não literários – concretos ou não²¹ – que fizeram parte da formação leitora do público-alvo entre as décadas de 1940 a 1970, aproximadamente.

Como objetivos específicos, definimos:

- * Entrevistar os idosos participantes, um a um, colhendo o máximo de informações acerca de: aprendizado, materiais e locais de leitura na infância e na juventude.
- * Organizar um encontro entre todos os participantes da pesquisa, promovendo compartilhamento de suas memórias relacionadas à leitura. A este objetivo, associamos a reflexão que nos leva a:

[...] pensar no lastro comunitário de que nos servimos para constituir o que é mais individual. De uma vibração em uníssono com as idéias de um meio passamos a ter, por elaboração nossa, certos valores que derivaram naturalmente de uma *práxis* coletiva. E reflexões, que escutamos e que calharam bem com nosso estado de alma, estão a um passo da assimilação, e do esquecimento da verdadeira fonte. (BOSI, 1987, p. 331).

²¹ Como materiais concretos, tínhamos a hipótese de que houvesse diversos tipos de livros e outros materiais escritos, como cartas e cadernos de receitas. Como materiais não concretos, contávamos que houvesse histórias orais, contadas por adultos do convívio de nossos entrevistados.

* Registrar os relatos relacionados às histórias de leitura e à formação leitora, considerando separadamente os relatos obtidos em entrevista individual e em grupo.

* Analisar os materiais porventura colhidos e referidos pelos idosos, relacionados com o acesso à leitura que tiveram na Veranópolis daquela época.

Para atingirmos os objetivos descritos, procedemos a análise de literatura relacionada ao tema, procurando relacioná-la com a realidade do público-alvo, associando tais informações a dados obtidos por intermédio de livros, artigos científicos e dissertações, que, digitais ou impressos, forneceram a base da pesquisa teórica.

O *corpus* para análise foi composto pelo material coletado a partir das diversas formas com que pudemos contar para reter informações, quais sejam: a gravação das entrevistas em um gravador digital²² e anotações feitas por nós, durante as entrevistas; os relatos escritos de algumas informações que os sujeitos escreveram de próprio punho, em forma de itens, ou breves anotações à guisa de respostas ao nosso questionário, base para as entrevistas; os materiais escritos: livros, cadernos e documentos escolares (boletins), cedidos por empréstimo pelos informantes; um questionário respondido²³ pelos entrevistados, que serviu para conduzir e delimitar a direção de nossas investigações.

Nessa condição de entrevistador, segundo Thompson (1992, p. 260), “[...] há alguns princípios básicos para a elaboração das perguntas, que se aplicam a todo tipo de entrevista”, e que “devem ser tão simples e diretas o quanto possível, em linguagem comum”. Foi o que consideramos ao organizar as perguntas utilizadas, como se pode observar na lista de questões disposta no Anexo A, no final deste trabalho.

O questionário foi preparado para que tivéssemos melhor base de abordagem à temática: histórias de leitura, pois:

[...] a entrevista completamente livre não pode existir. Apenas para começar, já é preciso estabelecer um contexto social, o objetivo deve ser explicado, e pelo menos uma pergunta inicial precisa ser feita; e isso tudo, juntamente com os pressupostos não expressos, cria expectativas que moldam o que vem a seguir. (THOMPSON, 1992, p. 258).

²²Marca: Olympus. Modelo: VN-701PC.

²³ Questionário respondido oralmente ao longo das entrevistas, as quais em parte foram gravadas digitalmente e em parte registradas por escrito (anotações feitas por nós, enquanto conversávamos).

Thompson (1992) destaca a importância dos historiadores orais como ação conjunta que têm registrado não apenas vivências de grandes políticos, mas também de gente do povo, de líderes locais ou trabalhadores não-sindicalizados. Segundo o autor, “fato igualmente importante é que o conteúdo e a linguagem se deslocaram da vida pública para a experiência comum do trabalho e da família”.

Nossos entrevistados às vezes mostraram-se constrangidos em falar, por sua articulação característica do dialeto italiano; julgarem-se muito simples. Explicamos a eles que seus relatos seriam o mais importante para a realização deste trabalho. E assim, a demonstração de insegurança foi passageira e não impediu a continuação do trabalho.

5 OS IDOSOS VERANENSES E SUAS HISTÓRIAS DE LEITURAS

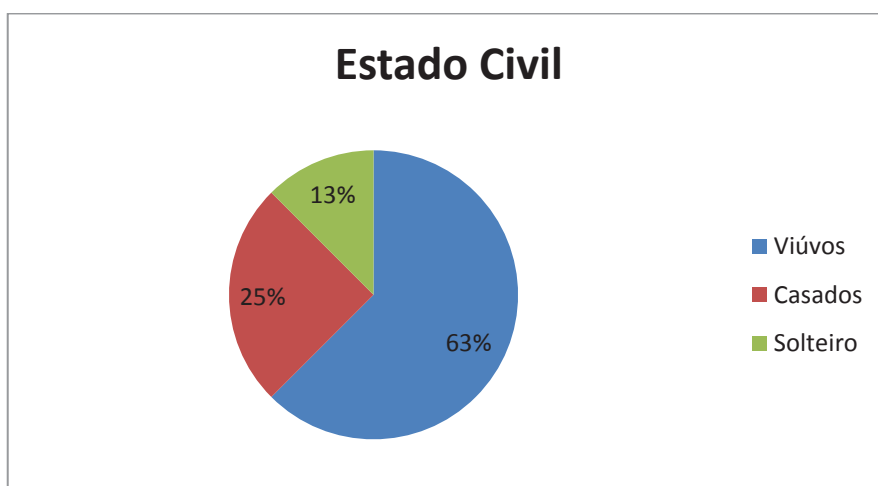
Neste capítulo serão apresentados os sujeitos participantes da pesquisa com informações acerca de sua idade, estado civil e grau de instrução, além dos relatos²⁴ das histórias de leitura que marcaram sua infância e juventude.

A sequência das narrativas terá ordem decrescente no que diz respeito à idade dos participantes, o que justificamos por estarem presentes em seus relatos fatos que nos mostram gradativas marcas de passagem do tempo, de modernidade e de comportamento dos indivíduos.

5.1 Os sujeitos da pesquisa

São em número de oito os sujeitos que foram entrevistados para esta investigação, sendo quatro homens e quatro mulheres, 50% de cada gênero. Todos eles apresentam-se como cidadãos veranenses alfabetizados, cujos estados civis são: cinco viúvos, dois casados e um solteiro.

Gráfico 1 – Estado civil dos sujeitos da pesquisa

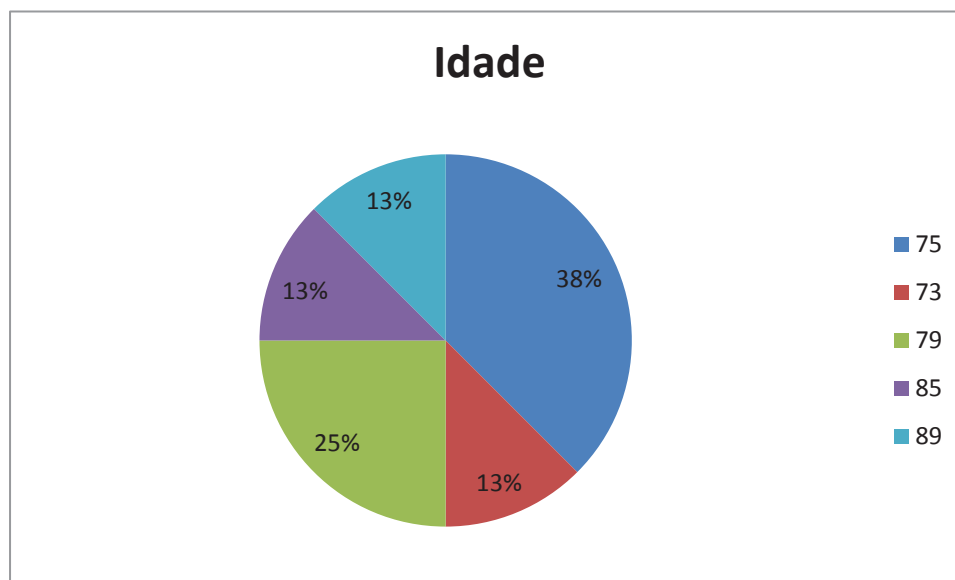


Fonte: todos os gráficos deste trabalho são elaborações da autora com base nos dados da pesquisa.

²⁴ Lembramos que são relatos parciais, pois preservamos as informações que se referem de modo mais próximo aos livros e às histórias de leitura. Em parte são transcrições, e em parte os relatos são contados pela pesquisadora, em terceira pessoa.

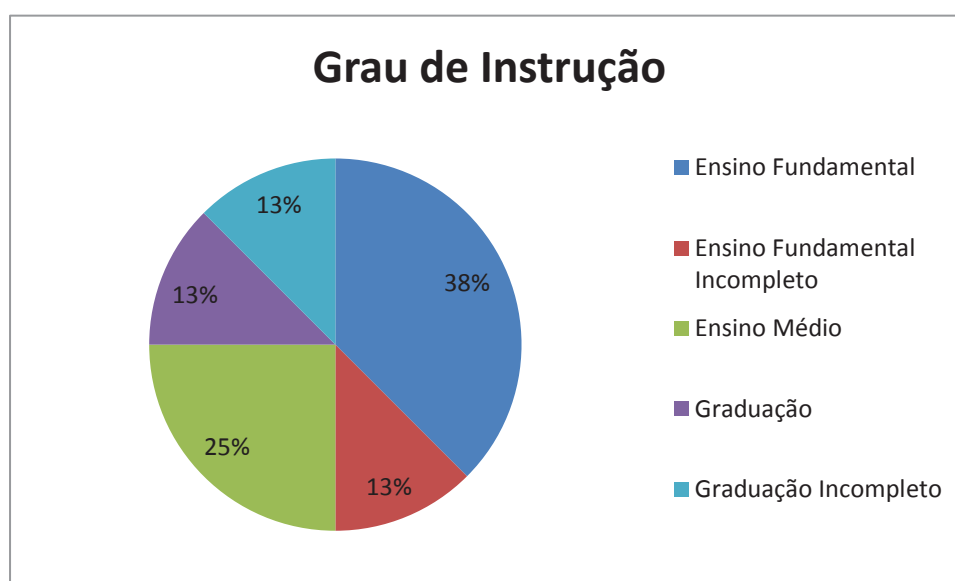
As datas de nascimento dos indivíduos incluem-se entre os anos de 1926 e 1942, perfazendo uma média de idade de 81 anos. O Gráfico 2 apresenta os percentuais das idades encontradas.

Gráfico 2 – Idades dos sujeitos



Em relação ao grau de instrução (Gráfico 3), três idosos concluíram o ensino fundamental, um tem ensino fundamental incompleto, dois concluíram o ensino médio, um possui graduação, e um está cursando graduação atualmente.

Gráfico 3 – Escolaridade



5.2 As histórias e as leituras

Oito histórias de leitura formam a base do corpus desta pesquisa, que se divide em: a) as narrativas de cada um dos idosos colaboradores, e b) os livros²⁵ referidos por eles, durante o processo investigativo.

Apresentamos essas histórias de leitura, a fim de preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa, pelas letras iniciais do nome de cada uma das pessoas entrevistadas, seguidas do ano de seu nascimento, em ordem decrescente de idade. No texto, usamos apenas as iniciais dos nomes para nos referirmos aos entrevistados.

5.2.1 C.C. 1926

C.C. tem 89 anos e é acadêmico do curso de Pedagogia. Seu primeiro contato formal com a leitura foi aos seis anos de idade, quando começou a frequentar o primeiro dos cinco anos escolares, até o “quinto livro”. E em todos os níveis lecionados na pequena escola estadual da comunidade San Valentin (interior de Veranópolis, ainda Alfredo Chaves, naquela época), havia atividades de leitura, de escrita e de aritmética – descritos em uma cartilha. C.C. destaca sua dificuldade para a leitura ao longo de todo o tempo em que frequentou a escola e afirma: “até hoje ainda não sou muito bom”. E questiona-se a si mesmo: “Como assim, que eu sabia todas as letras, a começar pelo a, e, i, o, u, desde os quatro anos; e depois também aprendi todas as outras letras, e mesmo assim não entendia muito bem o que elas diziam?”.

O sujeito lembra que, nos tempos de escola, gostava do catecismo e sabia todas as rezas, “[...] mas quando precisava ler, lia o início da palavra e depois adivinhava o resto; não conseguia entender como que para os outros era tão fácil saber o que estava escrito nos livros. E era isso que eu queria: saber ler direito”.

No último ano escolar de sua infância, C.C. fazia parte de uma turma de 37 alunos, com doze meninos, que sentavam-se à esquerda do professor, e 25 meninas, à

²⁵ Durante as entrevistas e os contatos mantidos com os idosos participantes desta pesquisa, acessamos por sua indicação ou empréstimo 158 livros, que configuram apenas parte do material de leitura que havia disponível na Veranópolis de meados do século XX.

direita. Essas crianças de idades variadas faziam parte dos cinco níveis de estudos, desde o primeiro até o quinto ano, sendo que tinham apenas um professor para conduzir as aulas. Eram crianças da mesma localidade, ou “capela”, a maioria parentes entre si. C.C. cita nomes de famílias a que pertenciam alguns colegas, que além dos Costella, havia os Zancanaro, os Gasparin, os Grazziotin e os Burati.

Naquela época, em sua realidade, para ser considerado aprovado em cada nível de estudo, o aluno passava por uma avaliação conduzida por “uma autoridade do governo que vinha aplicar os testes finais”. Os testes constavam de uma série de atividades escritas e orais, sendo que algumas eram também apresentadas em público, diante dos colegas, dos professores e dos pais, por ocasião de uma cerimônia de encerramento do ano letivo. No momento de ser avaliado, o aluno ficava no centro da sala, rodeado e observado pelos demais, que se mantinham em silêncio; e sua exposição oral constava de práticas como: leitura de um texto com o qual não deveriam ter familiaridade; declamação de poesias; canto do hino nacional e também tinham de mostrar que sabiam dizer alguns nomes de estados brasileiros e também de autoridades: “acho que eram os governadores”, relembra C.C. No final de cada ano, sempre havia uma festa de integração entre familiares, professores e alunos, “quando as crianças recebiam saquinhos com doces e biscoitos feitos em casa mesmo, como mandolatos²⁶ e broas”. Era a comemoração da superação de dificuldades, como relata C.C.: “[...] sentia muita vergonha de ficar lá na frente de todo mundo, e ler era a pior parte, mas consegui”.

Logo após o término dos estudos iniciais, C.C. trabalhou nas terras de sua família, juntamente com os irmãos, pais e tios. Porém, queria muito continuar estudando, “queria aprender as coisas dos livros”. Assim, deparou-se com uma situação conflituosa. Como 11º dos dezessete filhos de um casal religioso e economicamente influente na comunidade, poderia ser encaminhado para continuação dos estudos em um seminário de freis Capuchinhos no centro de Veranópolis. Lá seria preparado para o exercício do sacerdócio a exemplo de quatro de seus irmãos mais velhos que lá estudavam, já há alguns anos. Porém, sentia-se apreensivo “por saber que não tinha vocação para ser padre”. E foi o que disse aos irmãos que já eram seminaristas: “Eu gosto de rezar, mas não tenho vocação religiosa”. Ao que os irmãos responderam: “Isso

²⁶ Doces feitos à base de amendoim e melado, de formato retangular, e medidas aproximadas de 10 cm de comprimento, 2,5 cm de largura e 1 cm de espessura, comumente embrulhados individualmente em papel de cera branco.

você aprende depois”. O que não aconteceu. C.C. queria estudar, era muito jovem, e foi conduzido pela família e os religiosos conhecidos de seus pais ao colégio de padres, onde o ensino era efetuado em regime de internato e ficava longe de casa.

Após algumas semanas no internato, convivendo com centenas de outros meninos, a maioria vinda de diversas cidades da região serrana gaúcha, em uma rotina de rezas, leituras da Bíblia e afazeres domésticos e agrícolas, orientados principalmente por um de seus irmãos que já era “guardião”,²⁷ C.C. percebeu que estava cada vez mais triste e “nem dormia direito”, revela. Tinha saudade de casa, dos pais, dos irmãos que lá ficaram, saudade do próprio trabalho na roça. Queria voltar para a casa da família. Pediu, de modo insistente, aos irmãos com quem convivia para voltar para casa, para junto dos demais familiares e para a sua velha rotina, fora do colégio. Eles tentaram dissuadi-lo, argumentaram que ele precisava de mais tempo para se acostumar, e que iria acabar gostando.

Os irmãos argumentaram lembrando-o do orgulho da mãe ao referir “Meus filhos serão padres!” – pois era um grande privilégio para a família que tivesse um filho padre (o que diriam de cinco filhos padres?). E, de modo ainda mais incisivo, lembraram-no do dinheiro que o pai havia investido para que C.C. tivesse a oportunidade, “que muitos gostariam de ter”, de seguir carreira religiosa. Roupas novas tinham sido compradas, assim como livros, crucifixo, rosário, mantimentos, que foram enviados ao colégio. Mesmo com todos os argumentos, os irmãos não conseguiram movê-lo daquela que parecia ser a decisão mais importante que já tomara: voltar para casa. O pai não iria concordar – preveniram-no. Realmente, o pai não gostou. Depois de longas conversas entre o pai e os religiosos dirigentes da escola, foi finalmente acordado que C.C. não seguiria com os estudos naquela instituição e voltaria para casa. Sua mãe foi buscá-lo sozinha no seminário, sem o pai, que demorou a aceitar aquela desistência. Sim, ainda teria uma vida cristã, era o que C.C. queria, “Eu não estava abandonando Deus”, porém, sem o compromisso de seguir carreira religiosa. Quando saiu do seminário e voltou para casa na garupa da mula conduzida pela mãe, sentiu-se muito feliz, livre e agradecido a Deus.

Aos 23 anos de idade, C.C. conheceu aquela que seria sua primeira e única namorada. Com ela casou-se, teve onze filhos, e compartilha a vida até os dias de hoje.

²⁷ Entendemos que *guardião* era um menino mais velho que se responsabilizava por um dos mais novos recém-chegados ao seminário para orientá-lo acerca da rotina do local, suas atividades obrigatórias, horários a cumprir, etc., uma espécie de padrinho.

C.C. refere seu amor ao trabalho árduo em todos os negócios em que sua família investiu. Além do natural trabalho na roça (plantação, colheita, preparação do solo), havia o comércio do excedente de produção. Trabalhavam, ainda, no preparo de doces de frutas, conservas de legumes em sal e vinagre, salame, exploração de pedreira (extração de basalto, transporte e distribuição de pedras). Tinha amor e energia dedicados aos negócios da família (com seus pais e irmãos), mesmo sem muito estudo na juventude. E nas viagens com o caminhão próprio pela região, comercializando os produtos, C.C. também trazia encomendas feitas não somente pelos de casa, mas também por pessoas da comunidade; utensílios de cozinha e botas eram frequentes em sua lista. Algo que também vinha em todas as viagens era o jornal *Correio Riograndense*, do qual foi distribuidor durante diversos anos: “Sempre ficava sabendo de tudo o que acontecia de importante por causa do jornal, e daí tinha bastante assunto quando que voltava pra casa”.

C.C. relata que sempre pensou em voltar a estudar. Depois dos filhos crescidos e com o apoio de todos, voltou a frequentar os bancos escolares no antigo Mobral e em outros cursos para adultos, até ingressar no ensino superior, há seis anos. Segundo ele, estuda pelo prazer do constante e renovado aprendizado e pela “convivência com pessoas inteligentes. Vou de vagarzinho, mas vou indo”.

5.2.2 F.T.M. 1930

Décimo de onze filhos, F.T.M. é padre, hoje com 85 anos de idade, nascido na Linha Aimoré, interior da localidade de Vila Flores, hoje município politicamente emancipado, distante 10 km do centro de Veranópolis. Ele refere sua saúde frágil, e afirma: “sempre fui meio doente e fraco. Quando criança, não tinha vontade pra nada, nem de brincar de correr, de subir em árvores, de pular ou coisas desse tipo”. Com a saúde assim, tão frágil, não era considerado adequado para trabalhar na roça “e tocar pra frente a colônia junto com o pai e os meus irmãos”.

Quando tinha em torno de 12 anos de idade, foi enviado pelos pais para o seminário, em regime de internato, a fim de iniciar sua formação religiosa e tornar-se padre. Assim ele poderia estudar e ter uma carreira, sem que sua saúde fosse posta à

prova diariamente em trabalhos como arar o solo, plantar, colher, serrar pinheiros, desmatar e cortar lenha com machado, assim como levantar de madrugada para ordenhar vacas. Todas essas atividades necessárias de serem realizadas no dia a dia dos familiares de F.T.M. e de muitos outros, colonos veranenses que eram.

Assim, foi encaminhado para uma vida de estudos, e, ao longo dos anos, aprendeu idiomas diferentes daquele com que se comunicava em casa, em família – o italiano dialeto vêneto. Estudou francês, português e latim. F.T.M. assegura que sempre gostou de estudar, mas, inicialmente, não se via como um padre por vocação. Ela foi sendo “construída e aprendida com o estudo, a disciplina e a concentração”, na rotina que o noviciado lhe impôs ao longo dos anos.

Ele lembra que no internato havia uma obra intitulada *O capuchinho e o retiro*,²⁸ basicamente era um livro informativo e orientador acerca da rotina de um noviço e do comportamento que se esperava dele no seu dia a dia no internato. Trechos do livro eram lidos diariamente à hora das refeições pelos noviços. Nesses momentos, os meninos compartilhavam não apenas os alimentos, mas também a leitura. O livro era passado de mão em mão, “cada um lia um parágrafo ou dois em voz alta [...]; então quem não estava na vez de ler, tinha que ficar em silêncio e prestar bem a atenção, porque às vezes o frei fazia perguntas sobre o que o outro tinha lido”. Essa leitura compartilhada e em voz alta era utilizada para manter-se a ordem durante as refeições e “a atenção dos alunos focada em questões religiosas”. A maioria de seus colegas, com quem tinha maior proximidade naquela época, já conhecia o livro por já ter lido esse material ou por ter ouvido algumas passagens nessas leituras comunitárias com os demais. Mas como sempre havia alunos novos chegando ao seminário, “aquela leitura entre todos, era sempre útil pra alguém”.

Se F.T.M. pensava não ter vocação para o noviciado, também não havia despertado para qualquer outra vocação até em torno de seus 18 anos de idade. Ele assevera ter tido “sempre muito amor pelos estudos”, dedicando especial atenção ao aprendizado de filosofia e de línguas. Relata que gostava de ensinar o que sabia, e ainda gosta, mas não leciona mais. Trabalhou por muitos anos como professor, especialmente de alunos adultos, em cursos noturnos. Diz ter orgulho de ter tido como alunos pessoas que mais tarde destacaram-se na comunidade veranense, tornando-se empresários, professores e políticos.

²⁸ O livro referido pelo entrevistado, talvez não tenha exatamente esse nome, pois não foi possível identificá-lo.

Não eram apenas alunos novos que frequentemente chegavam ao seminário em que F.T.M. estudou. Havia também padres de localidades próximas que estavam de passagem e lá ficavam hospedados por alguns dias, além de professores novos, que também eram freis, vindos transferidos de cidades um pouco mais afastadas ou de outras regiões do Brasil. Por mais que não houvesse relação de intimidade ou muita proximidade com esses freis, F.T.M. relata ter aproveitado para observar e aprender tudo o que podia com esses profissionais. Eles traziam, juntamente com seus demais pertences, livros diferentes, que “não eram todos de religião”, como aqueles que tinham que ler por obrigação no internato. Eram também livros de romances (alguns proibidos para ele e os outros internos), poesias e até cartas que tinham sido escritas por gente que ele jamais conheceu: parentes ou amigos dos professores vindos de fora, mas que falavam de uma vida diferente, lugares diferentes, que ele teve vontade de conhecer. Um desses lugares é a Região Nordeste do Brasil.

F.T.M. informa que muitos desses materiais escritos, com que teve contato em sua época de estudante, hoje encontram-se arquivados em uma biblioteca de Caxias do Sul, como parte do acervo do museu da Ordem dos Capuchinhos, o Muscap. São livros de estudos que foram compartilhados pelos noviços, assim como tudo o que era do seminário, pois nada tinham de seu, em particular, “tudo era de todos”.²⁹

5.2.3 L.M.R.1931

L.M.R. nasceu na capela de Santa Rita, no interior de Veranópolis, em meio a uma enorme plantação de milho e muitos pinheiros araucária das terras da família. Primogênito de onze irmãos, sempre entendeu como prioridade o trabalho na agricultura, lado a lado com os pais, os primos, que tinham idade aproximada a sua, e dois tios, irmãos mais novos de seu pai.

Ingressando na escola aos 7 anos de idade, L.M.R. aprendeu as primeiras letras com uma séria e severa professora. Era difícil para L.M.R. juntar as letras e escrever, sem copiá-las. Algo que marcou a vida deste sujeito, na época menino em seu primeiro ano escolar, foi o fato de ser canhoto, e esta lateralidade não ter sido aceita pela professora na escola: “Ela dizia que a mão certa para escrever era a mão direita, a

²⁹ Encontramos alguns materiais referidos por F.T.M. no Muscap, em Caxias do Sul.

mesma mão de se fazer o sinal da cruz”. Ele relata que tentava, mas não conseguia escrever com a mão direita; ao menos não mais do que garatujas, sem qualquer agilidade de movimentos, enquanto que com a esquerda já conseguia escrever com mais clareza e firmeza.

Quando aprendia a ler alguma palavra nova, L.M.R. gostava de escrevê-la, “por puro gosto de confirmar que tinha mesmo aprendido o que aquela palavra significava”. E sempre que podia, encolhia-se para um lado em sua mesinha de canto na sala de aula, e escrevia com a mão esquerda. E quando a professora Vilma percebia que era com a mão esquerda que ele escrevia, castigava-o, batendo em sua mão esquerda com uma régua fina e comprida de madeira que possuía. “Doeram, aquelas duas ou três reguadas, os dedos ficaram até vermelhos”. Mas este não foi o único castigo a que se submeteu. A professora Vilma por diversas vezes colocou L.M.R. e seus colegas, cada um a seu tempo, de joelhos apoiados em sementes de milho ou feijão, espalhadas no chão atrás da porta da sala de aula. Ela tinha tal atitude como represália por desobediência ou por desordem enquanto explicava conteúdos de disciplinas. Ele inclusive mostrou à entrevistadora algumas marcas em seus joelhos, atribuídas àquele tipo de castigo, certamente jamais esquecido por quem o recebeu.

E nessas ocasiões, à dificuldade da prática da escrita com a mão direita, somava-se a vergonha de ser repreendido diante dos colegas e de seus olhares de pena e medo: pena dele e medo de que a professora percebesse também as suas dificuldades e os castigasse da mesma forma, por não conseguirem superá-las. “Era humilhante”, e L.M.R. segurava o choro, mas nem sempre conseguia evitar que lágrimas de dor e opressão escorressem pelo rosto.

L.M.R. lembra que teve uma infância marcada fortemente pela religião. Tanto ele quanto seus familiares tinham rotinas de rezas matinais e vespertinas, frequentemente acompanhadas de alguma música do livrinho de lições de catecismo que tinham junto à Bíblia na entrada da sala, em local de destaque, em um suporte de madeira pintada pregado na parede. Aos domingos, quase sempre iam à missa na comunidade que ficava distante três quilômetros de sua casa. Eram dias de festa porque podiam encontrar amigos e parentes que não viam com tanta frequência. As crianças juntavam-se em um campinho próximo à igreja, comiam guloseimas, como rapaduras e mandolatos, e jogavam futebol com uma bola improvisada. Em domingos intercalados recebiam em casa a visita de uma freira, “que vinha dar o catecismo para as crianças da nossa família e a algumas outras crianças que moravam por perto”. Era uma pessoa

amiga da família, muito jovem, simpática e considerada muito sábia. Ela era uma mulher morena, “do tipo bem brasileira mesmo”, como dizia a mãe de L.M.R., que era de origem italiana e “em geral era preconceituosa em relação aos negros e às pessoas de pele morena, mas não no caso da Irmã Mariana, porque todos tinham por ela muita amizade e simpatia”.

Em um desses domingos de catequese, Irmã Mariana perguntou para as crianças, como sempre fazia: como estavam indo na escola?; se estavam fazendo as atividades de casa direitinho... Perguntava de forma tão bondosa, calma e interessada, que L.M.R., ao final da aula, naquele dia, quando ela já estava indo embora, acompanhou-a pela estrada, um pouco distante da casa e dos demais, falou de seu problema. Disse que não estava mais gostando da escola, que apanhava na mão e não conseguia escrever o que aprendia a ler porque não podia ser com a mão esquerda. Ele acreditava que não estaria realmente aprendendo a ler, enquanto não pudesse também escrever. A freira ouviu-o com “aquele tipo de atenção que era difícil um adulto dedicar pras crianças naquela época; mesmo para uma freira, era raro”. No caso da Irmã Mariana, foi sua atenção que o encorajou a falar. Nem em casa ele tinha falado sobre isso, porque pensava que os pais não questionariam o comportamento de um professor, a quem os filhos deviam obediência. Os pais não o defenderiam dos castigos, talvez nem cogitassem tal possibilidade. A freira, então, prometeu que da próxima vez que viesse a Sta. Rita, o ajudaria a escrever melhor com a mão direita, para aquele dia já não daria mais tempo. Ele confiou que conseguiria ler porque a freira se propôs a ajudá-lo a escrever, então “não parecia tão impossível”. A freira pediu que ele fizesse a escrita com mais calma e o melhor que pudesse na escola, e que não contrariasse a professora, evitando novos castigos. Ela pediu que ele treinasse também em casa, assim poderia aperfeiçoar a leitura e a escrita com mais calma.

Assim, no domingo seguinte, como prometido e até superando as expectativas de L.M.R., a freira fez linhas de caligrafia em um de seus cadernos, orientou como segurar o lápis e como “desenhar melhor as letras, no jeito certo”. As outras crianças do grupo de catecismo também se beneficiaram daquela atividade extra, proposta pela Irmã. E, assim, L.M.R. sentiu-se melhor em escrever e ler tudo o que lhe despertasse interesse, “mesmo fora da escola: uma placa, uma folha de jornal, os nomes das lojas quando vinha pra cidade...”³⁰ lia tudo o que queria”. Mas, também, tinha que ler os livros da

³⁰ Referência à parte urbana mais central do município.

escola, “mais por obrigação, porque a gente tinha que aprender bem as lição”. E então, sempre que tinha disposição escrevia com a mão direita, mesmo fora da escola, pois havia desenvolvido o hábito. Foi o que passou a fazer desde aquele dia: quando não estivesse trabalhando na roça ou tirando leite, geralmente de noite, depois da janta, “estava quase sempre lendo o catecismo, que era o segundo livro mais importante que a gente tinha. A Bíblia era só o pai ou a mãe que pegavam”, porque era preciso cuidar para não danificar. L.M.R. lia e copiava algumas palavras. Depois, com o tempo, passou a pensar nas palavras que conhecia e as escrevia, como as comidas de que gostava: polenta, pombada, salame, marmelada, uvada, frutas e legumes, entre eles: laranja-do-céu, bergamota, pinhão e *radiccicoti*.³¹ Assim ele se deu conta do que fazia: “primeiro eu escrevia e depois lia pra ver se tava certo, se entendia é porque tava certo”.

A mudança ocorreu apenas para escrever. L.M.R. continuava capinando com a enxada conduzida pela mão esquerda; no futebol com a criançada, continuava a chutar mais forte com a perna esquerda; “descascava laranjas que era uma maravilha, mas só com a mão esquerda segurando o canivete, porque isso não era proibido”.

Hoje, com 84 anos, L.M.R. ainda escreve com a mão direita tudo o que precisa, e afirma que não saberia mais escrever com a esquerda. Já não chuta bola de futebol, mas ainda descasca laranjas com a mão esquerda, fazendo uso de sua motricidade e independência, domínio natural e seguro da sua real lateralidade: canhoto. Apesar de não ter continuado os estudos além do ensino público fundamental oferecido em sua infância, ele sempre teve uma boa relação com a leitura, mantendo certa regularidade e acompanhando jornais, como o *Correio do Povo* e o *Correio Riograndense*, eventualmente alguma revista que não saberia nomear, e a Bíblia, não mais tão frequentemente como na infância.

Os livros citados ou emprestados por ele foram: *Segunda Aritmética*, *Pequeno Dicionário Escolar Latino-Português*, além da Bíblia e de livros religiosos de catecismo.

³¹Radicci é uma hortaliça de folhas verde-escuras e amargas; *cotti* é o modo de preparo, que é cozida. Assim, radicci cozida não fica tão amarga, de melhor paladar e digestão; alimento bastante comum na mesa do descendente de imigrantes italianos na região de Veranópolis.

5.2.4 R.P.1936

Filha caçula de Eugênio e Regina, que eram líderes comunitários e religiosos fervorosos, R.P. teve, desde criança, uma vida socialmente ativa. Seu pai era músico e vocalista de uma banda chamada Santa Cecília, que fazia “muito sucesso nas festividades do interior de Veranópolis naquela época”.³² Assim, R.P. lembra que, ao mesmo tempo em que aprendeu a ler as letras, aprendeu também a ler partituras musicais, utilizadas nas apresentações do grupo do pai. Foi com o auxílio do pai que R.P. entendeu “as primeiras combinações das letras”.

Eugênio, “tão amigo de seus oito filhos”, organizou-os em um grupo de coral, cujas vozes eram formadas por dois tenores, dois baixos, duas contraltos e as vozes de R.P. e uma das irmãs, sopranos. Sua família apresentava-se nas festas do interior de Veranópolis bem como na Igreja Matriz, no centro da cidade. Essas apresentações ora eram com a banda Santa Cecília, que lhes apoiava, ora eram em missas de batizados, casamentos ou encontros familiares, em geral entoando músicas religiosas.

R.P. lembra de sua infância como um tempo em que tudo parecia estar bem, sem angústia, sofrimento ou qualquer insatisfação. Era divertido estar no colo do pai à mesa da cozinha, enquanto a mãe e as irmãs mais velhas faziam a janta. De dia, ajudava nas atividades de trabalho na colônia junto com os irmãos. A cada um, de acordo com sua capacidade, eram designados serviços importantes para a família. A ela cabiam atividades como: colher ovos nos galinheiros e nos ninhos das patas; colher legumes e verduras na horta; separar palhas de milho.³³ Além dessas tarefas, havia algo que para ela era muito divertido, ia montada no burrinho que puxava o arado, conduzido por algum irmão maior ao preparar a terra para o plantio.

Quando cresceu, percebeu “como era difícil manter uma colônia funcionando”. Percebeu que, apesar do hábito de cantar e das relações sociais que tinham, era cansaço físico e preocupação o que via nos rostos dos pais e irmãos mais velhos. Anos mais tarde, os pais costumavam contar que na época da Segunda Guerra Mundial, entre 1942 e 1943, havia o temor de que os jovens fossem convocados pelo Exército Brasileiro e enviados aos países em conflito. Eram conversas veladas, testas franzidas, atenção e

³² Entre 1930 até quase 1950.

³³ Era uma espécie de triagem que faziam com a palha do milho, escolhendo as mais limpas e secas para com elas confeccionar os enchimentos dos colchões das camas da família, que eram trocados periodicamente.

silêncio das pessoas ao redor dos poucos rádios disponíveis à hora das transmissões de noticiários. Foi, na realidade, uma época de insegurança em relação à economia do país e à separação dos jovens de suas famílias, e sobre como manteriam as propriedades produtivas sem eles. Então, rezavam “pedindo a Deus que nos desse paz”.

A religião sempre esteve presente na vida de R.P., a vivência da religiosidade desde cedo fez parte de sua rotina, tanto em família quanto entre amigos. Uma das atividades de que ela lembra é das reuniões de famílias, para os serões – filós – onde se rezava o terço, pedindo a proteção para as plantações e para a saúde de quem trabalhava e mantinha tudo funcionando. Depois, seguia-se farta mesa, com comidas preparadas pelas mulheres de todas as famílias, não somente os donos da casa em que eram feitas as reuniões, local que era revezado entre todos; cada família trazia comidas prontas ou ingredientes para prepará-las no local do filó. Nessas reuniões, faziam-se novenas, organizavam-se e encaminhavam-se, juntamente com o padre da capela – comunidade – quase sempre presente, outras atividades da igreja, como missas de casamento, velórios, festas de santos padroeiros, grupos de catecismo e batizados.

Normalmente eram ocasiões muito alegres, de forte integração entre as pessoas. “Às vezes a gente olhava ao redor e via todo mundo falando ao mesmo tempo”. Os homens falavam basicamente de trabalho: algo mais pesado que tivessem feito durante o dia ou uma parte do campo que tivessem terminado de arar ou plantar. As mulheres ensinavam trabalhos manuais às filhas, como bordados, utensílios domésticos feitos com palha de trigo ou milho, objetos de enxoval; falavam sobre filhos, comidas, maridos. As pessoas cantavam, rezavam e lembravam histórias de familiares que vieram da Itália, a maioria das histórias, já diversas vezes repetidas, falavam sobre as mortes de entes queridos, a vida de medo das intempéries, das doenças, do desconhecido; tudo superado com o passar do tempo. “Até porque mesmo *non* tinha outro jeito”.

Nessas ocasiões, não podiam faltar um terço, as imagens de santos, a Bíblia,³⁴ o livrinho de Catecismo, o livro de rezas e as músicas religiosas, que seus “pais faziam questão de aprender com o padre e sempre que possível, puxar a cantoria” nesses encontros, que tinham ar festivo.

R.P. estudou até o quarto ano, ou “quarto livro”, como a maioria das crianças de sua geração, pois era o que dispunham na comunidade. Aos nove anos de idade, chegou

³⁴ Todas as famílias que R.P. conhecia tinham uma Bíblia, umas melhor encadernadas, outras mais simples, mas todas eram colocadas em destaque na sala das casas: no centro da mesa principal ou, como em sua casa, em um suporte como um pequeno altar.

a ser aluna interna do colégio de freiras Regina Coeli,³⁵ cursando o quinto ano, no centro de Veranópolis, ano letivo que não concluiu. No final de 1945, fez os exames de admissão para a continuidade dos estudos. Porém, teve problemas de saúde e foi enviada novamente para sua casa para se cuidar. Ao término do tratamento, que foi diagnosticado como sarampo, não houve continuação dos estudos formais.

O fato de ter deixado a escola não a fez abandonar o hábito da leitura. Ao contrário, este hábito tornou-se ainda mais forte. “Eu lia muito”, pois “era uma das coisas de que mais gostava na vida”. Um de seus maiores estímulos para a leitura eram os cadernos de receitas de sua mãe, e sente por não mais tê-los em mãos. Desde muito pequena gostava de ajudar na cozinha, observava atentamente como se preparavam os alimentos, “desde uma simples polenta, até os doces que exigiam mais tempo e atenção, como a ambrosia e as marmeladas”.³⁶ Gostava de descobrir novos apontamentos de receitas e “testar para ver se dava mesmo certo: bolos, pães, pudins e uma infinidade de alimentos que gostava de preparar e ver todo mundo comendo bastante”.

Outra fonte de leitura, já em sua juventude, eram os livros da biblioteca pública, que ela e os irmãos que sabiam ler retiravam semanalmente, quando iam “com o pai para o centro de Veranópolis vender queijos, leite, doces, biscoitos e tudo o que cabia na carroça”. Era depois que terminava esse trabalho de comércio³⁷ dos produtos trazidos do interior que R.P. podia deleitar-se na escolha dos romances e poesias que levaria para casa. Na mesma ocasião de ida à cidade, compravam o jornal *Correio Riograndense*, fonte de “muitas informações do que acontecia pelo mundo”. Quando o jornal era comprado, “o primeiro a ler era meu pai; depois, ele lia em voz alta para mim e para quem mais o estivesse acompanhando na ocasião, o que ele achava de mais interessante”. Em casa, podiam reler o jornal, que posteriormente seria guardado, como os demais exemplares.

R.P. conheceu seu futuro marido aos dezesseis anos, em uma tarde de domingo. Para ele escreveu poemas apaixonados, tanto quanto poderiam expressar seu vocabulário e sua educação de “moça daquela época”. Escrevia quando não podiam estar juntos, pois podiam se encontrar apenas uma vez por semana, e nunca ficavam sozinhos. Tinha saudade, então ela escrevia em seu caderno os poemas e, depois, lia

³⁵ Apenas para estudar, não para formar-se e seguir a vida religiosa.

³⁶ Marmeladas era como chamavam os doces de frutas – poderia ser de marmelo ou de qualquer outra fruta da estação - feitos em tachos de ferro, onde misturavam-se basicamente: frutas, água e açúcar em fervura, mexendo com uma longa haste de madeira para não grudar no fundo, até se obter uma pasta.

³⁷ Era montada rusticamente uma feira ao redor da Igreja Matriz, no centro de Veranópolis. Ali, os produtores podiam comercializar o que trouxessem das colônias, no interior do município.

para ele, quando se encontravam. Até encontrá-lo pela primeira vez, R.P. só havia ouvido falar no filho mais velho daquela família de conhecidos que tinha ido para o quartel servir à pátria. Casaram, tiveram três filhos, e construíram uma forte referência comercial em Veranópolis, que se destaca até os dias atuais.

Hoje, aos 79 anos, R.P. é viúva, avó, e continua socialmente ativa. Exerce discreta influência na vida religiosa da comunidade veranense e faz parte do Coral da Longevidade, composto por pessoas de sua faixa etária. Cantar com o coral a faz lembrar-se de momentos marcantes de sua infância, quando se apresentava com os irmãos e o pai nas festas de colônia há tantos anos, “mas parece que foi ainda outro dia!”.

5.2.5 L.R.B.1940

L.R.B. gosta de relembrar das atividades relacionadas ao tempo em que ia para a escola, gosta de lembrar de que ia brincando com outras crianças pelo caminho até chegar à escola, distante de sua casa aproximadamente 2 km. Gostava de aprender a ler e escrever, da hora da merenda, do recreio, “tudo a seu tempo, e tinha tempo pra tudo”, gostava dessa rotina. Mas na sala de aula, ficava intimidada com algumas atitudes da professora, que era “muito severa”.

Dona Celina, a professora, explicava muito bem as lições, mas não deixava passar desobediências, e castigava as crianças colocando-as de joelhos atrás da porta da sala de aulas, sobre grãos de milho ou de feijão. A criança castigada, menino ou menina, ali deveria permanecer até que fosse autorizada a voltar para seu lugar. Outro tipo de castigo bastante frequente eram as “varadas nas pernas” das crianças. Uma varinha fina de marmeleiro era usada para bater nas pernas das crianças que fossem desobedientes, não fizessem os deveres de casa ou brigassem com os colegas. Durante os castigos, era melhor que não se reclamasse; chorar não contribuía para melhorar a situação, isso só aumentaria a sensação de humilhação. Para quem ficava sobre os grãos, ao levantar-se do chão apresentava nos joelhos profundas marcas das sementes e, por vezes, algum sangramento no local.

L.R.B. ficou muito impressionada com os frequentes olhares de medo por parte de seus colegas, olhares que refletiam o seu próprio olhar, pois também compartilhava o temor, e o choro contido de quem já havia sido castigado também está vívido em sua memória. Ao lembrar-se dessas marcas negativas em relação à escola, ela lembra também o porquê de ter interrompido os estudos ainda na terceira série: não gostava da sensação de medo constante. Agora, analisando de longe, pensa que, por causa do medo até de falar para pedir uma nova explicação sobre o conteúdo das lições, perdeu muito da espontaneidade da infância e da vontade que ela tinha de aproveitar tudo de bom que a escola oferecia. Ainda assim, era melhor estar na escola, “porque enquanto a gente ficava na escola, não precisava trabalhar no pesado”. Refere-se ao serviço na roça, quando precisava ajudar os pais e irmãos mais velhos no dia a dia para manter a colônia: ordenhar as vacas, manter a horta próxima à casa, lavar e costurar as roupas da família, cozinhar, cuidar dos irmãos menores. Assim era a rotina de quase todas as crianças que L.R.B. conhecia naquela época: cada um, conforme sua idade e capacidade, precisava contribuir.

Até a terceira série, L.R.B. tinha, como maior prazer na escola, a leitura de livros que dona Celina emprestava a ela e aos colegas que quisessem ler. A professora tinha alguns livros à disposição dos alunos, porém, era firme em recomendar que os cuidassem, não os perdessem, sujassem, rasgassem ou estragassem de alguma forma. Ela relata que “demorava muito para ler um livro inteiro”, porque “eram livros difíceis pra entender, eram livros para adultos, não era como hoje que tem muitos livros para crianças e que tem desenhos e letras grandes”. Tinha, também, a dificuldade de entender todas as palavras novas do português, ela ia aprendendo aos poucos, não apenas o modo de escrita das palavras, mas seu significado. Lembra que algumas vezes começou a ler o livro desde o início, havia diversas palavras que não entendia, mas, “em geral, entendia toda a história”.

Houve uma época em que dividia a leitura de um livro com a Amábile, uma de suas colegas, mais velha do que ela dois anos. Cada uma lia um pouco em voz alta. Era bom para L.R.B. porque a outra conhecia palavras que ela ainda não conhecia, e iam juntas entendendo melhor a leitura, além de terem a companhia uma da outra. Um livro de que lembra bem “era um do Erico Veríssimo, que tinha diversas histórias no mesmo livro: *As mãos de meu filho*.”³⁸ E algumas dessas histórias L.R.B. e sua colega leram

³⁸ É um livro de contos de Erico Veríssimo, editado em 1942, onde no prefácio o autor escreve: “São histórias e impressões rabiscadas entre 1934 e 1940, e melhor seria que o livro levasse o título de um de

mais de uma vez. As leituras compartilhadas entre elas eram feitas principalmente nos dias em que não havia aulas na escola: sábados, domingos (depois da missa) e antes do anoitecer, “quando cada uma tinha que estar na sua própria casa”. Liam juntas também depois das atividades na pequena igreja da comunidade (catequese, quermesses, coral).

Além das leituras emprestadas pela professora, L.R.B. tinha à disposição em sua casa livros religiosos, como a Bíblia, o livrinho de Catecismo, livrinho de orações e de cantos entoados nas missas. Ela lembra que, algumas vezes, presenciou missa rezada em latim na cidade – centro de Veranópolis. Quando o padre não ia até sua comunidade, seu avô paterno, como líder comunitário, era quem assumia a responsabilidade de reunir as pessoas para as orações, com as quais tinham uma rotina diária no final da tarde, “eram as orações vespertinas”.

Hoje, aos 75 anos de idade, L.R.B. é uma dona de casa dedicada à família e que demonstra ter bons sentimentos em relação às lembranças de sua infância e seu período escolar, suas amizades e suas leituras compartilhadas, apesar de não ter continuado os estudos “por medo do castigo iminente a todos”, mesmo que nunca tenha sido castigada daquela forma.

5.2.6 A.R.1940

O mais novo dos cinco filhos de Amabile e Giuseppe, A.R. ingressou na Escola Cláudio Manuel da Costa, no interior de Veranópolis, aos sete anos de idade. Nessa escola primária permaneceu por quatro anos, período que correspondia ao estudo público básico na localidade de Santo Antônio, método de estudo semelhante ao de outras escolas da região.

A.R. lembra que “não costumava ir sempre às aulas”, porque quando era época de preparar a terra para o plantio ou quando era época de colheita, a prioridade não eram os estudos, mas sim o trabalho na roça. Todos trabalhavam, desde os adultos, naturalmente nos trabalhos mais pesados, até as crianças, que faziam trabalhos leves, como recolher com pequenos cestos espigas de milho ou alcançar água e alimentos para quem trabalhava horas e horas sem voltar para casa. Era comum que algum dos filhos ficasse em casa e cuidasse dos irmãos menores ou dos animais pequenos, enquanto os

seus contos – O Navio Fantasma –, pois outra coisa êle não conduz sinão páginas mortas tiradas do esquecimento de velhos números de jornais e revistas.

adultos faziam o trabalho principal, porque toda ajuda era bem-vinda. Era comum, também, que se juntassem duas ou mais famílias, entre os vizinhos, ora nas terras de um, ora nas terras de outro, como num mutirão, para realizarem algumas atividades de preparo do solo ou em tempo de colheita. “Era muito serviço, a nossa família era pequena, éramos somente em cinco irmãos e às vezes nem se pensava em ler, em estudar e a gente faltava aulas da escola”.

Na escola, as turmas não eram numerosas, tendo em torno de quinze ou vinte alunos, distribuídos nos quatro níveis de ensino oferecidos e atendidos por um único professor ou professora. A.R. lembra que as faltas escolares eram frequentes também por parte dos colegas, que em geral, faltavam pelos mesmos motivos.

Seus materiais escolares eram um caderno bem simples, que era como um pequeno bloco, uma lousa, que tinha o tamanho aproximado de “um caderno desses grandes de hoje em dia” (30cm de comprimento por 20cm de largura), um lápis semelhante a uma “pedrinha macia” com o que escreviam na lousa, “e a gente tinha que cuidar para não gastar logo”, um vidrinho de tinta preta com a qual escreviam no caderno, molhando a ponta de uma pena; isso nos primeiros anos de escola, depois, já nos últimos anos, tiveram lápis preto para escrever no caderno. Tinham também um livro, que era distinto para cada um dos quatro níveis de estudo, porém, continha um pouquinho de cada uma das disciplinas abordadas: Português, Matemática, História e Geografia; era desta última que A.R. mais gostava. Ele não continuou os estudos, além dessas séries de formação inicial, porque só haveria como continuar em escola particular ou indo residir em outra cidade, o que era impensável em sua realidade. Porém, comenta que gostava muito dos mapas que havia no livro escolar que utilizava, e tentava imaginar como eles sabiam que a Itália, de onde tinham vindo seus avós, maternos e paternos, tinha mesmo aquele formato de bota. Gostava dos mapas “porque eles mostravam o lugar da gente no mundo, cada pessoa pertence a algum lugar”.

Um livro que marcou sua infância era intitulado *Vita e Stòria de NanettoPipetta*, escrito por Aquiles Bernardi. Esse livro pertencia a um padre que ia mensalmente rezar missa e ministrar aulas de catecismo na capela. Padre Vitório sempre lia para as crianças uma parte do livro, composto de diversas histórias sobre imigrantes italianos vindos para o Brasil, logo após as aulas de catequese, proporcionando a todos um

momento lúdico. Era um livro escrito em italiano, e aquelas histórias faziam A.R. imaginar que era o personagem principal, Nanetto Pipetta.³⁹

Identificava-se porque aquelas eram histórias parecidas com as ouvidas em casa, contadas pelos mais velhos ainda no dialeto vêneto; eram também escritas de um jeito alegre e bem-humorado, “como eram os italianos que eu conhecia”. Gostava tanto daquelas histórias e do jeito que eram lidas pelo padre, que um dia, na iminência de terminarem o ano e as aulas de catecismo, tomou coragem e pediu de presente o livro do Nanetto Pipetta ao padre. Na hora ele não disse que sim nem que não, mas no dia da primeira eucaristia, frei Vitório entregou-lhe, diante de seus pais, o livro de presente.

No momento em que nos conta esses fatos, A.R. considera que padre Vitório talvez tivesse outro livro igual ou pudesse facilmente adquirir outro, “porque dificilmente alguém ia dar assim um livro de presente”. Cogitações que na ocasião em que recebia o livro não fez. O padre pediu apenas que ele promettesse cuidar do livro, não o rasgar ou sujar. Era raro ganhar um livro de histórias, por perto ele não teria nem onde comprar, porque não havia lojas, “muito menos livrarias, e mesmo que tivesse, deveria ser muito caro e eu provavelmente não ia poder comprar”. Então, em sua alegria de menino de dez anos, prometeu, agradeceu e ficou muito feliz com o livro. Escreveu seu nome numa das primeiras páginas, próximo ao título: Nanetto Pipetta era seu, agora.

Por algum tempo, o livro foi cuidadosamente manuseado para a releitura das histórias que A.R. tanto admirava. Os momentos de leitura daquele livro eram tão bons, “que dava até pra esquecer um pouco como era difícil a vida de colono”. A.R., como seus pais, irmãos e outros agricultores que conhecia, crescia trabalhando e tentando criar melhores condições de moradia e vida, mantendo a terra produtiva, cuidando de vacas, porcos e galinhas, enfrentando intempéries e doenças (nos animais e nas pessoas). E para enfrentar tudo isso, tinham fé em Deus de que tudo iria se resolver. “A gente

³⁹NanettoPipetta: O personagem que virou ícone da imigração italiana no sul do país nasceu no dia 23 de janeiro de 1924, pelas mãos do frei capuchinho Aquiles Bernardi, o frei Paulino. O seriado foi lançado no *Correio Riograndense* às vésperas da comemoração dos cinquenta anos da chegada dos primeiros imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, em 1875. NanettoPipetta, um jovem que deixou a Itália em busca da *cucagna* na América, personifica os sonhos de todos os imigrantes que deixaram sua terra natal em busca de uma vida melhor. As histórias do Nanetto, contadas por frei Aquiles, retratavam com fidelidade a adaptação dos imigrantes à nova terra. Publicadas semanalmente no jornal, em *talian*, as histórias de NanettoPipetta duraram um ano. Frei Bernardo de Puygros, então diretor do jornal, preferia publicar em italiano as aventuras de Robinson Crusoe. Desgostoso com a decisão, frei Aquiles encerrou o seriado em 18 de fevereiro de 1925, com o Nanetto se afogando no rio das Antas. Apesar da curta vida do personagem, ele havia conquistado grande simpatia dos leitores. Tanto que suas histórias foram agrupadas em livro, publicado pelos capuchinhos em várias edições.

rezava, mas era com trabalho duro que não se passava fome”, diz A.R. Depois, tendo que, gradativamente, dar prioridade à vida adulta, ele pegava Nanetto Pipetta com menos frequência, até que o esqueceu por alguns anos. Um dia, lembrando do livro sentiu saudade daquelas histórias e procurou-o, mas não o encontrou em parte alguma da casa dos seus pais.

“Não sei onde foi parar aquele Nanetto Pipetta que ganhei do padre. Fiquei até triste porque tinha perdido o único livro que tinha mesmo gostado”. A.R. iniciou uma atenta busca pelo livro: perguntou a todos da família sobre o livro, se lembravam dele, se alguém o teria pego para ler, se teriam guardado em outro lugar. Juntamente com dona Amabile, abriu gavetas, armários e velhas malas com relíquias de família, mas não encontrou o livro.

Um dia, então, teve a oportunidade de readquirir o livro.⁴⁰ Desta vez, comprou-o de um viajante que vendia “um pouco de tudo” para o armazém da cooperativa de agricultores na localidade de Santo Antônio, onde ainda morava. O livro não estava à venda como as mercadorias trazidas, ele era do viajante, pois estava no porta-luvas do pequeno caminhão que havia comprado de segunda-mão anos atrás e nunca o haviam reclamado; estava ali, como fazendo parte do caminhão, eventualmente folheado à guisa de passatempo, conta A.R. Quando viu o livro, A.R. teve a esperança remota de que fosse o seu Nanetto. Pediu licença, mas foi logo pegando e folheando o livro do viajante. Não era o seu, não havia identificação alguma. Perguntou se o outro venderia o livro. Sim, foi uma resposta quase imediata, mas, receoso, A.R. revelou que não teria dinheiro na hora. O vendedor disse que aceitaria o saco de pinhões e as abóboras que A.R. tinha numa carriola (um carrinho de mão), produtos trazidos para vender na cooperativa, como pagamento pelo livro que era tão importante. Assim, por aproximadamente cinco quilos de pinhões e três abóboras de pescoço Nanetto Pipetta era seu novamente.

O viajante pareceu ter ficado bastante satisfeito com a negociação, segundo A.R., mas ele ficou muito mais satisfeito e feliz com a compra, chegou em casa mostrando para a família o livro sobre o qual já havia falado muitas vezes. Agora, podia ler para os filhos as histórias de que tanto tinha gostado. Esse Nanetto Pipetta não seria guardado, seria deixado “por perto, na estante da sala”.

⁴⁰ Este exemplar que nos foi emprestado para o trabalho de pesquisa.

Para melhor desempenhar suas atividades de zelador de estradas – atividade que assumiu na localidade de Santo Antônio, por um trecho de aproximadamente 5km, logo depois de ter terminado a escola – “era importante saber bem matemática”. E, dentre os materiais e equipamentos que recebeu para auxiliar nesse trabalho estava um livro, *Álgebra Elementar*, “que li com gosto e aprendi alguns cálculos para medições de valas de escoamento de água da chuva, por exemplo”.

5.2.7 I.F.L.1940

I.F.L. aprendeu a ler em casa, com seu pai, quando tinha entre 5 e 6 anos de idade. Ainda lembra com carinho das tardes de chuva, quando seu pai não podia trabalhar nas roças de milho e feijão, e acedia aos seus pedidos de “ter aulinhas”. Ficavam lendo em uma mesinha de cedro, feita pelo seu avô. Hoje, puxando pela memória, sabe que seu pai não lia muito bem, de um jeito fluente, “nem muito correto”, porém, I.F.L. se reaproxima do sentimento de adoração pelo pai, certamente expresso no olhar que direcionava a ele enquanto o observava lendo para ela alguma passagem do livrinho de Catecismo, da Bíblia ou do jornal *Correio Riograndense*, que eram as fontes de leitura mais frequentes em sua casa. O jornal vinha diretamente de Caxias do Sul, da Editora São Miguel de freis Capuchinhos, onde era impresso. O periódico era comprado a pedido de seu pai, por um amigo da família caminhoneiro, que o trazia com regularidade semanal, em suas passagens a trabalho por Veranópolis. Além das leituras, o pai de I.F.L. soletrava para ela o alfabeto e também algumas das palavras escritas nesses materiais utilizados nas “aulinhas”. Eram momentos de muito prazer para I.F.L., pois dispunha da atenção exclusiva do pai, enquanto os outros irmãos ou estavam na escola ou dividiam-se entre afazeres domésticos diversos já determinados para cada um. I.F.L. era a única que não trabalhava, pois sempre fora “meio doentinha”; era protegida e poupada pela família de qualquer esforço físico ou situação que pudesse desencadear crises de tosse e falta de ar. Esse problema de respiração tinha sido diagnosticado como

asma,⁴¹ e lembra-se que estava frequentemente sob a ação de algum medicamento caseiro⁴² para amenizar os sintomas.

Por sua saúde frágil, seus pais retardaram a entrada da menina na escola; pensavam no frio das manhãs que ela teria de enfrentar, expondo-se a agravantes condições para sua já debilitada saúde. E ao ingressar na escola, com sete anos de idade, I.F.L. já sabia ler. Contudo, não contou isso a ninguém. Ouvira dizer que quem já soubesse ler, iria direto para o segundo ano, e ela “queria estudar tudo, desde o primeiro ano do colégio, até o fim”. Iniciou seus estudos na primeira série e, como era comum naquela época, sua turma (única na pequena escola) era composta por diversas crianças em idades variadas e com capacidade para acompanhar um dos quatro níveis de estudos (da primeira à quarta série). Havia apenas um professor para atender a todos, e ele era considerado “severo, exigente e impaciente com os alunos”.

I.F.L. acompanhava as atividades escolares com o máximo de atenção e aprendia rápido. Então, um dia uma de suas colegas maiores, com quem tinha maior proximidade, trouxe para a escola e lhe mostrou, na hora do recreio, um livrinho com histórias utilizadas nas aulas de catequese, que eram ministradas pela mãe dela. Eram histórias de evangelização para reflexão acerca de valores morais e religiosos. Curiosa e ávida por explorar o material que se lhe apresentava nessa rara oportunidade, abriu-o e passou a ler uma daquelas histórias, apenas com os olhos. A colega, observando, admirada percebeu que I.F.L. lia mesmo, compreendendo o texto.⁴³ “Você já sabe ler, você já sabe ler” – dizia ela, cantarolando. I.F.L. assustada pediu que a colega não falasse nada a ninguém sobre isso, principalmente ao professor. Temia que ele fosse repreendê-la por ter escondido o que sabia. Mas de nada adiantaram seus aflitos pedidos; foi a primeira coisa que a outra fez ao voltarem para a sala de aula. “É verdade?” – perguntou o professor. De cabeça baixa e séria, ela assentiu, sem palavras. “Mostre-me o que sabe”, pediu ele. A colega delatora queria exibir a todos sua descoberta e, prontamente, alcançou a I.F.L. o livro, já aberto na história lida no recreio.

⁴¹ Mais tarde foi descoberto que seu problema de saúde era apenas uma alergia a pó e ácaros.

⁴² Sua mãe preparava chás com mel e guaco e nebulização, que era feita por inalação do vapor de folhas de eucalipto fervidas em água. Assim sentia-se melhor, mas essas práticas não resolviam seu problema.

⁴³ Tratava-se de uma breve narrativa que compunha um livro de reflexões religiosas, chamada “O cão fiel”. Contava a história de um cão, que, por muitos anos, fora companheiro de seu dono, e um dia, durante uma viagem em que o dono ia a cavalo a sua frente, parou pelo caminho e latiu, repetida e insistentemente, tentando avisar seu dono de que algo havia caído ao chão. O dono, pensando que o cão estivesse desorganizado por ser já muito velho, resolveu sacrificá-lo ali mesmo, com um tiro certeiro. No dia seguinte, ao perceber a falta de sua carteira, o homem voltou pela estrada que percorrera em viagem a procurá-la, e a encontrou próximo ao local onde sacrificara o cachorro. Entendeu que os latidos eram uma forma de avisá-lo sobre o objeto perdido e se arrependeu de ter sacrificado o animal.

O professor, desconfiado de que ela pudesse saber de cor aquele texto, pediu-lhe que lesse algo em um de seus próprios livros, um parágrafo de algum romance ou conto, cujo conteúdo I.F.L. não lembrasse mais. E ao contrário do que ela esperava, a reação do professor foi a de elogiá-la e parabenizá-la diante dos colegas, ainda que sem muita afetividade, como era o jeito normal dele de tratar as pessoas.

Esse foi um momento marcante e muito bom, apesar do medo por que passou. A partir de então, I.F.L. sentiu-se “livre para ler o que quisesse e até em voz alta”, tanto em casa como na escola. E diversos outros acontecimentos relacionados ao aprendizado escolar e à leitura passaram a se suceder. Um deles foi a catequese preparatória para a eucaristia, sendo que aos oito anos ela fez a Primeira Comunhão.⁴⁴ Por intermédio da professora catequista, I.F.L. tinha acesso a livros de rezas, folhetos com a programação das missas e de todas as atividades religiosas da comunidade. Além disso, tinha a Bíblia e o livro de catecismo, disponíveis em casa. Tornou-se ajudante da professora nas aulas de catequese, chegando a substituí-la em algumas ocasiões. Lembrou-se de quando em uma dessas aulas, aos dez anos de idade, conduziu as atividades religiosas subida em uma cadeira, para ser melhor vista e ouvida por todos na sala. “Eu já era uma professora” – brinca, lembrando de como gostava de ensinar.

Sua vida estudantil foi até o curso normal para professoras,⁴⁵ que concluiu com as melhores notas e méritos de excelente aluna. Nos anos em que frequentou o curso normal, foi morar no centro da cidade, na casa do irmão mais velho, já casado, com o objetivo de ficar mais próxima à escola das freiras⁴⁶ e também de “ajudar nos afazeres domésticos, principalmente cuidar dos sobrinhos, ainda bem pequenos”. Foi um período de muito cansaço físico para I.F.L., era necessário manter-se dedicada aos estudos, ajudar a cuidar das crianças e enfrentar as intempéries e o deslocamento a pé até a escola todas as manhãs. O caminho era íngreme; poucas eram as ruas calçadas na cidade de Veranópolis naquela época, e o trajeto que percorria não era um deles. Para ela, tão protegida na infância, agora era difícil corresponder ao exigido amadurecimento que se impunha de diversas formas.

Concluindo o curso normal, por indicação de suas professoras e da direção da escola, recebeu o comunicado de contratação “para exercer as funções de Professora na

⁴⁴ A Primeira Comunhão, ou Primeira Eucaristia, é uma cerimônia religiosa cristã, na qual é dada à criança uma hóstia (pão bento) que simboliza o corpo de Cristo e tem o objetivo de tornar o fiel mais caridoso e unido a Deus e aos preceitos religiosos.

⁴⁵ O curso normal era o curso que mais tarde passou a corresponder ao ensino médio de Magistério.

⁴⁶ I.F.L. era apenas aluna do curso, e não seguia formação religiosa.

Escola Municipal São José, situada na Linha Carlos Gomes no 1º distrito dêste Município” – como dizia a Portaria 255, de 8 de junho de 1962, devidamente assinada pelo então prefeito municipal, Sr. Argemiro Paulo Frainer. I.F.L. lembra com muito orgulho de seu trabalho como professora, pois “adorava lecionar, e era o que sempre quis fazer”. Sonho que se concretizou, era algo raro entre as mulheres de suas relações: “ser professora formada e independente financeiramente”. A escola São José da Linha Carlos Gomes era pequena e estava sendo reativada depois de quatro anos fechada. Lá, I.F.L. assumiu um grupo de dezesseis alunos, distribuídos, como era comum, entre a 1ª e 4ª séries iniciais.

Ela permaneceu nessa atividade por alguns anos, até que houve concurso público, do qual teria de participar e ser aprovada se quisesse continuar trabalhando naquela escola ou em qualquer outra escola da rede municipal veranense. Fez as provas do concurso e foi aprovada em 11º lugar entre mais de 200 concorrentes. Nessa época, já casada, teve que recusar a vaga, conquistada com prazer e a esperança de continuar trabalhando. Ela e o marido tinham que ir morar com os pais dele, pois, já idosos e com saúde debilitada, não poderiam sozinhos manter produtiva a propriedade da família.

Desde os estudos preparatórios para o concurso em que foi aprovada, a sogra de I.F.L. a desestimulava, dizendo que “não ficava bem uma moça de família, já casada, ficar sempre fora de casa; mulher casada tinha que ficar em casa, esperando o marido, organizando a casa e criando os filhos que certamente ‘logo’ viriam”. Contando acerca do comportamento da sogra, I.F.L. afirma que havia certa pressão por parte dos mais velhos (pais, sogros, avós) para que o casal lhes desse um novo membro para a família. Com isso, aparece novamente a marca da religião na vida de I.F.L., “não porque fosse tão fervorosa fiel”, mas porque a presença da Igreja se impunha na vida das pessoas muito além das atividades religiosas rotineiras na comunidade, com as quais ela teve familiaridade desde pequena, como a participação em missas, catequese, festas de dias santos. “A gente não podia evitar filhos e no confessionário, durante as missas, o padre perguntava bem direto pra gente que já era casado e ainda não tinha filhos ou então, quando que o filho mais novo já era grandinho e não vinha outro filho. ‘Vocês estão evitando filhos?’ E a gente evitava mesmo, mas dizia que não, porque também eles não precisavam saber de tudo”.

Se eram cúmplices em relação à prole, ela e o esposo não o eram em relação à continuidade do seu trabalho como professora. Ao menos, não na prática. Ela deveria apoiar o esposo na decisão tácita de que, como filho mais novo, assumiria o cuidado dos

pais e das terras da família. Uma decisão que não era dela, mas se sentia incapaz de questionar. Nem era uma decisão tampouco do marido, mas à qual ele também estava assujeitado “porque era assim que funcionava”.

I.F.L. é viúva, mãe de três filhos, todos graduados, mas ainda não tem netos, porque os estimulou a “primeiro estudarem, trabalharem e serem independentes”. A mesinha de cedro, sobre a qual aprendeu a ler com seu pai, perdeu-se nas mudanças da vida. E é por lembrar da alegria que tinha com aqueles momentos de leitura que, sempre que pode, lê para crianças de sua convivência e pratica seu “jeito de professora”, auxiliando-as em tarefas da escola.

5.2.8 H.F.S.1942

H.F.S., cujo primeiro nome (Helena) foi escolhido e retirado pelo seu pai do único jornal que a família assinava,⁴⁷ nasceu no interior de Veranópolis, na localidade de Cotiporã, hoje município emancipado. Irmã mais nova entre dez irmãos, ingressou na Escola São José aos cinco anos de idade, onde frequentava o Jardim da Infância Menino Jesus. Era um Colégio de Irmãs Franciscanas, e lá permaneceu até o quinto ano. H.F.S adorava tudo o que envolvesse “ir para a escola”. Relembra o que mais gostava, desde os primeiros dias: era a rotina matinal, ainda em casa. O momento de acordar, a primeira oração do dia, juntamente com a primeira refeição junto às suas irmãs e irmãos que também iriam à escola naquele horário; pegar seus poucos materiais escolares,⁴⁸ já deixados organizados na noite anterior; a despedida dos pais; o ato de ser conduzida pela mão de uma das irmãs mais velhas ao longo do caminho. Tudo isso, para ela, tinha um encantamento de esperança, de algo muito bom e importante acontecendo em sua vida. Era seu preparo para um mundo que ela passaria a conhecer, gradativamente: o mundo da leitura.

⁴⁷Jornal *Correio Riograndense* – esperado com grande expectativa pelo pai de H.F.S., lembrado por ela como “pessoa inteligente, politizada e influente nos acontecimentos da comunidade de Cotiporã”.

⁴⁸ Refere-se a seu material escolar usado nos dois primeiros anos escolares (1948 e 1949), que se constituía de: uma pequena lousa (ou pedra, como era também chamada), cujas dimensões aproximadas eram as de um caderno grande de hoje em dia; um lápis especial para escrever nessa pedra; um lápis preto, uma borracha; meia dúzia de lápis de cor; e os cadernos: de aula, de tema, de caligrafia, e um livro (era um livro para cada ano, que incluía todas as disciplinas estudadas).

Chegando à escola, porém, em meio às outras crianças e diante da professora, H.F.S enfrentava momentos de tensão em seus primeiros dias de estudante. Sua dificuldade estava na comunicação com essas pessoas, e o maior limitador era a língua portuguesa. O idioma ao qual estava habituada era o italiano (dialeto), falado como rotina e língua mãe em seu ambiente familiar. Passando a conviver com a língua portuguesa, falada e estudada na escola, deparava-se, a partir de então, com duas realidades linguísticas ainda incompatíveis para seu entendimento. Assim, quando na escola alguém lhe dirigia a palavra, convidando-a a participar de alguma atividade, por exemplo, H.F.S. “ficava muda, simplesmente não respondia e se encolhia”. Receava que rissem dela ou que não entendessem o que diria, “assim como pouco ou nada eu entendia do que me diziam”.

Foi então que algo muito marcante aconteceu. Percebendo seu isolamento, a professora, da qual ainda tenta lembrar o nome, convidou-a através de uma das suas irmãs, que traduzia o que era dito, a participar da encenação de uma história infantil, que seria apresentada em um evento de confraternização na própria escola dali a alguns meses. Tratava-se da conhecida história de “Branca de Neve e os sete anões”. H.F.S. seria um dos anões, e teria apenas uma fala: “Quem mexeu no meu pratinho?” Foi assim que ela aprendeu as primeiras palavras em português. Com as palavras sob sua responsabilidade para a apresentação teatral, sentiu-se acolhida pela professora e pelos colegas. Aprendeu a ler essas palavras e todas as outras, escritas no livro que usaram como modelo para a encenação. Aprendeu, também, a escrevê-las. Decorou sua breve fala com muita dedicação e entusiasmo, caprichando na entonação, tentando imitar o modo como eram articuladas pela professora, ao ler e ensaiar todo o texto com H.F.S e seus colegas.

Aos poucos, sua capacidade comunicativa foi se ampliando, principalmente com a alfabetização, que ocorreu rapidamente, ainda ao longo da primeira metade do ano letivo, aos seis anos de idade, quando já estava na primeira série A. Tamanha foi sua evolução em leitura, fala e domínio dos materiais escolares, que no início do segundo semestre daquele ano, H.F.S foi considerada apta para acompanhar o nível mais adiantado das crianças de primeiro ano: a primeira série B.

Depois de ter participado da peça teatral na escola, H.F.S sentiu-se encorajada a também contar histórias no dialeto italiano para a professora e seus colegas. Eram histórias que já haviam sido narradas incontáveis vezes por seus avós e pais nas reuniões de família, entre elas: *Barba Sucón* e *OzelEsgrifón*.

H.F.S afirma que a leitura foi uma grande descoberta em sua vida, “porque na leitura ficava conhecendo muitas palavras novas e também tinha impressão de estar vivendo nos lugares citados na leitura, bem como me transformava nos personagens de cada história”.Dentre os livros que se lembra, ela cita:*Gabriela, Cravo e Canela; Palavras e Sangue e Palestras de um Odontólogo*, pelo gosto de ler “saboreando cada palavra”.Gostava de ler sozinha ou com sua irmã mais velha, Edite, pois sentia-se envergonhada quando errava lendo em voz alta diante dos outros irmãos ou mesmo dos pais e da professora. A irmã fazia-lhe companhia, mas não gostava muito de ler. Ainda assim, quase sempre sabia o significado de alguma palavra que ela não entendia no livro e a ensinava. Lembra de algumas vezes em que, depois do almoço, fazia-se uma calmaria em casa; alguns iam dormir, outros continuavam a lida de colônia. H.F.S. e Edite ficavam na cozinha, “um pouco lendo, um pouco fazendo a arrumação”. Era um dos melhores momentos daquela época de que lembra com muita clareza.

H.F.S. tem hoje 73 anos, é professora aposentada, viúva, mãe e avó. Sua saúde e dinamicidade permitem que trabalhe com um grupo teatral, participando da criação de roteiros e fazendo apresentações locais e microrregionais, trabalhos que refletem a religiosidade, a união da família e os estudos, pois são valores que ela aprendeu a cultivar desde criança.

6 ANÁLISES

Neste capítulo, faremos análise do *corpus* de pesquisa, em três partes distintas, considerando primeiramente as oito histórias de leitura dos idosos. Logo a seguir, faremos análise das três listas de livros, que por sua vez, será dividida em duas partes: a) em relação aos locais de origem dos livros acessados pela pesquisa, quais sejam: os livros que nos foram entregues por empréstimo diretamente pelos idosos; os livros do Museu dos Capuchinhos de Caxias do Sul e os livros do Museu de Veranópolis; e b) considerando os livros em si, em cada um desses três locais de origem, conforme sua categorização em: didáticos, religiosos, literários, estrangeiros e dicionários.

Teremos uma visão mais clara a respeito de nosso estudo de caso e de todo o material que conseguimos acessar através dos sujeitos da pesquisa.

6.1 As oito histórias de leitura analisadas

As histórias de leitura e de vida narradas, foram concedidas em entrevistas individuais, por cada um dos oito idosos participantes da presente investigação. As narrativas contam aspectos dos primórdios de sua relação com a leitura, em especial dos tempos de infância e de juventude, vividas na cidade de Veranópolis. Esses oito sujeitos trazem-nos muito mais do que respostas ao questionário aplicado como base para conduzir as entrevistas. Eles compartilham conosco a condição de legitimação do sujeito falante, possibilitada pela situação de comunicação interpessoal. Referimo-nos ao modo como se estabeleceu o diálogo entre entrevistado e entrevistador, a ponto de permitir que tivéssemos acesso a todas as informações ora registradas nesta pesquisa.

Assim, é possível refletir sobre a linguagem e a construção do sentido que se dá às palavras nas relações interpessoais, considerando, para tanto, os ensinamentos de Charaudeau (2008) acerca dos sujeitos da linguagem. O referido autor ressalta que é fundamental importância o entendimento de que não basta iniciar uma fala ou demonstrar interesse em conversar com alguém para que se tenha o direito a essa interação ou se tenha a legitimação para este ato. É preciso ser aceito e reconhecido pelo outro ser da interação como sujeito legítimo de fala.

É que o direito à palavra, para qualquer locutor, e seu reconhecimento pelo outro não dependem apenas do fato de um tomar a palavra e o outro reagir. É preciso que o primeiro satisfaça, considerando a situação de troca, um certo número de condições, e que o outro demonstre, por um determinado comportamento, que essas condições estão satisfeitas, reconhecendo assim, a legitimidade da palavra, nessa situação particular, e fazendo existir seu interlocutor. (CHARAUDEAU, 2008, p.12).

A escolha dos oito colaboradores convidados a participar deste estudo, ocorreu devido aos indícios de que os idosos entrevistados corresponderiam às expectativas de delimitação do trabalho em relação à idade e à formação leitora (alfabetizados) destes sujeitos. Corresponderiam, assim, às condições a que se refere Charaudeau, ou seja, de que haveria legitimação para falarem, para serem ouvidos. Tais indícios (de parte do entrevistador, enquanto sujeito que primeiramente buscou a interação) foram as delimitações da pesquisa: a faixa etária, ser cidadão veranense e alfabetizado. De nossa parte, para sermos legitimados por eles, havia, primeiramente, a indicação dos organizadores do Projeto Veranópolis a esses idosos de que nos concedessem atenção ao pedido que lhes faríamos, que era o de participação nesta pesquisa de mestrado.

Na situação de sentido que se criou através da linguagem, fomos, entrevistador e entrevistado, legitimados um pelo outro para o ato de fala. Isso ocorreu porque se confirmaram nossas mútuas expectativas: de nossa parte, buscando elementos colaboradores, percebemos que eles correspondiam às delimitações determinadas pelo estudo; da parte dos idosos, a indicação por pessoas que eles já conheciam (os organizadores do Projeto Veranópolis), de virem até nossa sala improvisada de entrevista no corredor do local em que os estudos da longevidade são desenvolvidos, sendo que seria para participarem de um estudo de antemão considerado idôneo pela coordenação do Projeto Veranópolis, do qual já faziam parte, isso auxiliou para que tivéssemos legitimação para o diálogo, procedêssemos à entrevista, e tivéssemos sua participação até o final deste estudo.

Entendemos que os componentes situacionais dos atos de fala sejam marcas da capacidade que cada indivíduo participante de uma conversação tem para dar continuidade à interação, seu conhecimento de mundo, o entender e fazer-se entender pelo outro, todos mantendo recíprocos e contínuos interesses e expectativas nessa relação. As situações de fala interativa apresentam-se como um jogo, no qual as expressões de cada participante são interpretadas pelo outro, cada um à sua vez, em seu tempo de falar. A interpretação do que diz o outro é um preparo para a tomada de

posição no jogo, preparo de seu próximo tempo de fala, propondo continuidade e entendimento no processo comunicativo entre as partes.

E sobre esse jogo, o pesquisador francês esclarece que:

É um jogo construtor da significação de uma totalidade discursiva que remete a linguagem a si mesma como condição de realização dos signos, de forma que estes não signifiquem mais por si mesmos, mas que por essa totalidade discursiva que os ultrapassa: vamos, pois, nomeá-la Significação. (CHARAUDEAU, 2008, p.25).

Assim, nessa relação de sujeitos legítimos de fala,⁴⁹ obtivemos as narrativas que conhecemos. De um lado, estimulados pelas questões que delinearão as entrevistas, os participantes nos confiaram suas histórias. De outro, estivemos também estimulados a esclarecer detalhes acerca do que contavam, e fomos apresentando perguntas e colocações que os incentivaram a complementar as referências e detalhes do que nos contavam até formarmos as oito histórias apresentadas.

Nos relatos dos idosos colaboradores, é possível perceber as marcas da cultura italiana trazida para Veranópolis, vivenciada por eles diariamente naquela época, tanto em aspectos da fala, da culinária e da prática da religião católica, quanto nas atividades de trabalho árduo e constante. A vida dos idosos entrevistados foi marcada também pela leitura na infância e na juventude, e é sua vida relacionada à leitura o que nos contam com mais detalhes, revisitando lembranças estruturadas pela memória de um passado distante.

Além de livros,⁵⁰ outras fontes fizeram parte da base leitora dos idosos veranenses. Trata-se das histórias orais, popularmente divulgadas entre as famílias com quem conviviam na época em que foram crianças. Como exemplos, ainda vivos na memória da entrevistada H.F.S., temos as histórias orais: *Barba sucón* e *OzelEsgrifón*.⁵¹ Narrativas que ela ouvia em casa, contadas por seus avós e pais e que passou a contá-las

⁴⁹ Legitimados um pelo outro (entrevistador e entrevistado).

⁵⁰ Os 158 livros acessados por nossa pesquisa estão compilados em três listas (Anexos B, C e D).

⁵¹ Eram histórias que os adultos contavam às crianças para controlar seu comportamento em algumas situações através do medo. Assim, *Barba sucón* era o personagem principal de uma história em que um homem estranho, trazendo às costas um enorme saco, aparecia e levava embora de casa a criança desobediente, aquela que não se comportasse conforme as expectativas de seus cuidadores. E a história de *OzelEsgrifón*, na mesma linha de intenções, referia-se a um grande lobo que rondava as proximidades da colônia e levaria embora com ele a criança que se afastasse de casa em direção à mata fechada, arranhando-a com suas garras afiadas.

na escola para a professora e os colegas. Era como uma troca por todas as histórias que passou a conhecer através da leitura estimulada, inicialmente, por sua participação em uma peça teatral infantil. Atualmente, H.F.S., impingindo-lhes outra conotação, que não a do medo e do controle, mas a do companheirismo e da ludicidade, transmite essas histórias a seu neto, não apenas contando-as oralmente, mas também as dramatizando, revezando-se entre eles, avó e neto, a representação de personagens, recriando significados.

Com a história de H.F.S., refletimos acerca das categorias da narrativa literária de Tzvetan Todorov, que identifica a imagem do narrador e a imagem do leitor:

A imagem do narrador não é uma imagem solitária: desde que aparece, desde a primeira página, ela é acompanhada do que se pode chamar “a imagem do leitor”. Evidentemente, esta imagem tem tão poucas relações com um leitor concreto, quanto a imagem do narrador, com o autor verdadeiro. Os dois encontram-se em dependência estreita, um do outro, e desde que a imagem do narrador começa a sobressair mais nitidamente, o leitor imaginário encontra-se também desenhado com mais precisão. Estas duas imagens são próprias a toda obra de ficção: a consciência de ler um romance e não um documento leva-nos a fazer o papel desse leitor imaginário e ao mesmo tempo apareceria o narrador, o que nos relata a narrativa, já que a própria narrativa é imaginária. Esta dependência confirma a lei semiológica geral segundo a qual “eu” e “tu”, o emissor e o receptor de um enunciado, aparecem sempre juntos. (BARTHES, 2011, p. 257).

Refletindo sobre a importância que teve para H.F.S. a narração das histórias orais e a leitura da história representada por ela no teatro, e lida por sua professora, procuramos compreender como ela se percebeu envolvida por essas narrativas, que deixaram marcas positivas em sua vida a ponto de ainda hoje revivê-las com seu neto. Ao contar tais histórias para ele e ao representá-las em dramatizações compartilhadas, H.F.S. está, a seu modo, contribuindo, não apenas para que permaneçam vivas na cultura, mas também experimentando e permitindo que seu neto experimente, como ela, os dois lados dessa relação semiológica referida acima. São o “eu” e o “tu”, ao mesmo tempo leitores e narradores.

Nos oito relatos apresentados, percebemos que os colaboradores viveram suas histórias de leitura em meio a diversos grupos sociais em que estiveram inseridos. Tais relações foram ora limitadoras ora estimuladoras para seus interesses leitores. Percebe-se a dinâmica de interação dessas pessoas, que jovens ou ainda crianças circulavam em:

família, escola, grupos de estudos religiosos (catequese), festas de comunidade, coral ou grupo musical. E, como aprendemos com os estudos do antropólogo Roque de Barros Laraia, “os indivíduos participam diferentemente de sua cultura”. O pesquisador ensina que:

A participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura. Este fato é tão verdadeiro nas sociedades complexas com um alto grau de especialização, quanto nas simples, onde a especialização refere-se apenas às determinadas pelas diferenças de sexo e de idade. (LARAIA, 2006, p.80).

Essa participação é limitada, justamente porque cada realidade social possibilita formas de interação diversificadas, bem como o uso e desenvolvimento de determinadas habilidades dos sujeitos envolvidos. Quanto à leitura, tal habilidade começou a ser exercida pelos participantes deste estudo ainda na infância, junto a seus pais, professores e, também, junto a irmãos mais velhos, em uma relação em que o mais jovem era o aprendiz, o aluno, aquele que estava recebendo do mais velho orientações acerca da leitura. Ora aceitando livros da professora para ler em casa, como L.R.B.; ora brincando de aulinhas com o pai, como I.F.L., ou, ainda, compartilhando leituras na cozinha de casa com a irmã mais velha, passando a entender melhor as palavras mais difíceis, como H.F.S., os colaboradores desta pesquisa nos mostraram algumas das delimitações sociais que a leitura teve em suas vidas.

Nos meios sociais distintos, em que estiveram presentes, esses leitores, hoje idosos, interagiram com crianças e adultos não apenas de sua comunidade, mas também com pessoas de capelas vizinhas, parentes distantes, representantes da Igreja. Assim, apreenderam as particularidades inerentes ao comportamento social esperado deles, enquanto crianças, pelos outros componentes de cada um desses grupos, sendo eles, crianças ou adultos. Aprenderam, ainda, o que esperar do comportamento dos demais, enquanto componentes desses grupos, como a organização de atividades e a autoridade dos adultos, ou a convivência mais próxima, mais igualitária entre crianças. Porque, segundo Laraia, existem padrões de comportamentos sociais que são previsíveis em uma interação. É o caso da rotina relatada por R.P. em relação aos filós.

Nessas reuniões familiares noturnas, que eram os filós, estavam presentes diversos grupos da vizinhança; cada mãe, juntamente com as filhas mais velhas, preparava comidas que seriam levadas à casa em que seria realizado o filó (e mesmo

que fosse em sua própria casa), para compartilhar com os demais; organizavam, também, trabalhos manuais, como costuras, bordados ou palhas para confeccionarem enxovais ou objetos de uso doméstico; falavam de filhos e da vida; organizavam as crianças. Os homens, por sua vez, consertavam utensílios agrícolas, falavam sobre rotinas de trabalhos na roça, prevendo a lida dos próximos dias. Eram reuniões onde se vivenciava clima de festa, iam dormir mais tarde e onde havia sempre cantorias e comida farta. Ignorar tais regras tácitas e intrínsecas a essa cultura preservada através de gerações, seria romper com os padrões de comportamentos sociais dos ambientes em que estavam inseridos; padrões que foram sendo adquiridos e vivenciados por eles naturalmente.

A tais referências antropológicas queremos relacionar a leitura de alguns livros por parte de nosso público-alvo. Alguns livros foram lidos porque a professora os emprestava, ainda que com muitas recomendações de cuidados com o material, usando de sua autoridade de adulta e de professora. Na época, não havia bibliotecas nas escolas, então, quem gostava de ler, aproveitava as oportunidades que surgissem para ler algo que não estivesse relacionado com religiosidade, o que configurava a maior parte dos materiais de leitura a que tinham acesso, exceto os didáticos, especificamente relacionados aos conteúdos de rotina escolar. Nesse caso, estamos nos referindo à história de L.R.B., que no último ano, sua maior motivação para ir à escola era a oportunidade de leitura diversificada oferecida pela professora. Por meio dessa relação amistosa mediada pelo interesse na leitura, conheceu livros como *O Homem que Calculava* e *Salomé – Obras de Menotti Del Picchia*.

Manguel (1999, p.29) chama a atenção para a solenidade inerente ao momento da leitura, pois o livro participa da vida do leitor, não apenas pelo que há de impresso oficialmente nele: “Um livro traz sua própria história ao leitor”. E “livros determinados emprestam suas características a leitores determinados”. A.R. teve um livro no qual escreveu seu nome nas primeiras páginas; esse livro, porém, se extraviou. A.R., anos depois, conseguiu recuperar aquela leitura de que tanto havia gostado, desde a infância, com outro exemplar da mesma obra. Não era aquele seu *Nanetto Pippetta*, porém, sua identificação com o livro não estava apenas em sua assinatura numa de suas páginas. Identificava-se com aquela história, em cujo personagem principal se imaginava; e era isso o que buscava sempre que o lia.

Em relação aos locais de leitura, trazemos dados do depoimento de I.F.L. Para ela, a leitura foi um aprendizado construído com o auxílio do pai, brincando de dar aulas

naquela mesinha de cedro, feita pelo seu avô. Em seu relato, percebemos afetividade relacionada à leitura, assim como estímulo e reforço positivo para a continuação dessa prática. Para I.F.L., a importância da leitura esteve diretamente relacionada à proximidade que tinha com seu pai, pessoa que amava, admirava e com quem compartilhou um tempo precioso e inesquecível para ela através da leitura de palavras soletradas, atividade em que utilizavam especialmente palavras de jornal, pois era uma fonte de leitura sempre disponível em sua residência.

C.C. também teve o jornal como uma importante fonte de leitura em sua infância. Da mesma forma, o jornal foi forte e reconhecida fonte de leitura nas mais diversas comunidades veranenses e também em toda a região serrana nas décadas de 1930 e 1940. Os periódicos que são trazidos pela lembrança dos participantes são: os jornais *Correio Riograndense*⁵² e *Correio do Povo*,⁵³ que se constituem ainda hoje fontes de informação diversificada em nosso meio leitor regional, inclusive pela internet.

Naquela época, a distribuição desses jornais, em Veranópolis, era vinculada ao trabalho de caminhoneiros que, enfrentando as más condições de estradas ainda não pavimentadas, transportavam para cidades vizinhas e à capital sua produção. Na volta, traziam outros bens, valorizados na microrregião veranense, como calçados, louças, livros e jornais. Da capital, Porto Alegre, ou da cidade de Caxias do Sul, os jornais eram trazidos pelos caminhoneiros por encomenda de algum proprietário de armazém, para vendê-los em seu estabelecimento comercial, e que, por sua vez, recebia encomenda de moradores próximos, leitores dos jornais, alguns deles, assinantes. Quando recebia o jornal, o dono do armazém o entregava na residência de quem o encomendara, ou o jornal era pego pessoalmente pelo leitor no estabelecimento comercial, muitas vezes

⁵²Jornal *Correio Riograndense*: Fundado em 1909, como *La Libertà* era editado pelo Pe. Carmine Fasulo. Em 1910, o jornal muda-se de Caxias do Sul para a cidade de Garibaldi, adquirido pelo Pe. Giovanni Fronchetti, adquire novo nome, passando a denominar-se *Il Colono Italiano*. Em 1917, os freis Capuchinhos assumem a edição do semanário, mudando novamente seu nome; desta vez chamou-se *La Stafetta Riograndense*. Em 1921, o jornal é adquirido integralmente pelos freis Capuchinhos, agora donos também das oficinas. Em 1941, no contexto da Segunda Guerra Mundial, passa compulsoriamente a chamar-se *Correio Riograndense*, pois não pode conter textos em línguas estrangeiras, sendo que até então, o jornal continha parte de sua edição escrita em italiano.

⁵³ O jornal *Correio do Povo* foi criado em 1º de outubro de 1895, hoje, então, com 120 anos de existência. Era inicialmente impresso em papel rosa, sendo chamado e conhecido popularmente pelos leitores de “o rosa”. Possui preservado um acervo impresso de aproximadamente 40 mil edições, cujo coordenador atual do referido arquivo, Sr. Willian Keffer, descreve que, para a conservação do papel, é mantido controle sobre a temperatura e a umidade no local. Fazem parte dos registros noticiados pelo jornal eventos históricos como: o desfecho das duas grandes Guerras Mundiais, a Era Vargas, a cinquentenária Campanha da Legalidade, a redemocratização brasileira e o atentado às Torres Gêmeas de 11 de setembro de 2001.

aproveitando para comprar mantimentos ou outras mercadorias não produzidas em Veranópolis.

Todos os entrevistados frequentaram escolas públicas de Veranópolis, porém, nessas histórias de vida, entremeadas de leituras, observamos que nem todos tiveram continuidade em seus estudos escolares naquela época, logo após o término da formação básica. Diversos foram os motivos para a interrupção na formação estudantil,⁵⁴ além da formação pública a que tiveram acesso na localidade em que residiram na Veranópolis da primeira metade do século XX. E dentre esses motivos, identificamos:

a) O limite da formação escolar pública oportunizada nas capelas, comunidades interioranas ou centrais do município de Veranópolis. Além das séries iniciais que compunham a formação básica escolar em Veranópolis, havia continuação dos estudos somente em escolas particulares, com ênfase na formação religiosa, que eram o Colégio das Irmãs de São José, para meninas, e o Colégio Divino Mestre, para os meninos. Foi o caso dos participantes A.R. e L.M.R., que não poderiam pagar pela continuação dos estudos.

b) A prioridade que se impunha de continuar trabalhando na roça para manter a produtividade das terras da família e, assim, ajudar os pais com o sustento de todos. O trabalho braçal exigia tempo e dedicação quase que exclusiva dos colonos. Mesmo assim, o desejo de estudar ainda persistia, porém, naquela época eram inconciliáveis, estudo e trabalho. Não conseguindo priorizar os estudos escolares com tantos afazeres relacionados à agricultura e pecuária das propriedades, muitos tiveram de optar por um deles. Há o caso de C.C., que não conseguia viver sem trabalhar, porém, queria muito continuar os estudos, “saber o que estava escrito nos livros”. E se quisesse continuar estudando, teria de ser para formação religiosa, cuja vocação sentia não ter.

c) Já na juventude, a vida matrimonial e as imposições sociais também se mostraram limitadoras para a continuação dos estudos. Estamos nos referindo ao caso de I.F.L., que conseguiu estudar até o curso normal, em escola particular. Era seu sonho formar-se professora e “lecionar o resto da vida”. Porém, mesmo com o apoio do esposo, ela não pôde continuar estudando e trabalhando, pois precisaram ir morar com os sogros dela, para cuidá-los na doença e velhice e manter a propriedade da família. Os sogros (principalmente a sogra), por sua vez, exigiram do filho que sua esposa ficasse em casa, cuidando da casa e dos filhos.

⁵⁴ Estudos ao menos temporariamente interrompidos. C.C., aos 89 anos, por exemplo, hoje faz graduação em Pedagogia, curso já em fase de estágios em escolas.

d) Os castigos a que eram submetidos alguns alunos, em sala de aula, também foram desestímulos para a continuação dos estudos e o acesso mais diversificado à leitura. É o caso de L.R.B., que jamais foi submetida aos castigos que a impressionaram na escola: ficar de joelhos em sementes de feijão ou milho atrás da porta da sala de aula, porém, o choro e o sofrimento dos colegas marcaram seu período escolar de modo negativo, por isso, pensou em não continuar em um ambiente assim, com medo (de ser castigada) e pena (dos colegas). O que a manteve na escola ao menos até o final dos estudos básicos, foi o fato de ter acesso a livros, periodicamente emprestados pela professora. Por mais severa que fosse, estimulava a leitura entre os alunos, emprestando livros seus, apenas recomendando, com ênfase, que não os danificassem e os devolvessem ao término da leitura.

À história de L.R.B., que tinha medo dos castigos em sala de aula, relacionamos outra história de castigos, contada por Alberto Manguel acerca de escravos afro-americanos, cujas condições de aprendizado eram difíceis, incluindo torturas por parte de seus proprietários, pois ler significava independência, conhecimento e desejo de liberdade não apenas de pensamento. Diferentemente dos castigos presenciados por nossa colaboradora, por desobediência em sala de aula, os castigos aplicados aos referidos escravos que procuravam aprender a ler incluíam: açoites com relho de couro cru ou chicote de nove tiras, e até mesmo amputação da ponta de um dedo indicador: “Nessas circunstâncias, os escravos que quisessem se alfabetizar, eram forçados a encontrar métodos tortuosos de aprender, ou com outros escravos, ou com professores brancos solidários, ou inventando esquemas que lhes permitissem estudar escondido” (MANGUEL, 1999, p.312-313).

A leitura era uma forma de poder a que os senhores de escravos não podiam permitir acesso. Era proibida aos escravos, pois ler significava poder e, assim, certo tipo de liberdade, que ao contrário da liberdade física, os senhores de escravos não poderiam controlar. No caso de nossos colaboradores da pesquisa, podemos fazer uma analogia com a escravidão imposta pela língua portuguesa na escola e em sociedade, fora das comunidades de imigrantes italianos. Eram inúmeras dificuldades para quem estava acostumado a falar somente dialeto italiano em casa. Os leitores em questão, os idosos participantes deste estudo, libertaram-se de grande parte dessas dificuldades aprendendo a ler, ampliando assim, sua capacidade comunicativa, principalmente por estarem decodificando o idioma português falado e escrito.

Refletimos acerca de um conceito antropológico, o etnocentrismo, sobre o qual aprendemos que:

“Em princípio ele consiste em uma postura na qual tomamos a nossa sociedade e a nossa cultura, nossos valores, práticas e crenças, como medida para julgar valores, práticas, crenças, enfim, tudo o que constitui culturas diferentes da nossa. Centrados em nossa *etnia*”.⁵⁵ (SANTOS, 2005, p. 34, grifo nosso).

Houve superação das dificuldades comunicativas por parte de nossos entrevistados, principalmente no ambiente escolar. Naquela época, também em sociedade, de um modo geral, estavam limitados pelo uso da Língua Portuguesa, que ainda não compreendiam satisfatoriamente. Também não era falado em Italiano com eles, fora do ambiente familiar. Tal situação se configurava, pois havia proibição de estrangeirismos, decretada pelo governo brasileiro. A Era Vargas, como ficou conhecido o período em que o Brasil foi governado pelo Presidente Getúlio Vargas, entre os anos de 1930 a 1945, marcou também uma época de preocupação governamental com a identidade e a nacionalização do Brasil. Tal situação ocorreu porque até a década de 1940, chegaram ao Brasil milhares de imigrantes das mais diversificadas nacionalidades, sendo que para o Rio Grande do Sul, a maioria foi de italianos e de alemães.

Assim, o governo proibiu manifestações culturais, bem como o uso de idiomas estrangeiros em locais públicos, ouso materiais que pudessem lembrar os países de origem dos imigrantes. Para tanto, foi baixado um decreto-lei de nº 406 no ano de 1938, que dispunha sobre a entrada de imigrantes no território nacional. Tal comportamento do governo gerou certa revolta em algumas pessoas, as quais manifestavam-se de modo anarquista, como: levando a bandeira de seu país a eventos públicos ou criando sociedades isoladas, onde pudessem viver, mesmo no Brasil, sua própria cultura.

Na realidade dos colaboradores desta pesquisa, o que se sentiu de modo mais marcante naquela época, foi não poder falar de modo natural; algumas vezes, tiveram medo e até vergonha de se expressar em público. E o que se observou foi que houve, apesar de tudo, integração entre as pessoas. Chimarrão e polenta, *radiccicotti* e churrasco foram sendo compartilhados gradativamente com o passar do tempo e os

⁵⁵ Grifo do autor.

grupos sociais foram-se transformando, aprendendo e ensinando, enfim, conhecendo-se e influenciando práticas culturais, como a leitura, pela indicação e compartilhamento de livros e histórias, o que ocorre até hoje, em especial neste estudo.

Concluindo a análise das histórias de leitura descritas, ressaltamos que a mútua legitimação dos sujeitos envolvidos na pesquisa foi o que nos permitiu conhecer essas histórias de vida, marcadas pela leitura. As leituras a que tiveram acesso os participantes de nosso estudo incluem livros religiosos, didáticos e literários, dicionários, jornais e histórias orais.

Nem sempre os idosos participantes de nosso estudo tiveram à mão esses materiais, muitas vezes tendo que os adquirir fora do município de Veranópolis, onde, em sua infância, não havia bibliotecas públicas, nem livrarias, para que pudessem escolhê-los com facilidade e variedade. Pelas narrativas de nossos entrevistados, refletimos acerca de sua condição enquanto membros dos diversos grupos sociais de que fizeram parte em sua infância e juventude, nos quais cresceram e neles desenvolveram seus papéis, conforme o que lhes impôs a cultura permeada pela linguagem e seu entendimento de mundo naquela época, com estímulos e limitações próprios de um município que cresceu com eles.

6.2 Análise das obras – coleções de livros acessados pela pesquisa

Como é possível observar,⁵⁶ ao longo do trabalho fomos tendo indicações de livros lidos ou apenas citados pelos idosos colaboradores. As referências foram reunidas em três listas, conforme o modo a que tivemos acesso a eles, sendo que esses materiais foram citados em ordem aleatória, à medida que os obtivemos em mãos.

São materiais representativos do que circulava e era lido em Veranópolis em meados do século passado. A contemporaneidade limite dos livros nos remete à época em que estiveram nos bancos escolares⁵⁷ os oito entrevistados que colaboraram com esta pesquisa. Suas vivências pessoais referidas⁵⁸ foram, de algum modo, influenciadas por essas leituras, que, realizadas na escola ou fora dela, marcaram um período de sua

⁵⁶ Listas de livros acessados durante a pesquisa nos Anexos B, C e D.

⁵⁷ Até meados do século XX.

⁵⁸ Trechos transcritos das entrevistas ou relatados por nós, na terceira pessoa.

existência. É o que podemos perceber em trechos de suas falas, que serão apresentados adiante, ainda neste capítulo.

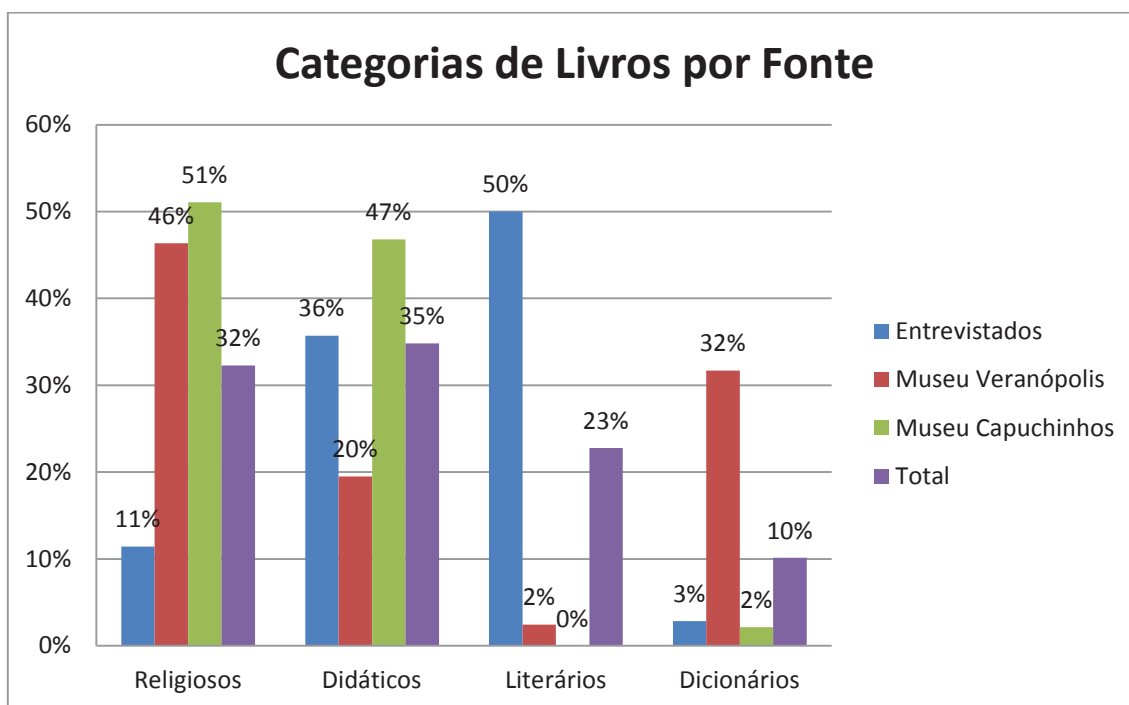
Em número total de 158 itens, esse material foi coletado e consultado em três fontes distintas: diretamente das mãos dos entrevistados, como empréstimo a este estudo; do Museu de Veranópolis – Casa de Cultura Frei Rovílio Costa; e do Museu dos Freis Capuchinhos (Muscap), em Caxias do Sul.

Os materiais referidos foram classificados em:

- a) Livros Religiosos
- b) Livros Didáticos
- c) Livros Literários
- d) Livros Estrangeiros
- e) Dicionários

A partir desses materiais, realizamos dois tipos de análise. A primeira delas quantifica os livros conforme as cinco categorias enumeradas e em relação a cada uma das fontes de origem, mostrando os percentuais com que aparecem em cada uma dessas subdivisões, e trazendo ainda alguns exemplos dessas obras. A segunda análise diz respeito à primeira fonte de acesso aos materiais: os que foram referidos ou emprestados pelos entrevistados. Assim, trazemos informações acerca dos locais e dos ambientes de leitura de que dispunham no passado os colaboradores.

Gráfico 4 – Categorias dos livros conforme a fonte de origem



Como é possível observar no Gráfico 4, pouco mais de um terço dos livros compartilhados pelos sujeitos eram didáticos (36%). Assim, além dos 36% de livros didáticos cedidos pelos entrevistados, identificados também livros religiosos, compondo 11% do total. *Maná ou Alimento da Vida Devota*, *Chave do Céu* e *Segunda História Bíblica*, são livros da pesquisa que exemplificam essa categoria e que foram por muitos anos de uso pessoal diário dos entrevistados ou de seus familiares, que os tinham como apoio para orações, aulas de catequese ou cantos em cerimônias religiosas, como casamentos e batizados.

Em relação aos textos literários, encontramos livros de poesia, contos e romances, que contabilizaram 50% do total, em títulos como: *Jubiabá*, de Jorge Amado; *Cancioneiro Guasca*, de João Simões Lopes Neto; *As Mãos de Meu Filho*, de Érico Veríssimo, e *Obras-Primas da Lírica Brasileira*, com seleção de Manuel Bandeira.

Já os dicionários, dentre os livros apresentados pelos idosos, contabilizaram 3%, nos idiomas: latino-português e inglês-português.

6.3 As três fontes de origem dos livros acessados pela pesquisa

Neste item, trazemos dados de identificação de cada uma das três fontes de origem dos materiais de leitura acessados durante a realização desta pesquisa. Assim, é possível conhecê-las e entender a relação que tiveram esses locais com os materiais referidos pelos entrevistados; locais que acolhem, ainda hoje, alguns dos livros que representam a base da formação leitora dos idosos participantes deste estudo.

Em relação à primeira fonte de aquisição, os materiais recebidos diretamente das mãos dos entrevistados, informamos que foi solicitado aos participantes⁵⁹ que nos emprestassem o que tivessem à disposição, pedido feito desde o primeiro contato ocorrido na sede do Grupo da Longevidade. Eles atenderam a tal solicitação à medida que foram se permitindo participar do estudo,⁶⁰ com relatos das memórias de seu passado escolar e tendo uma participação maior do que a entrevista concedida, falando sobre seus materiais de leitura, sua vida estudantil e familiar. Aos poucos, os oito entrevistados procuraram em casa livros que foram sendo entregues à pesquisadora, com o objetivo de que fizessem parte do estudo. São livros de seus acervos pessoais, sendo que alguns foram materiais de escola, lidos pela obrigatoriedade da formação estudantil ou simplesmente por prazer.

A segunda fonte de origem foi o Museu de Veranópolis⁶¹, integrado à Casa da Cultura Frei Rovílio Costa, instituição da qual apresentamos, a seguir, um breve histórico.

O Museu Histórico Municipal de Veranópolis oferece ao conhecimento do público em geral marcas da trajetória dos imigrantes italianos que contribuíram para a construção desse município e de outros da região, ao longo de 140 anos de história. No local, encontram-se objetos como documentos, artefatos de uso pessoal, de uso doméstico e de trabalho, além de livros, quadros e fotografias de imigrantes italianos e poloneses dos séculos XIX e XX.

O Museu de Veranópolis é parte integrante da Casa da Cultura Frei Rovílio Costa, sendo que para lá nos dirigimos por indicação de R.P., que referiu terem sido

⁵⁹ Questões de números 5 e 6 do questionário base da entrevista (Anexo A).

⁶⁰ Nos primeiros contatos com os participantes, no Grupo da Longevidade, alguns alegavam que não tinham muita coisa para dizer, ou mesmo “nada de interessante”. Não pareciam dispostos a “puxar pela memória” e pensar num passado tão distante.

⁶¹ Cujas listas de livros correspondentes encontra-se como Anexo C deste estudo.

encaminhados, como doação àquela instituição, diversos objetos que pertenciam a sua família. Dentre esses objetos, havia livros que levavam consigo a esperança de preservação não apenas como objetos em si, mas da memória de uma família de imigrantes italianos que fez parte da formação do município de Veranópolis. R.P. comentou que, ao solicitarem abrigo às relíquias de família ao museu, tinham o desejo de que elas não fossem extraviadas, e sim acondicionadas adequadamente, para que outras pessoas pudessem conhecê-las, oportunamente.

Nesse museu, além dos livros enviados pela família de R.P., encontramos outros, de outras famílias, que também haviam confiado ao museu seus livros, alguns dos quais, contemporâneos à época de interesse de nossa pesquisa,⁶² também compuseram a base da formação leitora do grupo pesquisado.

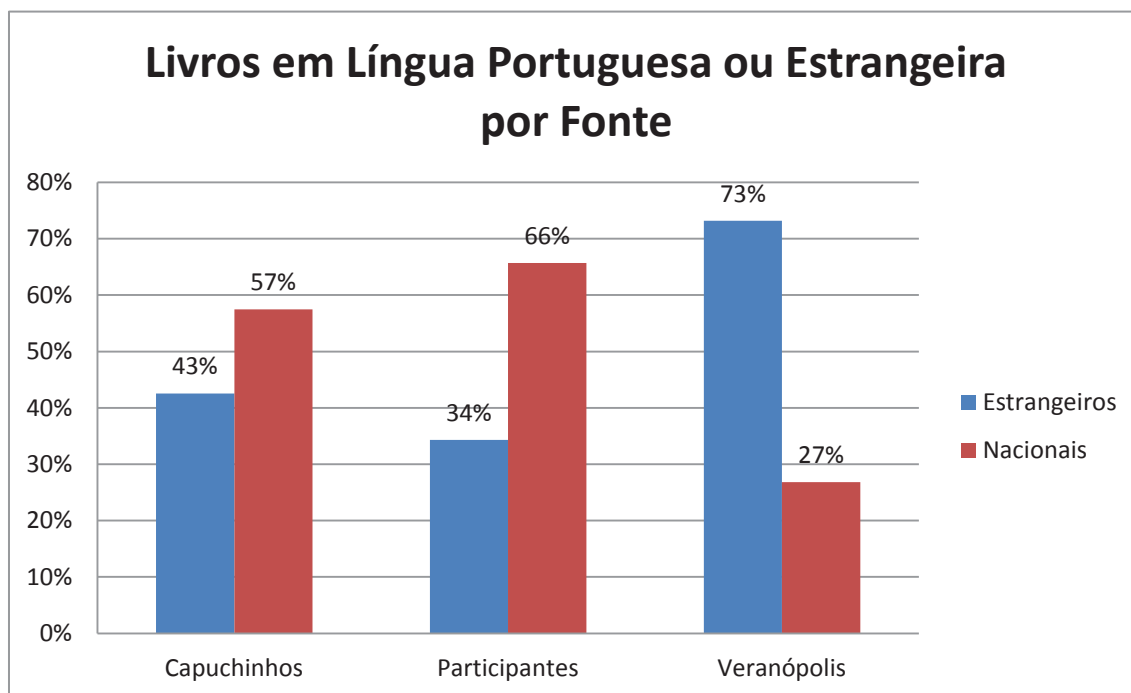
No museu de Veranópolis, pudemos manusear os livros, fazer anotações acerca de dados como anos de publicação, títulos, estado de conservação, autores e editoras, além de obter informações gerais acerca da instituição com a recepção e a assessoria de cultura, que nos receberam.

A terceira fonte de acesso aos materiais apresentados neste trabalho foi o Museu dos Freis Capuchinhos (Muscap),⁶³ de Caxias do Sul, que comporta uma biblioteca cujo acervo é formado por diversos gêneros textuais. São materiais recebidos de seminários da região, instituições religiosas de outras partes do Brasil, e alguns do exterior, especialmente da Itália. Os materiais enviados pelo Seminário de Veranópolis foram nossa motivação para ir até essa outra cidade da serra gaúcha. Os referidos materiais são livros que fizeram parte da formação leitora de um de nossos entrevistados, F.T.M., no tempo em que ele, um noviço interno capuchinho, tinha-os à disposição para sua rotina escolar em Veranópolis. Os livros foram deixados para o acervo do museu, pois nada do que utilizavam era seu em particular; era tudo de uso comum, e os religiosos compartilhavam todas essas fontes de informação e pesquisa durante as aulas.

Gráfico 5 – Livros escritos em português (Nacionais) ou estrangeiros (outros idiomas)

⁶² Até meados do século XX.

⁶³ Cujas lista de livros correspondentes encontra-se como AnexoD deste estudo.



Passando a observar o Gráfico 5, é possível perceber que consideramos as três fontes que nos permitiram acesso aos materiais, para procedermos à distinção em relação aos livros estrangeiros ou traduzidos (nacionais), pois aparecem em grande quantidade (50% do total). Destacamos, entre outros, os livros escritos originalmente em português ou traduzidos para este idioma; há livros também em alemão, inglês e italiano, com obras como: *Maja – Aventuras de uma Abelha*, *Guidebook for Teen-Agerse Vita e Storia de Nanetto Pipetta*, respectivamente.

Considerando a lista dos livros fornecidos diretamente pelos entrevistados,⁶⁴ dizemos que são os que fazem parte de seu acervo familiar desde crianças, e com os quais tiveram uma convivência mais direta: manusearam-nos, leram-nos e deles guardam lembranças ora compartilhadas conosco. São lembranças que marcam informações acerca das motivações que os levavam a ler; lembranças narradas nas entrevistas e que nos apontam características dos locais e dos ambientes que os entrevistados tinham disponíveis para suas leituras; e, ainda, as formas que tinham ao seu alcance para a aquisição de livros, na Veranópolis daquela época.

Neste capítulo também são marcadas as motivações para a leitura, conforme o que pudemos perceber nas entrevistas: prazer e obrigatoriedade. E trazemos ainda, para

⁶⁴ Como Anexo B deste estudo.

o conhecimento do leitor, as fontes de onde provinham esses livros⁶⁵ até chegarem aos entrevistados, e como foram adquiridos por eles alguns dos títulos aqui conhecidos.

Assim, esses livros representam uma parte⁶⁶ do que foi seu acervo pessoal e familiar. A maioria dos livros didáticos, por exemplo, utilizados pelos entrevistados foi usada também por alguns de seus irmãos em outros anos, na mesma escola, conforme a localidade onde residia cada participante da pesquisa. Alguns desses livros foram lidos “mais por obrigação, porque a gente tinha que aprender bem as lição” – conforme relatado por L.M.R., referindo-se, na ocasião, especialmente aos livros *Segunda Aritmética e Pequeno Dicionário Escolar Latino-Português*.

A professora em formação que foi I.F.L. há mais de cinquenta anos, também relatou ter feito leituras obrigatórias, livros que leu para melhor preparar suas aulas de catequese e seus estudos para concurso público. Em relação a isso, nos aponta como especiais os livros *Aritmética – Curso de Admissão e História Sagrada*.

Os livros da primeira fonte de acesso (Anexo B) fazem, ainda hoje, parte do acervo da família, tendo sido adquiridos das mais diversas formas, tais como: comprados na capital Porto Alegre ou em outras cidades maiores do que Veranópolis, diretamente em livrarias; outros foram comprados de segunda-mão (usados), de pessoas mais abastadas conhecidas dos colaboradores, e alguns foram recebidos de presente de algum parente ou pessoa amiga a eles ou a algum membro da família.

O grupo de idosos participantes dessa pesquisa também lia por prazer. Foi com notável comoção que A.R. conversou conosco, contando a história do livro mais importante de sua infância, o qual ainda conserva desde a juventude: *Vita e Storia de Nanetto Pipetta*. Guarda o livro pelo simples prazer de reler, de tempos em tempos, as histórias nas quais identifica valores familiares e da cultura de imigrantes italianos, como foram seus avós paternos. A.R. também refere outro livro de que gostou de ter lido “sozinho”, fora da escola, que foi *Algebra Elementar*, cujo conteúdo contribuiu para seu aprendizado acerca de construção de valas para o escoamento de água da chuva, uma de suas atribuições como zelador de estradas⁶⁷ na localidade de Santo

⁶⁵ E também jornais: como eram adquiridos esses importantes materiais de leitura do público alvo em sua infância e juventude.

⁶⁶ Alguns livros com que conviveram os entrevistados, conforme a história de cada um, foram se perdendo ao longo dos anos, a maioria das pessoas não sabe dizer o destino que tiveram os livros que não mais tinham em mãos.

⁶⁷ Zelador de estradas, conforme explica A.R., era o responsável por fazer a manutenção de trechos de estradas do interior em atividades como: levantar uma árvore que caía prejudicando o trânsito; providenciar o escoamento da água da chuva nos alagamentos ou desentupir valas; manutenção das sinalizações.

Antônio, interior de Veranópolis, onde residia. Relembramos com passagens de sua entrevista, trazidos a seguir: “era importante saber bem matemática”.

Destacamos, ainda, a contribuição de R.P., quando nos diz que para ela, havia poucas oportunidades de viagens de qualquer ordem quando era criança. Era raro poder ir a outras cidades, principalmente nas mais distantes de Veranópolis. Ir à capital, Porto Alegre, ou a Caxias do Sul, ainda que esta seja localizada na serra gaúcha, demandava “quase um dia inteiro de viagem para se chegar até lá” – relembra, referindo também o cansaço físico, as estradas sem asfaltamento e as intempéries a que se expunham nessas ocasiões. Porém, foi dessas cidades que vieram objetos de que necessitavam em casa e que nem sempre se encontravam no comércio veranense, inclusive livros. Eram compras realizadas geralmente sob encomenda a um viajante caminhoneiro amigo da família. “Ele levava o caminhão daqui de Veranópolis carregado de toras de madeira e na volta trazia encomendas de coisas que só tinha em cidade grande”, relata R.P., destacando como era comum esse tipo de comércio: “Uma vez a gente pediu que trouxesse uma mala de viagem, e algumas vezes meu pai pediu livros para nós”. Eram livros para ela e para os irmãos, não necessariamente utilizados na escola, didáticos. “O problema é que não se podia escolher muito os livros porque não se tinha catálogos nem internet”, brinca. “Se tivesse o título certo, era mais fácil, se não, a gente escrevia num papel o assunto que interessava e o viajante via na livraria do Globo ou em outra, conforme a cidade, o que tinha disponível e se dava para comprar com o dinheiro que se mandava por ele”.

H.F.S. também relata compra de livros em outras cidades. Seu pai era caminhoneiro, e das viagens trazia para casa histórias vividas para contar, juntamente com algum livro ou o último exemplar do jornal *Correio Riograndense*, adquirido em Caxias do Sul. Lembra de *Gabriela, Cravo e Canela* e de *Palestras de um Odontólogo* que leu na adolescência; livros trazidos das viagens de seu pai, os quais leu “saboreando página por página, na cozinha” da casa em que residia com a família, no interior de Veranópolis, hoje município emancipado, Cotiporã.

Grande parte (41%)⁶⁸ dos livros que compõem a base da formação leitora dos colaboradores deste estudo, segundo o que conseguimos acessar, estrutura-se em materiais cuja forma de escrita obedece às normas seguidas anteriormente à Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa do ano de 1943. Nesse ano, houve a primeira das

⁶⁸ Porcentagem aproximada, pois há livros em que não conseguimos identificar o ano de impressão: ou porque não havia impressão deste dado ou mesmo porque havia páginas faltando.

duas reformas ortográficas ocorridas no Brasil, sendo a segunda datada do ano de 1971. Podemos observar a escrita que havia como modelo para leitura na época de infância dos hoje idosos colaboradores, nos títulos e demais referências dos livros que acessamos e manuseamos durante o estudo, em alguns exemplares, tais como os trazidos a seguir:⁶⁹

Pequeno Tratado Homeopathico Domestico

Para o uso das famílias

Com os sintomas característicos dos medicamentos homeopathicos mais usados e com a indicação exacta das doses em cada caso

- Versão portuguesa, correcta e augmentada do pharmaceutico Francisco José da Costa, sócio correspondente do Instituto Hahnemanniano do Brazil, efectivo da sociedade pharmaceutica Lusitana de Lisboa
- Primeira Edição Portuguesa

LEIPZIG

Pharmacia Homeopathica Central do Dr. Wilmar Schwabe – 1905

Periodo Latino

- Para uso particular do Seminario Seraphico (Com licença dos Superiores)
- Construcção da Proposição Latina
- Proposições independentes
- Proposições Dependentes
- Varias especies de dependentes
- Nomes Verbaes, Gerundio, Gerundivos, Supino, Participios

Livraria Pessato – Alfredo Chaves – 1931

Apontamentos sobre Composição Portuguesa

José Fialho Dutra

Primeira Edição

Typographia de Cesar Reinhardt – Porto Alegre – 1898

Considerando os três títulos e referências acima descritos como exemplos aleatórios, podemos perceber algumas diferenças na forma de escrita daquela época em

⁶⁹ São títulos encontrados dentre os 158 livros acessados pela pesquisa e encontram-se descritos no Anexo D – identificados, respectivamente com os números 3, 8 e 10 na lista de Livros do Museu dos Capuchinhos, de Caxias do Sul/RS, deste estudo.

relação ao que se tem atualmente como norma da Língua Portuguesa conhecida e utilizada no Brasil:

- Ausência de acento em palavras proparoxítonas, como: *característico*, *participios* e *seraphico*;
- o uso de *th*;
- o uso de *ph* para formar o fonema *f*;
- a palavra *portuguesa* escrita com *z*(portugueza), assim como *Brasil*, também escrito com *z* (Brazil);
- a palavra *verbaes*, hoje escrita *verbais*.

Os livros emprestados para este estudo diretamente pelos entrevistados têm sido guardados em casa desde aquela época, muitos sem manuseio há décadas, exceto “para se tirar o pó”, como diz L.R.B, “porque nunca mais foram usados, mas também ninguém queria colocar eles fora, então, foram ficando”. Alguns foram sendo transferidos de uma residência familiar a outra, como quando houve a necessidade de mudança da casa dos pais, depois do casamento, ou quando a casa dos pais foi vendida. Na época em que os livros eram utilizados na escola, estes faziam parte de um grupo de materiais que incluía: a lousa,⁷⁰ a caneta tinteiro e os cadernos simples do tipo brochura, sem espirais para prender as folhas e sem capas duras e coloridas, como são os cadernos disponíveis atualmente nas prateleiras de papelarias, supermercados e lojas especializadas em materiais escolares.

Um dos aspectos mais marcantes desta pesquisa é a influência que têm os registros da memória para que se revisitem as lembranças que, delimitadas, dão forma às histórias de vida e de leitura aqui registradas. Tais narrativas demonstram constantemente a representação de valores e as percepções dos informantes, renovadas a cada vez que se remetem a lembranças de infância e juventude, fornecendo preciosos dados socioculturais de Veranópolis, de suas localidades interioranas e sobre o comportamento das pessoas com quem conviviam naquela época.

Ao recordarem fatos de um passado tão distante, é comum observar que as pessoas reavaliam o que dizem, escolhem com cuidado as palavras, refletem sobre essas

⁷⁰ Um pequeno quadro de fundo escuro utilizado para escrever em aula e levar atividades escolares escritas para serem feitas em casa; na lousa escrevia-se com uma pequena pedrinha branca e macia, semelhante a um giz.

vivências leitoras e parecem ter receio de que algo possa ser esquecido. É como se hoje, quisessem complementar as lembranças de leitura relacionando-as a outras questões da vida. É com a consciência e a avaliação de adulto de hoje, que cada um escolhe as palavras para contar sua relação com a leitura e os livros com que teve contato. Tais lembranças que ora são evocadas e estão relacionadas à leitura, já foram revisitadas ao longo de suas vidas: em alguns momentos o foram apenas em pensamento; em outros, revisitaram-nas relatando-as aos filhos, aos netos, e até mesmo compartilhando-as em conversas com irmãos ou amigos contemporâneos. E, assim, a cada vez que as memórias relacionadas às histórias de leitura são evocadas, são percebidas e sentidas de modo renovado, influenciadas pelos detalhes e aspectos focados nessas lembranças e nas emoções que despertam, aprimorando suas referências e representações.

Tal renovação de percepções e registros ocorre a cada uma dessas ocasiões em que o leitor evoca as mesmas lembranças em momentos distintos de sua vida. Ao longo da vida, por meio de seu entendimento de mundo, o idoso participante da pesquisa fortaleceu e renovou o conhecimento sobre si mesmo diante dos fatos relacionados às leituras que fizeram parte de sua história e que compartilharam conosco. Da mesma forma, sua experiência em relação à leitura também lhe proporcionou referências e condições de valoração, que, por sua vez, se renovaram a cada intervalo entre essas lembranças. Assim, com sua percepção de agora, enquanto nos contam suas vidas, os fatos na maneira como nos apresentam, trazem as marcas do que viveram e perceberam por si mesmos e pelo discurso do outro, que está sempre marcado no enunciado de suas narrativas. Há detalhes que foram marcados pela fala dos pais, dos familiares, dos professores, em cujo discurso estava, por exemplo, a importância de ler, de continuar os estudos, de se adaptar às normas da escola, como por exemplo: horários e tarefas a serem realizadas em casa, a distribuição das crianças em sala de aula, conforme seu nível de aprendizado.

As lembranças puderam ser também evocadas por fotos, livros, imagens religiosas e outros objetos guardados, por meio dos quais detalhes e situações vividas foram mais facilmente acessadas. Tais objetos são como símbolos, como se através deles ficasse preservado quem os possuiu no passado, ou como se eles pudessem materializar momentos vividos em outra época, conservando-os ainda presentes.

Essas são marcas da linguagem na valoração das histórias de leitura, pois passam a ter novo sentido a cada vez que são revisitadas. O que nossos informantes nos revelaram sobre sua infância e o período de formação escolar em Veranópolis incorpora

toda a experiência posterior que possam relacionar à leitura, a importância dessa prática em sua vida e suas lembranças relacionadas à escola, aos livros, à família. Sua experiência de vida é o que possibilita a renovação de sentido em suas narrativas, evidenciando sua ideologia com as palavras escolhidas, a ênfase demonstrada em alguns detalhes, e não em outros, os recortes que fazem ao relatar determinados fatos. Tudo isso recria sentidos e percepções acerca do que foi a leitura para cada um, em suas jovens experiências em família ou na escola relacionadas ao conhecimento de mundo dos leitores, hoje idosos.

Encerramos essa análise, com a qual pretendemos mostrar a relação que os entrevistados tiveram com os livros da pesquisa, materiais literários e não literários. Suas histórias de leitura da infância e da juventude trazem marcas da memória que hoje revisitam, deixando-nos conhecer, em parte, a percepção que eles tiveram desses livros naquela época, valendo-se, para tanto, das palavras e do saber que têm no presente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto há tantos aspectos relativos à velhice que podem se mostrar negativos e limitadores para os sujeitos, como a fragilidade do corpo e da saúde geral, este trabalho vem mostrar um aspecto positivo dessa fase da vida: registros de memórias e histórias de leitura vivenciadas pelos colaboradores em sua infância e juventude.

Este estudo propõe uma reflexão sobre aspectos do passado rememorados pelos sujeitos investigados para esta pesquisa, por intermédio de histórias de sua formação leitora, marcadas pelos valores religiosos e familiares que essas pessoas receberam como raízes veranenses na primeira metade do século XX. Tais relatos podem contribuir para que se entenda e valorize de modo mais consciente o desenvolvimento do município de Veranópolis na atualidade, no que concerne a estímulos para a leitura. E nos perguntávamos: como é possível identificar os materiais literários e não literários que fizeram parte da formação leitora do público-alvo até meados do século XX?

Para tanto, foi elaborada uma diversificada base teórica acerca da leitura e da memória, procurando relacioná-la ao *corpus* da pesquisa, constituído por oito relatos de idosos veranenses, obtidos por meio de entrevistas, e por três listas de livros, que se formaram a partir das referências citadas pelos participantes. Houve, então, a oportunidade da realização de pesquisas paralelas a um montante de 158 livros referidos por eles. Quisemos saber, por exemplo: de onde vieram esses materiais, como poderiam ser classificados, como marcaram a vida desses distintos leitores participantes deste estudo? Na busca pelos materiais de leitura, passamos a conhecer o Museu de Veranópolis e o Museu dos Freis Capuchinhos, hoje localizado na cidade de Caxias do Sul, na serra gaúcha.

Este estudo apresenta, também, ao conhecimento do leitor, um breve histórico acerca dos jornais gaúchos *Correio do Povo* e *Correio Riograndense*, bem como a forma de acesso a estes periódicos, que se constituem, ainda hoje, em importantes referências leitoras para o público-alvo deste estudo.

Marcas das reformas ortográficas da língua portuguesa, ocorridas no Brasil, puderam ser identificadas pelas diferenças de grafia em alguns dos títulos que constituem parte do *corpus*.

A cultura italiana trazida para Veranópolis, assim como para outros municípios da região serrana gaúcha há 140 anos, influenciou a vida dos leitores em formação dessa

cidade na primeira metade do século XX. É possível perceber essa cultura, esse modo de viver na culinária, na fé religiosa, no trabalho árduo para prover o sustento da família e o desenvolvimento das comunidades, assim como no modo de falar, presente nos relatos e observados durante as entrevistas dos oito sujeitos descendentes de imigrantes italianos, vindos especialmente da região do Vêneto. Por causa de sua origem, os participantes deste trabalho relataram que sofreram limitações em seu modo de expressão, por serem impedidos de externar, em locais públicos, sinais de sua pátria mãe: a Era Vargas proibia estrangeirismos. Diferenças não somente superadas por esses descendentes de imigrantes italianos. Percebemos, outrossim, que pode tal superação ser vista também como um comportamento de integração cultural representativo do que se observa no mundo, onde se estimula e busca a confraternização entre as mais diversas nacionalidades, em viagens de turismo, em intercâmbios culturais e de formação acadêmica mundo afora, como forma de crescimento pessoal e de formação profissional.

Mesmo com todas as dificuldades por que passaram, e, na época, por serem crianças, os entrevistados, hoje idosos, perceberam de outra forma os problemas de comunicação e de continuação de seus estudos. Sua infância e juventude foram marcadas pela leitura prazerosa, em algumas situações, e imposta pela rotina escolar, em outras, porém, a marca da leitura foi forte o suficiente para hoje ser suscitada como lembrança preservada pela memória, calcada por muitas referências afetivas relacionadas à família, à religiosidade e à escola. Assim, foi possível conhecer seus locais de leitura e a forma como adquiriram livros, em uma Veranópolis onde não havia bibliotecas nas escolas públicas, onde a maioria dos entrevistados estudou; nem livrarias, onde se pudesse adquirir leitura diversificada.

Durante a pesquisa, pudemos considerar respondido o questionamento inicial: Como é possível identificar os materiais literários e não literários que fizeram parte da formação leitora do público alvo até meados do século XX? Esses materiais foram identificados por meio dos relatos obtidos através de entrevistas, que seguiram um questionário (Anexo A). Esses relatos sobre histórias orais e livros, sendo que alguns até nos foram alcançados diretamente em mãos, pelos participantes, nos indicaram a base da formação leitora dos indivíduos participantes do estudo. Além de leituras didáticas, religiosas e em jornais, os entrevistados nos permitiram conhecer – ler – particularidades de suas vidas em família, na escola e na comunidade. Foi assim que

passamos a identificar o que liam nossos entrevistados, como e onde o faziam, durante sua formação leitora no município de Veranópolis.

Apesar de não ser o foco desta investigação, durante a pesquisa foi possível observar que alguns colaboradores continuam leitores assíduos, buscando conhecimento e prazer no ato de ler. Ainda hoje, passado mais de meio século das vivências de leitura que originaram as oito histórias aqui apresentadas, os idosos colaboradores com esta pesquisa redescobrem diariamente sua vida vinculada à leitura. Referimo-nos especialmente a: C.C., graduando em Pedagogia; H.F.S., que leciona Italiano e participa do teatro amador desenvolvido em Veranópolis; R.P., que é integrante de um grupo de coral com pessoas de sua faixa etária, tendo colaborado para que as letras das músicas apresentadas por eles fossem registradas em CD gravado em estúdio; e I.F.L., que tem aulas de computação semanalmente, e utiliza a internet como fonte constante de leitura e comunicação.

Esses sujeitos mantêm viva a leitura, não somente em suas vidas, mas também como sendo estímulo aos jovens leitores com quem convivem: netos, alunos, colegas. São pessoas que podem ter interrompido seus estudos em alguma fase da vida, pelos mais diversificados motivos, mas que não se acomodaram, aproveitando incentivos e possibilidades ao longo da vida para continuar lendo, adquirindo conhecimento e mantendo-se participativos em sua comunidade. Cresceram com Veranópolis, que tem lhes proporcionado, e a toda população, uma realidade cada vez mais promissora em relação a estímulos à leitura, não apenas por oferecer bibliotecas em todas as escolas municipais, estaduais e particulares e em núcleos universitários, mas também com ambientes informatizados e com acesso à internet. Eventos culturais, como feiras de livros e concursos literários, também contribuem para que se mantenha cada vez mais forte condicionamento favorável à formação leitora no município.

Por intermédio das histórias de leitura ora compartilhadas com o leitor, pretendemos instigar a realização de novos estudos que considerem registros de experiências leitoras. Assim, será possível, cada vez mais, conhecer maior diversidade de leitores e suas particularidades, que, por sua vez, estarão vinculadas às peculiaridades da cultura, preservada o quanto possível, do local e do tempo em que vivem.

REFERÊNCIAS

BONAFÉ, Marilene de Carli. *Memória, literatura e cultura: as vozes de mulheres italianas*. Passo Fundo: UPF Editora, 2007.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. 2.ed. São Paulo: T.A. Queiroz; USP, 1987.
_____. *O tempo vivo da memória – ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

CAMPAGNONI, Luiz. *O elemento de Ascendência Italiana e as Profissões Liberais*. In: BERTASO, Henrique D'Avila. LIMA, Mário de Almeida (Org.). *Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no rio Grande do Sul: Órgão Oficial da Festa da Uva e Exposição Agro-Industrial*. Ed. Revista do Globo S.A. Porto Alegre-RS. 1950 p. 468-477.

CHARAUDEAU, Patrick. *Análises do Discurso hoje*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.
COSTA, Marta Morais da. *Metodologia do ensino da literatura infantil*. Curitiba: IBPEX, 2007.

COSTA, Rovílio (Org.). *Raízes de Veranópolis*. Porto Alegre: Edições EST, 1998.
FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.

FARINA, Geraldo. *História de Veranópolis*. Veranópolis-RS: SMEC, 1992.
HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Veranópolis*. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

JORNAL CORREIO DO POVO. *Uma História Bem Preservada*. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=117&Numero=25&Caderno=8&Noticia=351828>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

JORNAL CORREIO RIOGRANDENSE. *Histórico*. Disponível em: <<http://jornalcr.com.br/2015/noticias/nanetto-pipetta/24-06-2015/icone-da-imigracao-italiana-no-rio-grande-do-sul>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

LAJOLO, Marisa. Projeto memória de Leitura: pressupostos e itinerários. In: ABREU, Márcia. *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras e FAPESP, 1999. p. 79-100. (Coleção Histórias de Leituras).

MANICA, Pe. Ernesto. O clero, seu papel civilizador durante 75 anos de colonização italiana. In: BERTASO, Henrique D'Avila; LIMA, Mário de Almeida (Org.). *Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul: Órgão Oficial da Festa da Uva e Exposição Agro-Industrial*. Porto Alegre: Revista do Globo S.A., 1950. p.238-254.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

MARQUILHAS, Rita. Sobre a Censura Inquisitorial Portuguesa no Século XVII. In: PETIT, Michèle. *A arte de ler – ou como resistir à adversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

PICHLER, Nadir Antônio; DIEHL, Astor Antonio. *Filosofia do Envelhecimento Humano – considerações históricas e sociológicas*. Passo Fundo: Méritos, 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VERANÓPOLIS. Disponível em: <<http://www.veranopolis.rs.gov.br/>>. Acesso em: 28 out. 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2009.

SANTOS, Rafael José dos. *Antropologia para quem não vai ser antropólogo*. Tomo Editorial. Porto Alegre, 2005.

SOUZA, J. P. Coelho de. A Educação na Região Colonial Italiana. In: BERTASO, Henrique D'Avila; LIMA, Mário de Almeida (Org.). *Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul: Órgão Oficial da Festa da Uva e Exposição Agro-Industrial*. Porto Alegre: Revista do Globo S.A., 1950. p. 372-378.

THOMPSON, Paul. A contribuição da história oral. In: THOMPSON, 1992. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TODOROV, T. As categorias da narrativa literária. In: BARTHES, Roland. *Análise estrutural da narrativa*. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011. p. 257.

ANEXOS

ANEXO A

Questionário utilizado para conduzir nossa abordagem acerca da leitura junto aos entrevistados.

UPF – MESTRADO EM LETRAS

Linha de Pesquisa: Leitura e Formação do Leitor

Orientador: Prof.Dr.Paulo Becker

Mestranda: Rolcinéia R.Boff

Período: 2013/2015

Nome: Data Nasc.:

Idade: Nacionalidade:

Você é alfabetizado desde que idade?

Você frequentou escola? SIM () Escolaridade: NÃO ()

De que forma aprendeu a ler?

.....

O que você costumava ler:

Na infância?.....

.....

Na juventude (até os vinte anos de idade) ?

.....

– Você ainda possui guardados alguns desses materiais? SIM () NÃO ()

6 – Você poderia nos mostrar ou emprestar esses materiais de leitura?

SIM () NÃO ()

7– Seus pais e outros familiares costumavam ler para você quando era criança? SIM ()

NÃO ()

8– O que costumavam ler?

9– Quais eram seus materiais escolares?

.....

10 - Você gostava de ler ? Sim () Não () Por quê?.....

11- Pense em histórias que gostava de ouvir e cite exemplo(s).

ANEXO B

LIVROS DO MUSEU DOS CAPUCHINHOS – CAXIAS DO SUL-RS

1- Doutrina Católica

- Manual de instrução religiosa para o uso dos ginásios, colégios e catequistas voluntários – Curso Superior – 1ª Parte: O DOGMA (Símbolo dos Apóstolos), e 2ª parte: MORAL (Mandamentos)
- Coleção de livros didáticos F.T.D: Deus-Pátria-Família
Autor: Boulenger- Tradução de Mário Bachelett
Livraria Francisco Alves – Paulo de Azevedo & Cia.Ltda. RJ, BH e SP – 1927

2- Primeira Seleta Latina

- Epitome Historiae Sacraev – Lhomond
- Sentenças – Público Siro
- História Romana – Eutrópio
- Fábulas Escolhidas – Fedro
- Fatos e Ditos Memoráveis – Valério Máximo
- Autor: Luiz Galidie
- Livraria Francisco Alves Paulo de Azevedo & Cia. Ltda. RJ, SP e BH – 1926

3- Pequeno Tratado Homeopathico Doméstico

- Para o uso das famílias
- Com os sintomas característicos dos medicamentos homeopathicos mais usados e com a indicação exacta das doses em cada caso
- Versão portugueza, correcta e augmentada do pharmaceutico Francisco José da Costa, sócio correspondente do Instituto Hahnemanniano do Brazil, efectivo da sociedade pharmaceutica Lusitana de Lisboa
- Primeira Edição Portugueza
- LEIPZIG – Pharmacia Homeopatica Central do Dr. Wllmar Schwabe – 1905

4- Compêndio de Literatura Cristã

- Cônego Alfredo Xavier Pedroza – Professor de Português e Literatura do Seminário Arquidiocesano de Olinda
- Edições Globo – Porto Alegre-RS – 1937

5- Primeiro Curso de Gramática Elementar da Língua Francesa

- Para as aulas brasileiras
- Autora: Eduwiges Wolkmer
- Coleção S.T. 22ª Edição – 1897
- Edição da Livraria Selbach de Selbach & Cia.

6- Pequeno Dicionário Latino-Português

- Organizado por UM GRUPO DE PROFESÔRES
- Revisto por: FERNANDO DE AZEVEDO
- Cia. Editorial Nacional São Paulo-SP – 1944

7- Antologia Latina

Germán J. Rinsche y P. Antonio Guasch, S.I.

- Análisis, Traducciones, Composiciones, Conversaciones, Nociones de Mitología, Láminas y Mapas de La Antigüedad Clásica, Vocabulário doble
- Dr. Em Filosofía – Profesor de Lenguas y Humanidades en El Seminario Metropolitano Pontificio de Villa Devoto
- Tomo Primeiro – Buenos Aires – 1939

8- Periodo Latino

- Para uso particular do Seminario Seraphico (Com licença dos Superiores)
- Construcção da Proposição Latina
- Proposições independentes
- Proposições Dependentes
- Varias espécies de dependentes
- Nomes Verbaes, Gerundio, Gerundivos, Supino, Participios
- Livraria Pessato – Alfredo Chaves – 1931

9- Lingua Latina – Trechos Escolhidos

Autores: Vilhena Moraes e Orlando Fonseca

- De accordo com os programas officiaes, para o uso do 4º e 5º anno curso Gymnasial
- Bibliotheca Pedagogica Brasileira – BPB – Serie II – Livros Didacticos- Vol. LVIII – Cia. Editorial Nacional – São Paulo-SP – 1936

10- Apontamentos sobre Composição Portuguesa

Autor: José Fialho Dutra

Typographia de Cesar Reinhard – Primeira Edição – Porto Alegre – 1898

11- O Italiano sem mestre – em 50 lições – NOVO MÉTODO POPULAR

- Para uso das famílias, de todos os estabelecimentos de instrução dum e outro sexo, dos que se dedicam ao comércio e à indústria, dos que frequentam as escolas de artes e officios, etc, etc.

Autor: Jacob Bensabat – Ex-professor de inglês do Liceu Central do Porto, últimamente professor particular de inglês e de francês, e autor de várias obras sobre instrução primária e secundária.

Quinta Edição – revista, corrigida e modernizada pelo professor Dr. Enzio Di Poppa

Lello & Irmão – Editores

144, Rua das Carmelitas – Porto, Lisboa

12- Gramatica Latina

Autores: Padres José Puppo e João Ravizza (Salesianos)

- Undécima Edição Organizada por Julio Comba

Editora: Escola Industrial Dom Bosco

Niterói – RJ – 24 de Fevereiro de 1947 (Nona Edição em 1940)

13- Manuale di Pietà – Pax et Bonum

- Ad uso dei Frati Minori Cappuccini – com approvazione dei superiori in 1927

Autora: Isola Del Liri

Editora: Soc. Tip. A. Macioce & Pisani – 1928

14- Massime Eterne

Per Don Francesco Chiminello – Professor di Seminario
 - Di San Alfonso de Liguori e Giordino di Divozione Per Buoni Cristiani
 Editora: stabilimenti Benziger & Co. S.A. – Tipografi Della Santa Sede Apostolica
 Einsiedln, Svizzera – Curiae – 1º Aug. 1919

15- Il Beato Corrado da Parzham

Autor: P. Felice da Porretta – Dei Minori Cappuccini Provinciale della Provinciadi Toscana
 - Com prefazione di Mons. Carlo Salotti
 Editora: Tipografia Poliglotta Vaticana – 1930

16- Aprendeí a Música ou Breve Tratado Teórico Prático de Música

– Primeira Parte
 Pe. Frei Exupério, Capuchinho
 Imprimatur – Caxias do Sul – 15/01/1951
 Composto nas oficinas gráficas do “Correio Rio-Grandense” – Garibaldi-RS

17- Na-Luz-Perpetua

- Leituras Religiosas da Vida dos Santos de Deus, para todos os dias do anno, apresentadas ao povo christão
 Por: João Baptista Lehmann – Sacerdote da Congregação do Verbo Divino
 II. Volume
 II Edição revista e augmentada – com aprovação da autoridade ecclesiastica e dos Superiores
 Typographia do “Lar Catholico” – Juiz de Fóra – Estado de Minas – 1935

18- Breve Suntu della Vita

Del Vem. Servo di Dio – Antonio Maria Claret – Fondatore della Congregazione dei Missionari, Figli dell’immacolato cuore di Maria
 Roma, 1924 – Officina Tipografica R. De Luca – Governo Vecchio, 32

19- Noções de Educação Doméstica

- Para as alunas do curso ginásial e do curso normal
 De acordo com o programa *É um livro que deve ser lido por todas as noivas. (grifo da edição)*
 Autora: Irene de Albuquerque – diplomada pela Universidade do Distrito Federal e pela Faculdade Nacional de Filosofia – Professora do Curso Normal do Instituto de Educação - 2ª Edição Editora Getulio Costa

20- Vida Prodigiosa de São Geraldo Majella

- Da Congregação Redentorista pelo Padre Francisco Alves da mesma Congregação
 Rio-Fortaleza-São Paulo-Caxias do Sul
 - Edições Paulinas – São Paulo – 17-V-1949

21- Sociologia Educacional

1ª Parte: Sociologia Geral

Biblioteca Universitária – Educação – série 3ª nº7

Autor: David Snedden – Professor da Universidade da Columbia (Estados unidos da América do Norte)

Tradução de Adolfo Packer

Saraiva & Cia. – Editores – Livr. Acadêmica Largo do Ouvidor – São Paulo/SP/1941

22- Formação Preliminar dos Nossos Cruzados

- Cruzada Eucarística Infantil – Coleção “Fides Intrepida”

Padre Antonio de Castro Mayer – Censor Diocesano e Pe. Ernesto de Paula

Editora: Apostolado da Oração – Nov.1938

23- O perigo dos collegios protestantes

Pe. Julio Maria – missionário de Nossa Senhor do S.S.Sacramento

Terceira Edição - Ed. Vozes – Petrópolis/RJ – 1929

24- Pequenos Episódios

MarioFilo

Ed. Vozes Ltda. – Petrópolis – Est. Do Rio – 1940

25- Panorama do Cristianismo

Humberto Rohden

- Suma da Doutrina de Cristo; organizada com textos bíblicos e oferecida aos espíritos cultos de todos os credos

Rio de Janeiro – 1941

26- Panorama da Literatura Latina

FerruccioRubbiani – Da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Campinas da Sociedade de Estudos Filosóficos de São Paulo

Edição da Livraria Humberto Ghiggino – São Paulo-SP – 1942

27- VadeMecum – Viva Jesus

- Proposto às almas religiosas por um pio autor

Tradução do P. Amando Adriano Lochus S.J.

2ª Edição - 1928

Autorizado pela Revma. Madre Superiora da Visitação Santa-Maria, de Cómico

28- O cupido do collegioCampion

Pelo P. Francisco Finn S.J.

Traduzido do Inglês por Justino Mendes

Biblioteca do D’O Echo – para a mocidade e as famílias - Vol. VII

Livraria Selbach de J.R. da Fonseca & Cia. – Porto Alegre-RS

29- A luz das montanhas

De Francisco Weiser S.J.

Tradução de Arnaldo Bruxel S.J.

Nº1 dos “Bons Livros do Centro”

Editora: Tipografia do Centro – Porto Alegre – 1938

30- Rapazes de Truz

- Narrativa Colegial

Biblioteca do Echo Vol. II

Por Ricardo P. Garrold – Versão Brasileira de H. Rohden Auctorizada pelo Auctor – Livraria Selbach – Porto Alegre

31- Frei Luis de Souza – Vida de D. Frei Bartolomeu dos Martires

Antologia Portuguesa organizada por Agostinho de Campos

2ª Edição

Livrarias Aillaud e Bertrand Paris – Lisboa

Livraria Chardron – Porto e Livraria Francisco Alves – Rio de Janeiro – 1921

32- Gramática e Antologia Francesa

1ª e 2ª série

Por João H. Fassina e J. Mesquita de Carvalho

Edição da Livraria Selbach – Porto Alegre-RS

33- S.T. Gramática Francesa – 2º Curso

Eduwiges Volkmer

Gramática elementar da Língua Francesa para as aulas brasileiras, seguida de Exercícios de Conversação e Redação e Trechos de Leitura

8ª Edição

Livraria Selbach – Porto Alegre – 1898

34- Língua Italiana

Julio Comba S.S.

Escolas Profissionais Salesianas – São Paulo – 1947

35- Arte de Escrever – Um pouco da sua Filosofia

Cruz Malpique – Professor do Liceu Alexandre Herculano, do Porto

Editora: Educação Nacional – de Adolfo Machado – Porto – 1949

Coleção Didática

36- Lettere Del Padre Luigi di La Vèrnaz

Ai suoi Seminaristi – Parrochiadi Alfredo Chaves

Centro da Boa imprensa – Porto Alegre-/RS – 1937/1938

37- Grammatica da Lingua Nacional

Methodo Pratico

Por Dr. Carlos Porto Carreiro

(Segundo anno)

“Labor omniavincit”

Editor: Jacinto Ribeiro dos Santos – Rio de Janeiro – 1918

38- O Sol de Assis

Brazilina de Alencar

Ilustrações de Marina Leão Teixeira

7º Centenario do Glorioso Transito do Seraphico Pae de São Francisco de Assis

Typographia das “Vozes” de Petópolis – RJ – 1936

39- Elevações

Pe. José Torres da Costa – 1946 (MCMXLVI)
Imprimi Potest – Fortaleza – 1945

40- Os Contos dos Anjos – “Talium est enim regnum caelorum” – Porque dos taes é o reino dos céus (S. Matheus, XIX, 14) Versão Livre

P.F.G. Faber – do oratorio de Londres
Escola Typ. Salesiana – Nichtheroy – 1920

41- LES Morts Vivent-ils?

Paul Heuzé
- Enquêtes sur l'état présent des sciences psychiques
Editora: La Renaissance Du Livre – Paris – 1921

42- Conferências sobre a ordem Terceira Franciscana

Frei F. de Alcira O.F.M. Cap.
Vol. II
Traduzido do Espanhol pelo Frei Diogo de Freitas, O.F.M.
Editora Vozes Limitada – Rio de Janeiro e São Paulo – 1945

43- RR. Scuole Italiane All' Estero

Portafoglio D'Um Operaio
Ordinato e publicato da Cesare Cantú
Quinta Edizione milanese com incisioni
Casa Editrice Ditta Giacomo Agnelli – Milano – 1868

44- Apontamentos sobre Composição Portuguesa

José Fialho Dutra
Primeira Edição
Typographia de Cesar Reinhardt – Porto Alegre – 1898

45- Ephemerides Rio-Grandenses

Clemenciano Barnasque
Livraria Selbach – Porto Alegre – 1931

46- História Sagrada do Antigo e do Novo Testamento

Décima Edição
Frei Bruno Heuser, O.F.M.
Editora “Vozes” – Petrópolis-RJ – 1937

47- Santo Affonso de Ligorio

De 1696 a 1787
R.P. Berthe
Edição Abreviada vertida para o portuguez por
Pe. Oscar Chagas Azeredo
Escolas profissionais Salesianas do lyceu do Sagrado Coração de Jesus
- São Paulo – 1931

ANEXO C

LIVROS DO MUSEU DE VERANÓPOLIS

1. **Nossa Época à Luz da Prophecia**
William Ambrose Spicer
Tradução: Prof. Flavio L. Monteiro
2ª Edição
Casa Publicadora Brasileira – Estação de São Bernardo-SP – 1917
2. **Antonio da Rocha Marmo (Antoninho)**
“Viveu, sofreu e morreu amando a Jesus”
Pe. Olegario da Silva Baraia
Oficinas Gráficas da “Ave Maria” – São Paulo, 1938
3. **E Job disse a Deus...**
Peter Lippert
Título original: Der Mensch Job redet Mit Gott
Copyright by Verlag Ars Sacra de Joseff Müller –Munique
Tradução de Gudrun Hamrol
Editorial Aster, Lda. – Lisboa e Casa do Castelo-Editora – Coimbra – 1958
4. **Cura Idroterapica**
Sebastiano Kneipp
Traduzione Autorizzata: Dr. L. Moltini e Del Dr. De Guggenberg
Com Prefazione Del Dr. Antonio Marro
Quarta Edizione
Tipografia Editrice di Giuseppe Koesel – Kempten – Baviera – Torino – Carlo Clausen e Palermo – 1896
5. **Lettere Del Padre Luigi Di La Vernaz**
Diocese de Caxias do Sul-RS – 1937
Prefaciado pelo Bispo de Caxias Revmo. Sr. P. Felix Fortunato Busatta
6. **Normas Práticas para os Catequistas**
Pe. Aleixo de Caxias - Capuchinho
Editora La Salle – Canoas-RS – 1948 – 1957
7. **Terceiro Catecismo da doutrina Cristã**
Aprovado pelos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias
Eclesiásticas Meridionais do Brasil
Primeira Edição Oficial
Livraria Selbach – Porto Alegre-RS

8. La Grande Promessa

Autor: Arturo Mil...(neste ponto há um rasgo na página e não é possível identificar o restante do nome – se há outras letras)

II. Edizione aumentata

Casa Editoriale Luigi Favero – Vicenza – 1927

9. Langenscheidts – Universal Wörterbuch

Prof. G. Langenscheidts

Italienisch – Teil I Italienisch-Deutsch / Teil II Deutsch-Italienisch

Berlin-Schöneberg – 1931

10. História Sagrada

- Para o uso das Escolas e das Famílias

Curso Médio

Escrito por: Irmão Isidoro Dumont

Livraria Francisco Alves – Editora Paulo de Azevedo – RJ e BH – 1926

11. Langenscheidts – TaschenWörterbuch

Der spanischen und deutschen Sprache

Erster Teil: Spanisch-Deutsch

Neubearbeitung Von Dr. Eberhard Vogel – lektor des Spanischena der Technischen Hochschule zu Aachen

20. Auflage

Berlin-Schöneberg, 1927

12. Fonolexika Langenscheidt

- Para viaje, lectura, conversación y para o uso de las escuelas

Langenscheidts Taschenwörterbücher

- Für Reise, Lektüre, Konversation und den Schulgebrauch

Segunda parte: Deutsch-Spanisch

Traducción: A. Paz y Méria

Berlin-Schöneberg, 1910

13. Langenscheidts Taschenwörterbuch

- der Portugiesischen und deutschen Sprache

Erster Teil

Portugiesisch-Deutsch

Sammeln zusammengestellt Von Luise Ey

Angabe der Aussprache Von Dr. Gustav Rolin

Berlin-Schöneberg - Dreizehnte Auflage – 1911

14. La Genesi – Primo libro di Mosé

Obs.: livro escrito em Italiano, com páginas iniciais e algumas partes de páginas internas faltando, sem condições de identificação de data, editora ou autoria.

15. Novo Dicionário Portátil da Língua Portuguesa

- Compilado dos dicionários mais modernos sob a direção de
M. M. Dantas
Aillaud & Cia. – Casa Editora e de Comissão – Paris e Lisboa
Obs.: Livro em mau estado de conservação; sem identificação de ano de
publicação; há um selo colado na parte interna da primeira capa com os dizeres:
“Livraria Universal de Echenique Irmãos & Cia. Pelotas, Porto Alegre, Rio
Grande”. (Um selo de importação?)

16. Italienisch

Meyers Sprachführer
Konversations = Wörterbuch Von Dr. Rudolf Kleinpaul
Dritte Auflage, neubearbeitet Von Prof. Dr. Bertold Wiefe
Leipzig und Wien – 1901
Bibliographisches Institut

17. Missale Romanum

S. Sedis Apostolice et S. Rituum – Congregationis Typographi
Ano de 1952 MCMLII

18. Sauer-Rupert

Spanische – Konversations-Grammatik
Methode Gaspey Otto-Sauer
Julius Groos, Heidelberg

19. Terceiro Livro de Leitura 1ª Série das Leituras Escolhidas

- Para as Aulas Primárias
Alfredo Cl. Pinto
51ª Edição Correcta e muito Augmentada
Livrários Editores – Livraria Selbach – de J.R. da Fonseca
Porto Alegre – 1929

20. Missa em Honra do S. Coração

P. Exupério, o.f.m.c.
Tipografia Correio Rio-Grandense
Garibaldi-RS

21. Missa em Honra a N.S. de Lourdes

P. Exuperio O.F.M. Cap. e
Reimprimatur – Frei José Barea – Bispo de Caxias do Sul
Tipografia do Correio Rio-Grandense
Garibaldi-RS

22. Análise Sintática

Estrutura e Equivalência Intraoracionais
Teoria e prática – Grau Médio
Antônio J. Chediak
Edição da “Organização Simões”
Rio – 1955

- 23. Spanisch=DeutschesundDeutsch=Spanisches**
 Talchen=Wörterbuch
 Von Hans Ossig
 Lipzig -Drud und Verlag Von BhilippReclamjun.
- 24. Dicionário Mandarim-Português**
 Obs.: não foi possível identificação de data, nem editora ou local de origem;
 dados que talvez estejam nas primeiras páginas - escritas exclusivamente em mandarim.
- 25. Taschen-wörterbuch**
 Berungarischen und deuschenSprache – Schul und Reise
 Von Moritz Balaggi
 Deutsch=ungarischertheil Budapest – EinundzwanzigsteAuflage
 Franklin-Berein – uing, literar, unstalt und Buschbruderei
- 26. Taschenwörterbuch**
 Der englischenunddeutschensprache
 MethodeToussaint-Langenscheidt
 ZweiterTeil – Deutsch-Englisch
 Zusammengestellt Von Dr. Hermann Lindemann
 DreizehnterevidierteAuflage – Berlin-Schöneberg
 13ª edição revisada.
- 27. Bibliothek der Unterhaltung und des Willens**
 Erzählung Von Elizabeth Botthelfmit Willem Von Fritz Bergen
 Thargang,1910 – Band 2
- 28. Nouveau Dictionnaire de Poche**
 Français-Italien et Italien-Français
 Per Charles Boselli – Prof. au “CircolodiPubblicoInsegnamento” de Milan.
 Fratelli Treves, Éditeurs
 Milano, maggio 1900
- 29. A Lingua Italiana para os Brasileiros**
 “Itala gente dallemoltevite”
 Biblioteca di Studi ItalianiDiretta da G. D. Leoni
 Quarta Edição – Completamente Renovada
 Livraria Nobel S.A.
 Estabelecimento Gráfico Politipo Ltda. São Paulo, Abril de 1956
- 30. Grammatica da LinguaAllemã**
 Guilherme Henrique Theodoro Schiefler
 Rio de Janeiro, 1861

31. FonolexikaLangenscheidt

Rioko, Bangaku, Kaiwa, gakkkojeten
 LANGENSSCHEIDT TASCHENWÖRTERBUCH
 FürReise, Lektüre, Konversatio und den Schulgebrauch
 ZweiterTeil
 Deutsch-Japanisch Von Rennosuke Fujisawa
 ZweiteAuflage
 Berlin-Scöneberg, 1914

32. QuindiciSabati

Del SantissimoRosario – DivozioneEfficacissima
 Per OttonereQualunqueGrazia
 Comm. Avv. Bartolo Longo
 VeintesianonaEdizione
 Editora Valle di Pompei – Valle di Pompei, 1919

33. Manual da Ordem Terceira de S.Francisco de Assis

Compilado pelos padres franciscanos e missionários capuchinhos do Brasil
 3ª Edição oficial (Primeira Edição 1934)
 Ed. Vozes – Petrópolis – Estado do Rio – 1942

34. LangenscheidtsHandbüker der Handelskorrespondenz

Von Karl Blattner
 Englischfürkaufleute
 3. Auflage – EingetrageneSchutzmarke

35. Horvát-Magyar és Magyar-Horvát

ZSEBSZÓTÁR
 Tekintettel A kétnyelvészolásaira
 Szerkesztette Dr. Margalitz Ede – EgyetemiTanár
 Editora: AZ AthenaeumIrod. És Nyomdai R. TárbulatKiadasa.
 Budapest – 1898

36. Filotéa

- ou introdução à vida devota
 Por S. Francisco de Sales – Bispo e Príncipe de Genebra
 Traduzida por Frei João José P. de Castro, o.f.m.
 Sexta Edição – Editora Vozes – Ltda. – Petrópolis – Estado do Rio – 15/10/1940

37. LoStampatore

- A chi legge
 Obs.: É um livro escrito em italiano; não há identificação de editora, nem data, porém, há na primeira página interna, escrita à mão e à tinta, o seguinte:
“Nelgiorno 18 Dicembreanno 1883 quiseriesse Fontana Antonio i GiovanBattista nato e domiciliato in Enego. Nell’anno 1860 CaporalenegliAlpini”. Parece ser um livro de anotações e desenhos de modelos de colunas e pedestais.

38. Massime Eterne

Di s. Alfonsode'Liguori e GiordinodiDevozione
Aggiuntive i VesperidelleDomeniche e della B.V. Maria
XXII Edizione – Reveduta e Correta
Libreria Religiosa Pietro Marcolin
Treviso – Via Vittorio Emanuele – 1897

39. Alla Venerata Memória di

Sua Eccza. Illma. e Revma. Mons. Eugenio Lachat
ArcivescovodiDamiata
Vite dei Santi
Dedica e Consacra

ANEXO D**LISTA DE LIVROS EMPRESTADOS PELOS IDOSOS**

1. **“O Egípcio”** (Romance)
Autor: Mika Waltari
Título original Finlandês: SinuheEgytilainen
Tradução: José Geraldo Vieira
Gráfica Editora Brasileira Ltda. Porto Alegre-RS – 1949

2. **Guidebook for Teen-Agers**
Gladys Gardner Jenkins, M.A
Helen S. Shacters, Ph.D.
Illustrations by Connie Moran
Philippines Copyright by Scot, Foresman and Company
Ano:1955

3. **Todo em LineasSteinberg**
Por Conrado NaléRoxlo
Editorial Abril
Argentina, Buenos Aires – 1945

4. **O Homem que olhava o trem passar**
Título original francês: L’Hombrequiregardaitpasserlestrains
Todos os direitos de tradução reservados à Livraria do Globo
Porto Alegre-RS – 1953

5. **O Homem que calculava** (Romance)
Malba Tahan
Editora: Record
Ano: 1939

6. **A Barca de Gleyre – 1º Tomo**
- Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel
Obras Completas de Monteiro Lobato – Vol.11
Editora Brasiliense Ltda.
São Paulo-SP – 1959

7. **O Rei de Ferro – 1º Volume de “Os Reis Malditos”**
Maurice Druon
Tradução de Nair Lacerda
Edição: Difusão Européia do Livro
São Paulo-SP – 1961 (2ª Edição) – 1ª Edição: 1948

8. Salomé – Obras de Menotti Del Picchia

Capa: Ítalo Bianchi
Livraria Martins Editora
São Paulo-SP – 1939

9. Gabriela, Cravo e Canela

Jorge Amado
Livraria Martins Editora – São Paulo-SP – 1958

10. Boêmios Errantes (Romance)

John Steinbeck
Tradução de Edison Carneiro
Título original: Tortilla Flat
Casa Editora Vecchi – Rio de Janeiro-RJ – Junho de 1937 (2ª Edição)

11. Jubiabá (Romance)

Jorge Amado
Livraria José Olympio Editora
Rio de Janeiro-RJ – 1935

12. Sagarana

João Guimarães Rosa
Editora Universal – Rio de Janeiro-RJ – Abril de 1946

13. O meu próprio romance

Graça Aranha
Cia. Editora Nacional – São Paulo-SP – 1931

14. E a Bíblia tinha razão...

- Pesquisas arqueológicas demonstram a verdade histórica dos Livros Sagrados
Ed. Melhoramentos – 1958
Autor: Werner Keller
Título original alemão: Und Die Bibel Hat Doch Recht
Em Edição de: Econ-Verlag GmbH
Tradução de João Távora

15. Maigret e seu morto

Georges Simenon
Título original francês: Maigret et son mort
Ed. Globo Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo – 1956

16. Bunny Lake desapareceu

Evelyn Piper
Título original inglês: Bunny Lake Ismissing
Tradução: Affonso Blacheyre
Editora Distribuidora Record – RJ, SP – 1957

17. Diário de uma jovem

Anne Frank
Título original em inglês: The Diary of a girl - Ed. Mérito S.A. SP, RJ – 1958

- 18. Judeus sem dinheiro** (Romance)
Michel Gold
- 19. O retrato de Dorian Gray**
Oscar Wilde
Clube do Livro – São Paulo-SP – 1946
Tradução de J. Machado
- 20. O colar de Afrodite**
- Coletânea de Excertos e Pensamentos de Pitigrilli compilados por G. Blasset
Casa Editôra Vecchi Ltda. Rio de Janeiro-RJ – 1953
- 21. Catecismo da Doutrina Cristã**
Arquidiocese de Porto Alegre/RS
Edições Paulinas – 15ª Edição – Imprimatur – 28/4/1960
- 22. Maná ou Alimento da alma devota**
- Orações e Exercícios Piedosos compilados por Frei Ambrósio Johanning, O.F.M.
Editôra Vozes – XXI Edição – Rio de Janeiro-RJ e São Paulo-SP – 1950
- 23. Manual da Pia União das Filhas de Maria**
Sob o patrocínio da Virgem Imaculada e de Santa Inês Virgem e Mártir
Compilado por Frei Basílio Röwer, O.F.M.
Editôra Vozes Ltda. Petrópolis-RJ e São Paulo-SP – 1953
- 24. Chave do Céu - Orações**
- Devocionário Popular Compilado por Frei P. Antonio Weber, S.J.
Livraria Selbach – Porto Alegre-RS Reimprimatur 29-XI-1934
- 25. Segunda Aritmética**
José Theodoro de Souza Lobo
Direitos Exclusivos de Edição em Língua Portuguesa da Editora Globo S.A.
Estados Unidos do Brasil
Porto Alegre-RS – 42ª Edição – 1958 (Primeira Edição 1950)
- 26. Enciclopédia Labor S.A.**
- Livro III – 1957
- 27. Poesias Escolhidas**
Castro Alves – 1947
- 28. Dicionário Inglês-Português Ilustrado**
-1951
- 29. Estudos Sociais na Escola Primária**
Biblioteca da Professora Brasileira – 1962
- 30. Álbum de Figurinhas**
- 1955

- 31. Cancioneiro Guasca**
João Simões Lopes Neto
Coleção Província – Ed. Globo – Porto Alegre-RS – 1954
- 32. A Incredulidade do Padre Brown**
G.K. Chesterton
- 33. Las Creencias Fundamentales Del Budismo**
Biblioteca Orientalista – Barcelona – 1922
- 34. Tufão e Outras Histórias**
Josef Conrad
Livreria do Globo – Porto Alegre-RS – 1936
- 35. Antologia do Humanismo e Sátira**
De Gregório de Matos a Vão Gogo
Editora Civilização Brasileira S.A. – 1957
- 36. As mãos de meu filho – Contos e Artigos**
- Érico Veríssimo
Edições Meridiano – Porto Alegre – 1942
- 37. MAJA – Aventuras de uma abelha – para crianças pequenas e grandes**
Waldemar Bonsels
Título do original alemão: Die biene Maja und ihre Abenteuer (Abenteuer)
Tradução autorizada e adaptação de Humberto Rohden
Ilustrações de Marianne Jolowicz – Edições Melhoramentos
- 38. VITA E STORIA DE NANETTO PIPETTA**
– nassuo in Itália e vegnudo in Mérica par catare La cucagna
Autor: Aquiles Bernardi
4ª Edição 1975 – Publicada originalmente entre os anos de 1924 e 1926
Editora São Miguel – Caxias do Sul-RS
- 39. Álbum Comemorativo dos 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul**
Organizadores: Henrique D'Avila Bertaso e Mário de Almeida Lima
Editora: Publicação da Revista do Globo S.A. – Porto Alegre-RS – 1950
- 40. Preces – Missalis et Ritualis Romani**
- Officio Defunctorum
Editora: Libr. Gregoriana Edidit – 1923 – MCMXXIII
- 41. Segunda Historia Biblica**
Exmo. Revmo. Sr. João - Arcebispo de Porto Alegre
- Para uso das Escola Catholicas – 5ª Edição
Livreiros Editores: Livreria Selbach de J.R. da Fonseca & Cia.
Porto Alegre-RS – 1925

ANEXO E**TERMO DE COMPROMISSO**

Termo assinado por nós, orientador e mestrandos, a pedido da coordenação do local de pesquisa, do Projeto Veranópolis, com o compromisso de mantermos sigilo acerca da identificação dos sujeitos participantes deste estudo.

ANEXO F

GLOSSÁRIO: DIALETO VÊNETO – ITALIANO

Seguem algumas palavras ou expressões do dialeto italiano que conhecemos durante as entrevistas, mencionadas pelos participantes deste estudo. São representativas de sua linguagem usual na época em que eram crianças ou jovens e que hoje fazem parte de sua expressividade espontânea ou são suscitadas pela memória, como podemos acompanhar:

Pare ou pupá – pai	Finestra – janela
Mamma ou mare – mãe	Viero – vidro
Zio – tio	Taula – tábua
Zia – tia	Spin – espinho
Nono – avô	Jornale – jornal
Nona – avó	Rizo – arroz
Fiol – filho	Fazui – feijão
Fiola – filha	Salata – alface
Toso – menino	Formaio – queijo
Toseto – nenê	Late – leite
Fradel – irmão	Minestra – sopa
Sorela – irmã	Cecho – pia para louça
Fameia – família	Niciol – lençol
Maridar – casar	Cocin – travesseiro
La corona – o terço	Paion – colchão
Toalin – mesinha	Solaro – sobrado
Tola – mesa	Sucaro – açúcar
Leto – cama	Brodo – caldo (sopa)
Camara – quarto	Fredo – frio

Fievera – febre	Gucha – agulha
Fortaia – omelete	Picolo – pequeno
Brague – calça	Riva in sú –subida
Cótole – vestido	Riva in dô – descida
Paia – palha	Radiza – raiz
Panocha – espiga de milho	Stufo – cansaço
Sorgueto – milho pro gado	Punaro – galinheiro
Vena – aveia	Azeo – vinagre
Stala – estrebaria	Cantina – porão
Staloto – chiqueiro	Maestro – professor
Manhar – comer	Monega – freira
Bevare – beber	Frate – padre
Scola – escola	Pianatare - plantar
Libro – livro	
Studiar – estudar	
Scarpe – sapato	
Chesa – igreja	
Pregar – rezar	
Scrivere – escrever	
Can – cachorro	
Ua – uva	
Vinhal – parreiral	
Colacion – café da manhã	
Campana – sino	
Miel – mel	
Naso – nariz	
Col – pescoço	

